



SÉRIE HERDEIRAS

A Herdeira

LIVRO 1
DAIANE DUARTE



PERIGOSAS NACIONAIS

A Herdeira

PERIGOSAS ACHERON

Copyright ©2018 Daiane Duarte

Todos os direitos reservados

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Revisão: Flávia Monastirsky Ott e Daiane Duarte

Arte da capa: Gabriel Casa Nova e Aldo Costas

Diagramação: Daiane Duarte

Selo Editorial: Nexus-6 Books

Assistência Editorial: Aldo Costas

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Duarte, Daiane
A Herdeira / Daiane Duarte –
Minas Gerais – 2018 (Série
Herdeiras, 1)
ISBN: 978-85-5697-713-7

1ª Edição – 2018

1. Literatura Brasileira 2.
Ficção Histórica I. Título. II.
Série

CDD – B869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura Brasileira CDD 869.93

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte do conteúdo deste livro poderá ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma, seja ele impresso, digital, áudio ou visual sem a expressa autorização da autora.

daianeroses@hotmail.com

PERIGOSAS NACIONAIS

A Herdeira ganhou mesmo antes de seu lançamento três prêmios na categoria romance de época, sendo eles:

Primeiro lugar no Concurso Literário Nacional Estrelas Douradas.

Primeiro Lugar no Concurso Literário Nacional Orion.

Terceiro Lugar no Concurso Literário Nacional Palavras Entrelaçadas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Para minha amiga Gleyce Kelly que sabe bem o quanto é complicado e simples falar da gente, incoerente e compatível pensar em como somos juntas, mas não dá para negar que só uma amizade verdadeira como a nossa consegue sobreviver a tudo que já passamos juntas, pois de diferenças e reconciliações nós podemos dizer que já passamos por quase tudo e descobrimos que rimos e choramos juntas e descobrimos que é o amor que rege nossa amizade e como sabemos, o amor nunca falha!

Espero que goste dessa pequena homenagem!

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Prólogo

A Condenação

Antéria, 1536

Emma Bowe

-O que você quer Emma? –
perguntou o rei assim que me viu
entrar na sala do trono.

– Você! – respondi fazendo uma reverência, mas
sem tirar os olhos dos dele.

– Você sabe muito bem que ninguém pode entrar nesta sala sem que eu o convoque e a posição de vossa família no conselho não eximem você de tais formalidades, então vou perguntar apenas mais uma vez – pausou para olhar para mim. – O que quer aqui Emma?

– Eu já disse! – exclamei em alta voz. – É vossa majestade que eu quero! – falei caminhando em direção ao trono.

– Eu já tenho uma rainha e nunca abriria mão dela por nenhuma outra mulher, nem mesmo teria uma amante, se é o que me sugere de forma tão afrontosa.

– Sei que logo não haverá nenhuma outra entre nós, então não encare o que eu disse como uma leviandade, mas sim como uma boa opção, pois quando lhe mostrar as provas que tenho não haverá dúvidas sobre quem é Charlotte, a vossa rainha!

– Eu conheço muito bem minha esposa, então me poupe de suas lamurias e retire-se da minha presença – disse fazendo sinal para que um dos guardas me acompanhasse.

– Conhece mesmo, vossa majestade? – perguntei

dando outro passo a frente. – Abriu mão de Daisy, a mulher que eu sei que mais amou na vida por Charlotte, aceitou bani-la pela mulher que chamam hoje de rainha, quando na verdade ela é uma víbora traidora que merece a morte!

– Você pode ser mandada para fora por tais acusações, e saiba que nem mesmo seu título a pouparia disso! – esbravejou colocando-se de pé.

– Espero que mantenha a palavra e seja o rei justo que tanto diz ser! – falei entregando-lhe os documentos que provavam a traição de Charlotte.

O rei sentou-se assim que começou a ler, dava para sentir a decepção e a raiva tingirem sua face de um vermelho vivo, um tom que combinava maravilhosamente bem com seus cabelos ruivos.

– Há uma cópia desses documentos com cada membro do conselho e acredito que eles estejam lendo nesse exato momento a prova de que não estou mentindo, mas que diferente do que possa parecer estou agindo pelo bem de Antéria, expondo uma traidora que com suas ações irresponsáveis estava prestes a rebaixar nosso reino a uma província inglesa!

Ele não disse mais nada, apenas passou por mim

PERIGOSAS ACHERON

indo em direção aos aposentos de Charlotte, minha querida prima que ousou cruzar o meu caminho, atitude essa que me custou a coroa.

Como poderia poupá-la? Ainda mais quando deu ao rei a filha saudável que ele tanto desejava?

Teria que tirar ambas de meu caminho assim como tinha feito com Ariella e com Daisy!

Capítulo 1

O Caçador

Antéria, 1536
Lucius Ganner

— **E** u prometo cuidar delas...
— Fale como um homem — gritou
enquanto seu corpo era sacudido

por um violento ataque de tosse. – Você será o homem da casa agora, então me prove que é capaz!

– Eu juro que cuidarei delas – falei sentindo a dor endurecer meu coração. – Nem que isso custe a minha vida.

Ele apenas apertou minha mão, como um gesto de agradecimento e adormeceu. Esperei que outra crise de tosse viesse e que ele despertasse aborrecido e chamando por minha mãe com sua voz rouca e com a braveza que teimava em sustentar mesmo estando tão fraco, mas nada aconteceu.

Coloquei minha mão direita sobre seu coração, na esperança que mesmo fraco, eu o sentisse bater. Mas nada além de uma calma dolorosa era possível de ser sentida. Sabia o que aquilo significava e mesmo assim meu coração tão teimoso quanto ele, ansiava por mais tempo. Acreditava apesar de tudo, que ele logo acordaria e que tudo aquilo não tinha passado de uma percepção errada de alguém em desespero.

O silêncio dominou a casa e naqueles poucos instantes enquanto ainda sentia suas mãos quentes embaixo da minha, engoli todo o sofrimento que queimava em meu coração e de cabeça erguida saí

daquele quarto me sentindo não mais um garoto de onze anos, mas um homem, um homem que teria que caçar todos os dias para garantir a sobrevivência dos que havia jurado proteger.

Vi minha mãe e minhas duas irmãs mais novas chorando. Queria ter dito algo para confortá-las, mas não consegui olhá-las de volta, não queria ver meu sofrimento refletido nos olhos delas. Não queria que enxergassem a minha dor.

Saí de casa direto para a floresta, e me sentei na relva verde que ainda estava úmida por causa da neblina. Respirei fundo o ar gelado daquela manhã de outono e vi a minha volta as árvores despidas e solitárias apesar de tão próximas umas das outras.

Peguei uma de suas folhas do chão e a apertei em minha mão. Aptei com tanta força que sangue escorreu por ela até minha perna e o tecido fino permitiu que sentisse o calor de cada gota em minha pele, um calor que me fez perceber a grandiosidade do quanto estava sozinho.

Queria poder voltar no tempo e ver meu pai me chamando para caçar, com toda sua rispidez e voz forte. Ele era assim, um homem duro a maior parte das vezes, mas um homem bom. Capaz de ser gentil e de sorrir quando via sua família segura e

PERIGOSAS NACIONAIS

saciada. Que trazia flores para a esposa amada e que ninava as filhas pequenas quando não conseguiam dormir.

Sentia-me seguro quando o tinha por perto e meu maior desejo sempre fôra ser motivo de seu orgulho. E ao ouvir os sons da floresta, a imagem do garoto franzino e desajeitado tentando mostrar sua destreza com o arco, surgiu em minha mente, e foi impossível não me lembrar dele ali em pé naquele mesmo lugar me observando caçar. Lembranças essas que trouxeram a dor novamente. A dor de que eu não o veria e nem o teria mais ao meu lado.

Sabia que era um mero plebeu, um camponês que possuía apenas o ar em seus pulmões, mas agora estava decidido. Iria ser igual ao meu pai. Um homem de verdade.

Passei a noite ali sob as estrelas, mas sem derramar uma lágrima sequer e antes que os primeiros raios de sol surgissem no horizonte, eu já estava com meu arco em mãos, preparado para cumprir minha promessa. Voltei para casa arrastando um cervo que tinha pelo menos o triplo do meu peso.

PERIGOSAS ACHERON

Os anos se passaram e cumpri meu juramento, mas a cada dia sentia mais meu coração ser tomado por um escudo de aço. Minha mãe dizia que eu devia me abrir para o amor. Ela achava que um rapaz de vinte e um anos não devia passar todo o tempo na floresta como se fosse um animal.

Meu cabelo comprido e minha barba sempre por fazer, não eram muito atrativos para as mulheres. E eu também não conseguia socializar com aquelas criaturinhas irritantes e sempre preocupadas em tentar acompanhar o estilo das damas da corte. Todas supérfluas demais para valerem a pena. E eu já tinha uma família para sustentar, não precisava de outra boca à mesa.

Naquela manhã fria tinha me levantado ainda antes do sol nascer. Peguei meu arco e as flechas afiadas que tinha feito no dia anterior e saltei de volta para a floresta. Precisava encontrar uma boa presa.

PERIGOSAS NACIONAIS

O final do outono era um período infeliz para um caçador naquela região de Antéria, pois diferente das pessoas os animais podiam passar livremente para além das fronteiras e as melhores presas já estavam escassas. E como não podia fazer o mesmo que elas, eu tinha que me contentar com o pouco que conseguia. Já estava a dois dias me alimentando apenas com o tutano dos ossos de um pequeno porco do mato que tinha conseguido.

A beira do rio Emor, eu fiz barro usando a terra escura de seu leito para cobrir todo meu corpo. Segui todo o meu ritual diário e ao perceber que estava ventando para o sul, me posicionei contra o vento para que as presas não me sentissem chegar. Mas parecia que a sorte estava a meu favor. Notei uma trilha de sangue logo a minha frente. Provavelmente um animal ferido. Segui a trilha até ver fios cor de fogo balançando ao vento. Aquele não era um animal. Era humano. Era uma mulher.

– O que faz aqui? – perguntei a ela.

– Estava caçando! – retrucou com um olhar ígneo e feroz.

– Não deveria estar aqui! Caçar não é para mulheres, é perigoso demais – respondi a observando.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Então vá embora! – disse dando um passo, mas caindo logo em seguida.

– Você se tornará uma presa fácil para qualquer animal. Precisa cuidar desse ferimento primeiro – falei enquanto me aproximava.

– Não preciso da sua ajuda! – gemeu tentando novamente se levantar.

Ignorei tudo que ela dizia e rasguei a barra de seu vestido, fazendo um torniquete em seu tornozelo. Usei uma mistura de ervas que sempre carregava comigo, e coloquei sobre a ferida para estancar o sangue e diminuir a dor. Depois peguei sua botina que estava jogada a poucos metros de nós e tapei o buraco em seu solado com uma tira fina de couro que havia dentro de meu alforje. Calcei seu pé delicadamente, tomando cuidado para não tocar o ferimento.

– Que cheiro horrível! – disse ela tapando o nariz.

– Você também não cheira a rosas e... na verdade nem se parece uma garota, muito menos uma caçadora! – continuei tentando ignorar seu comentário.

Ela engoliu seco e se afastou, como se tivesse se ressentido com as minhas palavras.

– Preciso alimentar minhas irmãs, pois não há

PERIGOSAS ACHERON

ninguém para fazer isso por mim – disse ainda de costas para mim. – Posso não parecer uma dama da corte, mas não deixarei que morram de fome.

Pensei em abandoná-la ali mesmo, mas como poderia ignorar suas palavras?

Eu sabia que o rei não se preocupava com o povo e que muitos passavam fome, mas nunca tinha parado para pensar nas outras famílias, e ao refletir sobre isso acabei percebendo que talvez eu pudesse ignorar o quanto ela era irritante.

– Posso ajudá-la, mas não quero ouvi-la.

– Tudo bem – respondeu rispidamente e começou a me seguir ainda com dificuldade.

Mostrei-lhe esmigalhando folhas ao ar como sabíamos exatamente a direção do vento. Encontrei uma pequena poça de lama que ainda estava fresca e a ajudei a passar por seu corpo.

Ela parecia frágil, porém determinada e a cada pequeno acerto eu me sentia estranhamente feliz. Como se pudesse passar a frente os ensinamentos de meu pai.

Quando percebi que ela estava mais confortável com a situação, permiti que segurasse o arco, mas ela queria parecer melhor do que realmente era e rapidamente pegou uma das flechas. Avistamos de

longe algumas lebres brincando por entre as folhas secas caídas no chão. Posicionei-me atrás dela mostrando-lhe como sentir o alvo antes de atacá-lo.

Nunca tinha ficado tão próximo a uma mulher antes e mesmo com seu pescoço sujo pela lama, conseguia ver frações de uma pele clara e aveludada, e sua cintura era tão fina que tive medo de tocá-la. Medo que fosse quebrar. Então apoiei minha mão esquerda em suas costas e descí até o limite da cintura. Ela se endireitou em resposta ao meu toque, mas continuou concentrada nas lebres a nossa frente.

– Esqueça tudo ao seu redor, seja a flecha, vá até seu alvo com ela – sussurrei em seu ouvido – Sinta o vento, deixe que ele faça parte de você e quando se sentir pronta, atire.

Assim que terminei de falar ela atirou a flecha e acertou o pescoço da lebre. Corremos até lá e ela sorriu pela primeira vez enquanto retirava a flecha do pescoço da criatura ensanguentada. Ela não parecia enojada ou assustada. Talvez com um pouco de pena, mas me surpreendeu vê-la tão à vontade.

Fomos à busca de outros animais e no final do dia já tínhamos dois porcos do mato e três lebres. E

PERIGOSAS NACIONAIS

isso era muito mais do que tinha conseguido na semana inteira.

Levamos as nossas caças para a beira do rio, lavamos as lebres e enquanto acendia a fogueira, eu disse a ela que pouco acima de onde estávamos havia uma caverna, onde ela poderia se lavar em uma pequena fonte termal formada por entre as rochas e assim retirar toda a lama. Ela assentiu com a cabeça e saiu.

Limpei uma das lebres e a deixei sobre as brasas para assar e depois subi para a caverna também, mas ao chegar tive uma visão divina. Os raios de sol do final do dia refletiam sobre ela como se a água estivesse em chamas. Suas formas sobre a água eram de uma beleza quase angelical.

Ela se virou para mim e sorriu. Eu fiquei paralisado com aquela visão. Era como se toda a beleza do mundo tivesse sido condensada naquele pequeno instante, naquele ser tão delicado.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 2

A Aprendiz

Antéria, 1546
Sarah Turner

E stava de frente para aquela pequena caixa de madeira, sentindo uma dor inexplicável, uma dor que imaginava que nunca mais sentiria. Mas ela era minha irmãzinha e sabia que sendo a mais velha, era minha obrigação protegê-la. Tinha jurado a nossa

PERIGOSAS ACHERON

mãe que cuidaria delas, de todas elas, mas tinha fracassado.

Loren era a caçula da família, tinha apenas três anos de idade quando não resistiu a fome e a pobreza absoluta em que vivíamos.

Em um dia ela estava brincando comigo, entrelaçando fitas em meu cabelo como se estivéssemos nos preparando para um baile real, e em outro doente e fraca sem conseguir nem mesmo sustentar um pequeno sorriso em seus lábios trincados e feridos pela febre.

Quando seus olhinhos se fecharam, eu não consegui chorar. A dor me possuiu de tal maneira que parecia estar anestesiada. Talvez presa á um pesadelo horrível, mas sem ter ninguém para me despertar.

Pensei em dar fim a minha própria vida para nunca mais ver o sofrimento de nenhum deles, mas eu não podia fugir. Não depois de nosso pai ter se transformado em um bêbado irresponsável e inconsequente.

Após a morte de minha mãe ele havia se fechado completamente. Nem mesmo estava em casa quando Loren faleceu. Ressentia-me dele, por ser tão fraco e ausente. Por deixar todo peso sobre

meus ombros. Peso esse que a cada dia ficava ainda mais difícil de suportar.

Minhas outras duas irmãs, Beca e Lucy, eram sobreviventes assim como eu. Mas até quando? Quanto mais ainda precisaríamos sofrer?

Ninguém parecia disposto a intervir por nós, então eu decidi deixar de ser apenas a vítima e tentei imitar o espírito guerreiro de minha prima Clarissa, que apesar de tudo que tinha sofrido nunca desistia de lutar pelo que queria e naquele momento tentar ser como ela parecia o melhor a fazer, pois apenas observar não era mais uma opção para mim.

Caminhei de volta para casa com o coração dilacerado, mas não conseguia parar de pensar em Clarissa. Pensar no quanto podíamos ser tão parecidas fisicamente e ao mesmo tempo tão diferentes em todo o resto. Tínhamos quase a mesma idade e os mesmos cabelos ruivos, mas ela era tão segura de si, nunca abaixando a cabeça ou demonstrando fraqueza. Eu, por outro lado, tinha muito medo de ficar sozinha. Temia que os que eu amava sofressem sem que pudesse fazer nada para evitar.

Fechei os olhos com força para afastar todo esse

medo que teimava em vir a minha mente e apressei meus passos. Queria chegar logo em casa, mas ao passar pela soleira da porta, uma ideia me veio à mente. Peguei uma das capas de minha tia Charlotte. Sabia que Clarissa guardava algumas coisas de sua mãe em um velho baú. Não queria mexer nas lembranças dela, pois sabia que por mais que não transparecesse ver a mãe ser decapitada sob as ordens do próprio pai, não era algo a ser esquecido.

Mas naquele momento deixei de lado tudo que pudesse me impedir e peguei a capa vermelha. Não era a mais discreta, porém iria me aquecer.

Corri para fora, e quanto mais me afastava, sentia o vento frio queimar minha pele, e mesmo sem rumo eu sabia com todo meu coração que não iria desistir.

Pensei em ir para o campo e implorar por grãos, mas meu pai tinha sido expulso por beber ao invés de trabalhar. Por muito pouco não perderam toda uma plantação pela negligência dele, e se fosse pega roubando poderia ter minhas mãos cortadas ou ir direto para a forca. As leis eram claras e não enxergavam nada além das ordens de um rei paranoico e cruel. Odiava ter que ouvir os boatos

PERIGOSAS NACIONAIS

sobre a ideia de que eu era uma Walker e não uma Turner. Meu pai podia ser um bêbado, mas nem de longe poderia ser comparado a um homem tão cruel quanto o rei.

O tempo estava passando e ao olhar para além dos campos vi a Floresta, tive medo, mas o rostinho faminto de minhas irmãs me deu forças para prosseguir.

Coloquei o capuz e decidi ir para o único lugar que nem mesmo os homens tinham coragem de enfrentar. Fui para a Floresta de Ulric. Todos a temiam. Diziam que bandidos e assassinos se escondiam por entre as árvores, e que não hesitavam em matar. Uma mulher sozinha em tal lugar só poderia esperar pelo pior, mas essa era minha única chance de conseguir comida. Não tinha nenhuma prática em caçar, mas não imaginei que pudesse ser difícil.

Corri por entre as árvores com um velho cutelo de meu pai, preso em minha mão direita. O segurava com tanta força que por pouco não me cortei, mas antes que conseguisse avistar algum animal, escutei vozes vindo em minha direção. Corri desesperadamente até que escorreguei na lama e cortei profundamente meu pé no que parecia

PERIGOSAS ACHERON

ser a ponta de uma espada velha. No primeiro momento não senti nada. O medo e a dor me deixaram confusa. As vozes se misturavam com os sons da floresta. Abaixei-me e me emaranhei em algumas raízes soltas.

As vozes foram se afastando e fui obrigada a me mover. Arrastei-me por entre as folhas secas que cobriam o chão, até que encontrei um velho tronco oco e me escondi dentro dele como um animal acuado. Vi aqueles monstros passarem por mim planejando coisas nojentas e repulsivas.

Senti o medo voltar com uma intensidade dolorosa, mas fechei os olhos e me lembrei do rostinho inerte de minha irmãzinha e não estava disposta a encarar aquilo novamente. Voltaria com alguma comida para casa, nem que isso custasse a minha vida. Quando as vozes se afastaram, comecei a me arrastar. Meu pé doía muito, mas não podia ficar ali, retirei minha botina para olhar o ferimento e por causa do sangue quase não conseguia ver realmente como estava. Arrastei-me o máximo que pude até que perdi as forças. O medo e a dor me deixaram atordoadas.

Ao abrir os olhos escutei a voz de um homem, mas ele não parecia ser um bandido. Sua voz era

diferente. Não era como a de nenhum homem que eu conhecia, porém não me fez sentir medo.

Quando me perguntou sobre o que eu estava fazendo, respondi apenas que estava caçando, mas a verdade era que eu não fazia a menor ideia do que isso significava. Ele, em contrapartida quis cuidar de meu ferimento, mas eu não queria sua ajuda. Sabia que nada era oferecido de graça, e não estava interessada no preço que ele cobraria.

Tentei ir embora, mas foi em vão. Mal conseguia continuar de pé. Meus ouvidos zumbiam como abelhas em um enxame, porém mesmo atordoada, consegui sentir sua aproximação, mas não a tempo de evitar que ele me fizesse um torniquete com uma parte de meu vestido.

Enquanto ele tentava parar o sangramento, eu espiei seu rosto. Seus cabelos iam até os ombros, mas por causa da lama era quase impossível ver muito além disso.

Ele era grosseiro e tinha um cheiro ruim, mas minha única alternativa era confiar nele. Confiar naquele desconhecido e para minha surpresa, ele me ajudou e seu torniquete em meu tornozelo fez com que a dor diminuísse o suficiente para que eu conseguisse andar.

PERIGOSAS NACIONAIS

Caminhei atrás dele, pois não queria ser pega de surpresa. Não seria um único gesto bondoso o suficiente para ganhar minha confiança e de onde estava era possível ver seus braços fortes e suas pernas longas e robustas como um tronco de carvalho branco. Uma visão que me deixava ainda mais apreensiva, pois ele mal parecia humano.

Paramos perto de uma poça de lama fétida e ele me fez passá-la por todo meu corpo. Logo depois me deixou usar o arco, mas antes que pudesse atirar uma de suas flechas nas lebres a nossa frente, senti sua respiração próxima a minha nuca, o que fez os pelos dos meus braços se eriçarem. Torci para que a lama fosse considerada culpada por tal reação.

Nunca tinha estado tão próxima a um homem que não fosse meu pai. Eram sensações novas e convidativas. Analisei seus braços gigantesco enquanto carregava as caças e as linhas que se formavam em seu pescoço. Sua barba era um emaranhado de pelos, mas não podia negar que o conjunto era de um charme que me fazia corar todas as vezes que sentia seu olhar sobre mim.

Não deixei que ele notasse nada que pudesse me fazer parecer fraca ou seduzível e no final das contas eu realmente me surpreendi, pois

PERIGOSAS ACHERON

conseguimos o que precisávamos: Comida.

Depois de um longo tempo caçando e seguindo seus passos, eu me senti mais a vontade. Era estranho como mesmo em silêncio ele conseguira me transmitir segurança, algo que não sentia desde a morte de minha mãe.

Estava feliz ao ver o resultado de nosso trabalho conjunto, mas não era difícil notar o quanto eu estava cansada e faminta. Meu pé latejava a cada passo e minha cabeça seguia seu latejar me deixando por algumas vezes confusa e sem direção. Nesses momentos eu podia contar com um braço próximo ao meu para me dar sustentação, mas ele fazia parecer acidental, talvez na tentativa de não me constranger.

Caminhamos a passos lentos até que ouvi o som das águas. Pensei ser apenas mais um zumbido projetado por minha mente, mas a imagem turva se abriu em forma de grama verde e de um rio extenso. Estávamos à beira do rio Emor.

Já tinha escutado diversas histórias sobre a beleza de seu leito circundado por um manto verde e macio. Acreditava que o final do outono não era uma boa época para ver toda sua majestosa beleza, mas não conseguia me lembrar de ter visto algo tão

lindo quanto aquele lugar em toda minha vida.

A aldeia em que fomos obrigados a morar após o banimento de nossa mãe do castelo era um lugar miserável em que as paisagens mais bonitas eram encontradas apenas em suas grandes plantações de cereais, batatas e frutas, mas fora dos campos, as casas humildes e a escassez de cores tornava tudo cinzento e sem vida.

Enquanto limpava as lebres, o caçador me mostrou onde ficava uma caverna, que segundo ele, escondia uma fonte termal. Escalei com dificuldade até a entrada dela e por muito pouco não caí de lá de cima, mas todo o esforço valera à pena, pois quando em fim cheguei à fonte, a água fumegava como um caldeirão. Acima não havia um teto de pedra como sugeria a entrada, mas sim uma abertura circular que permitia a entrada dos raios de sol deixando suas águas em um tom magnífico de azul turquesa.

Tirei minha capa e entrei na fonte deixando que toda lama escorresse para fora do meu corpo. E fechando meus olhos aproveitei aquele momento para relaxar e esvaziar a mente, mas quando os abri e olhei para cima, me deparei com o caçador. Ele também precisava de um banho. Seu mau cheiro

PERIGOSAS NACIONAIS

delatava sua presença mesmo antes de meus olhos o enxergarem. Sorri para ele, sorri talvez numa vã tentativa de mostrar gratidão.

Mas de que valiam sorrisos em meio a tanta desgraça?

Como esperado ele não correspondeu, apenas ficou me olhando com uma carranca séria e entrou na água ficando do lado oposto de onde eu estava.

Diferente do que deveria, eu não senti medo. Era estranho estar em uma situação tão íntima com um desconhecido e não temer o que pudesse acontecer nos momentos seguintes.

Fiquei a maior parte do tempo olhando para as paredes de pedra a minha frente, mas quando cedi à tentação de olhar para ele, me surpreendi, pois aquele caçador carrancudo e mal educado tinha uma aparência no mínimo agradável. Sua pele bronzeada e seu corpo forte eram adornados por seus cabelos negros e compridos e por um par de olhos castanhos com um brilho que eu nunca tinha visto em um homem, porém dessa vez contive o sorriso que esse pensamento causou. O guardei apenas para mim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Assim que saímos da água, me cobri com a capa para não deixar meu vestido revelador demais. Minhas roupas não passavam de trapos velhos. Tive sorte por elas não terem se desfeito naquelas águas quentes.

Saímos juntos e em silêncio para a beira do rio, onde um cheiro maravilhoso de comida se espalhava pelo ar.

– Obrigada! – falei enquanto dava uma mordida em uma das coxas da lebre.

– Me agradeça não voltando mais – respondeu sem olhar para mim.

– Voltarei sim – respondi me colocando de pé. – A floresta não é sua! – gritei.

– Posso não estar aqui para te salvar da próxima vez! – rosnou ele dando de ombros.

– Eu não vou precisar – garanti, pegando minha parte da caça e caminhando para dentro da mata.

Ele era só mais um ogro assim como todos os outros homens. Não sabia porque achava que seria diferente. Afinal, a ilusão de encontrar um bom homem havia morrido com a decadência de meu pai.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 3

A Sensação

Antéria, 1546
Lucius Ganner

Ela conseguia me deixar atordado apenas com um olhar, mas eu não podia fraquejar, nem me iludir por um rosto bonito. Tinha responsabilidades demais,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

para poder me permitir sentir alguma coisa por ela.

Quando me agradeceu eu não consegui ser gentil. Preferi deixá-la partir. Era mais fácil que fosse assim.

Não podia criar laços com uma mera desconhecida, e por maior que tivesse sido minha empatia, ela não passava disso: *Uma desconhecida*.

Juntei minhas coisas e tentei ir para casa sem me sentir responsável por ela, afinal minha família me esperava. As únicas mulheres que deveriam importar estavam em casa.

Tinha caminhado por meio quilômetro quando vi o céu escurecer e uma tempestade anunciada chegar ao meu encontro. Sabia que ela se perderia na escuridão ou que seria capturada por algum salteador.

Decidi ir atrás dela. Não era o mais sensato, mas me pareceu ser o certo. Meu pai tinha me ensinado a nunca permitir que a razão ultrapassasse o coração. Justifiquei cada passo com a ideia de que ele faria o mesmo por qualquer um em meu lugar.

Não foi difícil seguir seu rastro, mas estava feliz por vê-la antes que a chuva caísse. Não permitiria que ela percebesse tal sentimento, mas era impossível ignorá-lo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Preciso que venha comigo – disse a ela quando a alcancei.

– Não vou a lugar algum com você! – disse rispidamente com um olhar raivoso.

– Vê aquelas nuvens escuras vindo em nossa direção? – perguntei apontando para elas. – Logo estarão aqui e tornarão impossível enxergar o caminho!

– E por que eu confiaria em você?

– Não precisa confiar, só precisa me seguir – respondi indicando o caminho.

– Você não entende! Não temo por minha vida – disse segurando as caças presas em sua roupa. – Minhas irmãs não podem esperar.

– Se seguir em frente não poderei guiá-la e saiba que se perder pode ser uma benção em comparação com o destino que poderá estar a sua espreita – respondi dando a ela uma escolha.

Ela fechou os olhos e trincou os dentes como se tivesse lutando sua própria batalha interna. Batalha essa que já tinha travado tantas vezes que foi impossível não me colocar em seu lugar.

– Eu irei com você! – disse após um longo suspiro, mas ainda tensa.

Não disse nada a ela, mas no fundo do meu

PERIGOSAS ACHERON

coração estava feliz por sua escolha.

– Juro que a levarei em segurança – disse enquanto pegava suas caças. – A tempestade não demorará a passar.

Ela apenas assentiu com a cabeça, mas de um jeito inexplicável eu a entendia até mesmo no silêncio, era como se aquela estranha estivesse ligada a mim como os cipós que se emaranhavam nas árvores, não deixando espaço para sabermos de onde vinham.

A guiei pela mata rumo à minha casa, e o céu como tinha previsto, mudou repentinamente para um negro sem estrelas, mas isso não me assustava. Conhecia cada centímetro daquela floresta. Cada pedra do caminho era como um amigo silencioso. Estavam sempre nos mesmos lugares e nunca me deixavam só. Por tantas vezes conversei com elas quando não havia nada além dos sons da floresta. Nada além das minhas lembranças dolorosas.

Levar alguém a minha casa, sim era algo assustador. Não saberia como explicar se fosse visto na companhia de uma moça tão bonita. Temia por mim e temia por ela.

Tinha medo de manchar sua honra e sabia que para mulheres em sua condição, honra era tudo que

lhe restava caso quisesse um futuro melhor.

– Estamos indo para sua casa? – perguntou mancando enquanto me seguia.

– Digamos que sim! – respondi tentando ler seu olhar.

– Se me virem sozinha seguindo um estranho até sua casa, o que irão pensar? – perguntou como se não esperasse uma resposta – Uma dama nunca deve entrar na casa de um homem que não seja seu marido.

– Não moro junto com minha família. A noite durmo numa pequena casa que construí sobre uma árvore. É segura e ninguém a verá.

Ela nada respondeu. Continuou com os olhos baixos como se temesse mais a mim do que aos trovões.

Quando chegamos a casa da árvore, começaram a cair as primeiras gotas de chuva. O vento era forte, mas estávamos seguros, e da pequena janela que havia feito, dava para ver minha família se preparando para a tempestade.

– É sua família? – perguntou olhando para fora.

– Sim! – respondi secamente. – Fique aqui, eu irei levar as caças para elas.

Desci da árvore e ao chegar em casa, minha

PERIGOSAS NACIONAIS

pequena irmãzinha Lisbeth veio ao meu encontro com um abraço apertado e antes que conseguisse descarregar as caças, todas elas me envolveram com abraços e beijos.

Eu as amava e sentia pontadas de felicidade quando podia vê-las preparando o jantar. Era como cumprir a promessa que havia feito ao meu pai em seu leito de morte e nada nunca se equipararia a alegria que vê-las seguras me proporcionava.

– Preciso ir! – disse a elas com um meio sorriso

– Fique e durma conosco filho – suplicou minha mãe afagando minhas costas.

– Não posso! Preciso cuidar da segurança de vocês! – Dias assim por mais improvável que pudesse parecer eram os mais perigosos. Alguém de má índole poderia querer se refugiar em uma casa no meio da floresta.

– Nada nos fará mal em meio a uma tempestade – disse Lola tentando me fazer ficar.

Ela se parecia tanto com meu pai que me doía vê-la tão próxima a mim. Era como reviver todo aquele sofrimento de novo, mas elas não precisavam saber detalhes dos perigos que nos cercavam, bastava estarem seguras.

Lola apenas assentiu com a cabeça enquanto eu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

saía e Lisbeth correu até a porta e me abraçou antes que passasse por ela.

– Amo você – ela soprou.

– Também amo você, amo todas vocês – disse para mim mesmo quando a porta se fechou.

Cheguei à casa da árvore e a garota estava recostada num canto tremendo de frio. O vento uivava do lado de fora. Queria tê-la deixado com minha família, mas sabia que Lola não saberia guardar o segredo e que logo a notícia de uma moça em minha companhia se espalharia como areias ao vento.

Joguei sobre ela meu cobertor e me sentei próximo à janela para vigiar a casa.

– Você não dorme? – perguntou se enrolando no cobertor.

– Dormir é um privilégio dos nobres e das mulheres.

– Você teve um dia cansativo, deveria dormir um pouco – disse como se importasse realmente com meu bem estar.

– Não se preocupe comigo – respondi dando de ombros.

– Qual é o seu nome? – continuou ela.

– Lucius Ganner – disse na tentativa de que ela se

PERIGOSAS ACHERON

calasse. Ouvir sua voz tirava minha atenção do mais importante: Proteger minha família.

– Sou Sarah e obrigada... – disse com a voz doce o que me fez voltar os olhos para ela.

– Durma Sarah, amanhã seu dia será longo.

Ela me obedeceu pela primeira vez e quando olhei novamente para ela, seus olhos estavam fechados. Era como ver um filhote em um ninho.

Fiquei a observando dormir. Seus cabelos cor de fogo espalhados pelo chão do meu abrigo. Sua pele parecia tão macia e sua respiração suave era quase um convite para me aproximar. Mas me contive. Não poderia tocar nela. Não dessa forma.

Voltei meus olhos para noite na tentativa de ignorar sua presença. Vez por outra cedia a tentação de observá-la, mas antes que o dia amanhecesse eu fui até ela e me ajoelhei no chão. Ela continuava serena, como se estivesse no mundo dos sonhos. Pensei em todas as maneiras possíveis de acordá-la, mas nenhuma parecia respeitosa o suficiente, então segurei uma mecha de seu cabelo, a afastei de seu ombro e o toquei de leve. Ela reprimiu um grito e me empurrou em resposta

– Sua mão está gelada! – grunhiu puxando a capa para cobrir a pele exposta.

PERIGOSAS NACIONAIS

A ignorei e fui até a entrada olhar se podíamos sair sem sermos vistos.

Tudo estava calmo, então eu a ajudei a descer. Ela segurou firme a minha mão e pude sentir a delicadeza de seus dedos.

Quando chegamos a floresta ela sorriu novamente, com aquele desconcertante jeito livre. Não imaginava que uma mulher poderia se sentir assim longe de casa. A floresta era perigosa e hostil, mas ela agia como se estivesse em seu jardim particular.

Ouvi um barulho e fiquei em alerta. Pareciam vozes e o trotar de cavalos, mas ela não parava de tagarelar sobre o que mais poderíamos caçar.

– Shiii... – disse rispidamente para que ela ficasse quieta.

– Quem você pensa que é para mandar eu me calar? Saiba que...

Eu a peguei pela cintura e tapei sua boca com a mão livre. Ficamos escondidos atrás de uma árvore, até que o som a cima de nós se materializasse em dois cavalos negros com bandidos se preparando para emboscar um carregamento de ouro que estava sendo levado pela estrada principal.

O corpo dela estava trêmulo e seus cabelos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

próximos ao meu queixo tocavam meus lábios e invadiam meu olfato com seu cheiro suave. Ela não conseguia olhar para mim, então ainda próximo a ela ergui seu queixo e disse que eles já tinham partido.

Ela se libertou de mim e ficou de costas ainda assustada.

– Por isso eu disse que esse não é o lugar para uma mulher – sussurrei em seu rosto a virando delicadamente de volta para mim – Se nos pegassem teriam me matado e com você nem tenho palavras para descrever o que fariam.

Lembrei-me de uma mulher que havia achado a beira da estrada entre a floresta e a minha aldeia. Ela estava desfigurada, seminua e muito fraca. Ela morreu pouco tempo depois que a deixei em casa.

Não conhecia Sarah, mas não desejava o mesmo fim para ela. Na verdade eu não fazia ideia do que desejava quando estávamos próximos.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 4

A Herdeira

Antéria, 1546

Clarissa Walker

C omo filha do rei de Antéria eu deveria ter um destino ilustre. Uma vida confortável com todas as regalias que

uma Walker merecia por direito.

Eu não era uma bastarda para ser tratada como tal. Minha mãe havia conquistado o coração do rei de forma honrosa. Não tinha se tornado uma mera amante como era comum acontecer em nações vizinhas.

Eu tinha nascido para ser uma rainha e mesmo sabendo que seria a segunda na linha de sucessão e que só chegaria a herdar o trono após a morte ou a renúncia de meu meio irmão Algusth, eu nunca havia perdido a esperança, pois sabia que se ele fosse tão saudável quanto a mãe, eu não teria que esperar muito tempo.

Foram dias gloriosos. Muitas festas, banquetes e celebrações. Todos feitos por minha mãe para destacar a alegria que ela sentia com meu nascimento.

Infelizmente, ela talvez não tenha percebido a aproximação de sua prima, a condessa Emma Bowe. A mulher que minha mãe considerava como amiga e confidente, a tinha traído da pior maneira. Inventando para o rei que ela conspirava para que a Inglaterra pudesse tomar nosso país e transformá-lo em mais uma província.

Um julgamento a portas fechadas e com provas

que nunca chegaram ao meu conhecimento fizeram o rei não confiar mais em minha mãe. Ouvia os servos cochicharem pelos corredores que ela iria morrer. Que pagaria por sua traição. Eu ainda não entendia tão bem o que essas palavras significavam, mas do fundo de meu coração, não queria perdê-la.

Corri até meu pai ainda com meus passos de criança e o encontrei na sala do trono, ele parecia aborrecido e ao mesmo tempo decepcionado.

– Papai não deixe que eu perca minha mãe – supliquei me jogando aos seus pés. – Não deixe que ela morra.

– Ela escolheu seu próprio destino – respondeu fazendo sinal para que um dos servos me retirasse do chão.

– Naaaaaaão!! Papaaaaai, naaaaaaão!! – gritei enquanto era arrancada dele.

– Soltem-na – ordenou a duquesa de Noronha. Uma mulher bonita e com um sorriso gentil. Lembrava-me dela sempre aos risos com minha mãe.

O servo me soltou e me agarrei a ela ainda com o corpo trêmulo.

– Não deveria se intrometer em assuntos que não

lhe dizem respeito Helen – disse meu pai olhando para ela com uma carranca séria. – Charlotte traiu esse reino, traiu nosso povo, traiu a mim! – ele gritou. – Não posso permitir que ela não seja punida, e ela o será, isso eu lhe garanto.

– Eu lhe imploro por minha vida para que permita que Charlotte possa pelo menos ser exilada em minhas terras, sem regalias, sem um título! Ela seria rebaixada a uma serva. Um castigo justo se as acusações contra ela forem verdadeiras, e se não forem, pelo menos mostrará que é um rei benevolente e que não pune com o coração, mas sim guiado pela mais pura justiça.

– Não deveria se arriscar assim Helen! Posso pensar que você pactuou com ela nessa trama hostil! – disse chamando um de seus guardas. – Leve vossa alteza real para sua carruagem, creio que ela não gostará do que virá a seguir – disse ao guarda, mas ainda olhando para ela.

As portas se fecharam e me agarrei a ela enquanto éramos conduzidas pelos corredores do castelo. Senti seus braços firmes em volta de mim, mas nada parecia capaz de me fazer sentir melhor.

Meu pai não tinha aceitado nem mesmo o pedido de clemência vindo de sua própria filha ou da

PERIGOSAS NACIONAIS

duquesa de Noronha. Uma mulher poderosa e de uma das famílias mais nobres de Antéria.

E enquanto ainda éramos guiadas pelo guarda, encontramos minha mãe. Ela correu até nós e tomou-me em seus braços como se eu ainda fosse um bebê.

– Minha garotinha – disse enquanto me apertava contra seu peito. – Não se preocupe, pois tudo ficará bem.

– Mamãe não me deixe! Não me deixe... – eu implorei por entre as lágrimas.

A duquesa se juntou a nós e ouvi minha mãe implorar baixinho para que ela cuidasse de mim.

– Emma mentiu e forjou todas as provas, por favor, não deixe que ela machuque Clarissa! – gritou ela enquanto um dos guardas a tirava de nós.

Meus gritos e o som do choro desesperado dela ainda ecoavam em minha mente. Eu tinha apenas sete anos e somente mais tarde entendi que naquele julgamento corrupto nada foi aceito além das palavras da condessa Bowe. O rei estava certo da traição. Como homem ele sentiu seu orgulho ferido e como rei quis mostrar a todos o que faria com quem mais que ousasse conspirar contra seu reinado e sua decisão final foi condená-la a morte.

PERIGOSAS ACHERON

Minha mãe perdeu a cabeça e eu perdi o coração. Como poderia perdoá-lo? Como poderia voltar a confiar em alguém?

Mas é claro que a maldade da condessa não poderia parar por ali, eu ainda era um vestígio de sua culpa, de sua maldade, pois eu não me cansava de repetir a todos que a culpa da morte de minha mãe eram as mentiras dela.

– Sua garotinha insolente, não viverá por muito tempo por aqui para continuar suas lamurias – disse a condessa Bowe me segurando pelo braço, enquanto os servos apenas observavam.

– Assassina, assassinaaaa!! – gritei para que todos soubessem quem ela realmente era.

Ela apenas gargalhou em resposta e saiu me deixando de joelhos no chão enquanto as lágrimas queimavam em meus olhos.

Algumas servas me acolheram e levaram-me para o meu quarto. Eu me sentia fraca e desamparada.

– Não devia desafiá-la assim princesa – disse a senhora Liandra, uma das servas que me amamentou quando eu era ainda um bebê. – Ela tem influência no castelo e pode fazer alguma

maldade.

– Que maldade pode ser pior que me deixar sem mãe? Que me fazer odiar o meu pai?

– Não subestime o coração de uma pessoa má – disse enquanto secava minhas lágrimas com um lenço de seda.

Mais tarde constatei que Liandra estava certa. A condessa Bowe para me silenciar, fez meu pai me banir para o leste do reino, alegando que eu tinha ficado louca e que poderia colocar em risco a credibilidade do governo de meu pai.

Fui jogada para uma vida miserável sob os cuidados de minha tia Daisy. Minha própria mãe havia pedido o banimento dela por suspeitas de que tinha se tornado amante de meu pai. E que desse curto relacionamento tivesse gerado uma criança, mas ao conhecer sua filha, Sarah, eu entendi o porquê de sua decisão.

– Você deve ser Clarissa, filha de minha tia Charlotte – disse Sarah com um sorriso aberto me estendendo a mão direita como se não soubesse que minha mãe havia os condenado à aquela vida miserável.

– Sou uma princesa e você deveria fazer uma medida e não apenas me estender a mão – respondi

me lembrando que as pessoas nunca eram boas de verdade e eu não me deixaria enganar.

Ela fez uma reverência desajeitada. Enquanto isso eu dei uma volta ao redor dela ainda admirada e espantada com o quanto éramos parecidas. Os mesmos cabelos ruivos e cacheados, os mesmos olhos verdes e a mesma pele coberta por uma leve camada de sardas em volta do nariz e das bochechas.

– Estou feliz que esteja aqui conosco! – e sorriu novamente também me olhando com curiosidade.

– Não seremos amigas, não se engane – soprei em seu rosto e saí.

Éramos idênticas e se ela não fosse alguns meses mais velha do que eu, poderiam dizer que éramos gêmeas. Porém com o passar do tempo constatei que toda semelhança entre nós se limitava apenas a nossa aparência, já que Sarah não passava de uma covarde que se escondia atrás de um espírito fraco e sem graça.

Vivi naquele lugar sempre com a certeza de que logo mandariam me buscar e que assim assumiria meu lugar de direito, longe daquela vida miserável, longe o suficiente para não ver a relação de Sarah com minha tia Daisy. Era insuportável vislumbrar o

que deveria ter sido a vida ao lado de minha mãe.

Não raro tinha sonhos com as pequenas lembranças que permeavam minha mente e ano após ano eu criava novas imagens de como seria ter vivido ao lado dela.

Ano após ano...

Após oito invernos minha perspectiva de voltar à linha de sucessão havia se tornado apenas palavras ditas ao vento ou como um escudo que tinha criado para mim mesma para não perder as esperanças.

Dizia a todos que logo uma carruagem chegaria e que eu partiria daquele pesadelo. Havia os que acreditavam, mas a maioria me achava louca e tudo piorou ainda mais quando a carruagem que veio até nós era apenas para levar o corpo de minha tia Daisy.

Ela tinha adoecido. A fome e a falta de recursos

apenas apressaram sua morte. Eu não sentia tristeza por ela e nem por nenhum deles.

E como poderia? Não os amava! Apenas os odiava menos que a condessa Bowe.

Minha tia não tinha morrido como uma inocente, e a vida dela era todos os dias uma afronta a mim. E ver Sarah, talvez o fruto de uma relação que tanto fizera minha mãe sofrer era algo detestável. Me enojava.

Mas a satisfação pela morte de minha tia, não durou tanto quanto gostaria, pois seu marido como era de se esperar se tornou um bêbado. Um agricultor que não fazia nada além de beber. Ele conseguira transformar minha estadia naquele lugar ainda mais intolerável e penosa que achava ser possível.

A fome e o desespero deixaram Sarah por diversas vezes a beira da loucura, mas foi com a morte da pequena Loren que seu desespero chegou ao ápice.

Seu corpo seria enterrado ao lado do de sua mãe, mas antes que todos nós partíssemos para o enterro, eu recebi uma carta por meio de um mensageiro.

Ninguém o viu além de mim, mas o selo real fez com que a chama da esperança retornasse.

Ao abri-la me espantei ao ver que estava sendo informada do casamento do rei com a duquesa de Noronha. Um sorriso cresceu em meus lábios ao saber que teria uma aliada no castelo. Alguém de confiança. Dentro do pequeno envelope havia ainda um pequeno cartão escrito com letras tão pequenas que precisei de uma lupa para conseguir enxergar.

Nele estava escrito que um mensageiro me visitaria em alguns dias na taberna de Sir Callow. Um lugar afastado da aldeia e frequentado apenas por oficiais da côrte quando vinham buscar os impostos ou por pessoas com ouro suficiente para pagar os valores exorbitantes cobrados por ele.

Guardei a carta em meu velho baú. A única coisa que havia trazido do castelo. Guardei-a junto as outras cartas escritas por minha mãe e para ela enquanto ainda estava viva. Tudo de mais precioso que tinha na vida estavam ali, naquele baú. Eram minhas lembranças, eram partes de mim.

Voltei para o cortejo, mas dessa vez não conseguia nem mesmo fingir tristeza. Sabia que com a duquesa de Noronha no castelo eu poderia estar um passo a frente de todos eles. Eu poderia

voltar a creditar que minha vingança contra condessa Bowe não estaria mais limitada a minha mente, que poderia se tornar real.

Eu não teria um fim assim como aquelas pessoas pobres e sem futuro daquela aldeia.

Quando voltamos do enterro de Loren, Sarah havia sumido. Pensei que talvez tivesse se jogado ao mar para morrer e não ter que vivenciar mais sofrimento.

Mas o que, além disso, eu poderia esperar? Ela era covarde demais para lutar.

Não poderia dizer que não seria um alívio me livrar de Sarah, já que quando me tornasse rainha ela poderia nublar a linha de sucessão, e ser tão inconveniente quanto meu meio irmão Algusth.

Um dia e uma noite se passaram e ela não havia retornado, então tive que enganar as crianças dizendo que ela queria ficar sozinha. Não fiz por elas, apenas não aguentaria outra crise de choro daquelas meninas irritantes e esqueléticas. Eram quase mortas vivas. E tendo em vista que o único homem da casa mal conseguia ficar de pé, isso me poupou de ter que dar mais explicações.

PERIGOSAS NACIONAIS

Naquela manhã após a tempestade decidi ir para o limite sul da aldeia. Gostava de ficar na clareira, pois assim poderia respirar o ar puro que vinha da floresta.

Com sorte talvez visse um arco-íris, mas para minha surpresa Sarah saiu da mata acompanhada de um homem forte e de postura imponente. Há muito meus olhos não apreciavam tamanha grandeza fora do palácio.

Sarah usava a capa que fôra de minha mãe o que me deixou bem menos propensa a fingir ser agradável. Como ela tinha se atrevido a mexer no meu baú? Eram minhas lembranças, eram minhas!

Era o pouco que tinha me restado e mesmo assim ela tinha ousado desrespeitar.

– Sarah? Achei que tivesse escolhido a saída dos covardes! – falei assim que colocou seus olhos em mim.

– Eu trouxe comida Clarissa... Comida – disse com o rosto iluminado.

– Se vendeu? – perguntei olhando para o homem que a acompanhava.

– Sou um caçador e não um aproveitador! – disse ele com os olhos apertados e trincando os dentes como se estivesse ofendido.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Como ousa Clarissa pensar algo tão repulsivo?
– replicou Sarah também ofendida.

– É melhor irmos para casa agora! – disse com meu tom altivo de futura rainha. – Virá conosco caçador? – o provoquei dando uma volta ao seu redor. – Seria um regalo para nossa casa ter um homem tão... tão...

– Respeite-o Clarissa! – disse Sarah me puxando pelo braço.

Ela fez apenas um aceno de agradecimento com a cabeça para ele que já estava voltando para mata e numa fração de segundos desapareceu.

No mesmo instante arranquei-lhe a capa e a joguei no chão.

– Prefiro que ela cubra aos porcos que vê-la sobre você! – disse sem elevar a voz, mas no tom certo para que meu ódio se tornasse evidente.

Sarah nada respondeu, ela apenas recolheu a capa do chão, abaixou a cabeça e me seguiu de volta para casa.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 5

Saciadas

Antéria, 1546
Sarah Turner

Não haviam palavras suficientes para descrever o quanto estava orgulhosa de mim mesma. Não me lembrava de quando tinha me sentido assim na vida. Era a primeira vez que eu

PERIGOSAS ACHERON

enfrentava meus medos e tinha gostado disso.

Sentia-me bastante revigorada por saber que eu poderia fazer algo para reduzir o sofrimento dos que eu amava e apesar de tudo, também estava grata pela ajuda do caçador. Ele não era nem de longe um príncipe, mas com o seu jeito turrão e grosseiro tinha sido o único a me ajudar de verdade e mesmo quando me mandou embora dizendo que não me queria mais por ali, eu parti ressentida, porém feliz, afinal minha família se saciaria.

Caminhei pela floresta me agarrando a caça, talvez em uma tentativa vã de me aquecer, já que o vento passava por mim como se estivesse carregado de espinhos, eu podia senti-lo cortar minha pele a cada passo que dava.

As horas haviam se tornado um mistério para mim, pois de repente o céu ficou cinzento, como se a noite estivesse prestes a cair. Senti uma mistura de frio e medo correr por minhas veias, até que o quebrar de um galho quase me fez gritar.

Era o caçador vindo em minha direção e eu não fazia ideia do que esperar.

Ele me alertou sobre a tempestade, mas como eu poderia seguir em direção contrária enquanto

PERIGOSAS ACHERON

minhas irmãs passavam fome?

Levei algum tempo até aceitar o fato de que ele estava certo e que me arriscar por uma tempestade não ajudaria em nada, então segui-lo pareceu minha única opção.

Puxei o capuz de volta para minha cabeça e cobri meu rosto o máximo que consegui. Eu não queria ser vista sozinha na companhia de um homem.

Não que tivesse alguma esperança de me casar. Eu já tinha dezessete anos, boa parte das garotas na minha idade já tinham sido cortejadas, mas eu não era atraente para os homens, era muito magra e sem dote algum para oferecer. Já tinha perdido as esperanças, porém tinha que manter minha honra por minhas irmãs mais novas, tendo em vista que elas ainda poderiam ter uma chance.

Ao chegarmos à casa que ele construía na árvore, eu subi sem dificuldades, pois só queria sair daquele frio. Ele por sua vez, foi até a casa onde sua família se abrigava. Ela era pequena como a minha, mas sua mãe e irmãs pareciam fortes e saudáveis. E ao vê-lo com elas, senti um pouco mais de simpatia por ele.

Elas pareciam venerá-lo, mas mesmo recebendo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tanto amor, só o vi sorrir uma única vez. E sorriu para uma garotinha que devia ter a idade de minha irmã Nancy. Um sorriso que não durou mais que uma fração de segundos, mas que o tornou bem mais humano para mim. Ele não parecia tão assustador abraçado àquela criança, mas assim que ele saiu da casa eu me escondi, não queria que percebesse que eu o estava espiando.

Sentei-me longe da pequena janela e pouco depois ele chegou, jogando para mim um velho cobertor que exalava um cheiro bom. Não o cheiro que senti na floresta quando o conheci, mas um cheiro amadeirado e reconfortante.

Ele se recostou debaixo da janela, com seu arco e flecha em mãos como se estivesse pronto para caçar ou como se pudéssemos ser atacados a qualquer momento.

Fiquei espantada ao saber que ele ficava todas as noites de vigia, sempre a espreita, sempre preparado para manter sua família segura. Por um momento desejei que meu pai tivesse o mesmo zelo ou que existisse a possibilidade de encontrar um marido que se dispusesse a me proteger de maneira tão fervorosa.

PERIGOSAS ACHERON

Sim! O homem que tanto me irritou, e que me salvou, não era apenas o caçador, ele se chamava Lucius.

Adormeci me sentindo segura e sonhando com coisas que nunca teria: Um lar quente e seguro, comida sempre a mesa e alguém que realmente se importasse. Eis meu maior desejo!

Meus doces sonhos foram abruptamente interrompidos por um toque gelado. Acordei assustada, mas nada que resistisse ao aroma da manhã após um dia chuvoso. Estava frio, muito frio, mas logo eu estaria em casa e minhas irmãs teriam comida a mesa. O que poderia me alegrar mais?

Porém num minuto estava discutindo com ele e no outro me escondendo de bandidos atrás de uma árvore com seu corpo tão próximo ao meu que foi impossível evitar que meu coração demonstrasse o efeito que aquilo teve sobre mim.

Fui salva mais uma vez e quando imaginei que poderia ao menos agradecer, Clarissa o tratou como a um cortezão, como se ele fosse um mero aproveitador. Fiquei tão envergonhada e frustrada com tal recepção, pois após tudo que havia feito

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

por mim, eu sabia que ele merecia muito mais do que um encontro com minha prima.

Segui Clarissa de volta para casa, mas minha vontade era confrontá-la, dizer o quanto tinha sido ridícula e desrespeitosa, mas apesar de termos quase a mesma idade, ela não passava de uma criança mimada e eu havia pegado a capa de sua mãe. Por ora eu poderia relevar.

Por diversas vezes tive vontade de expulsá-la de minha casa, mas ela talvez fosse assim por ter perdido tudo. Não saberia dizer como eu seria se também não tivesse ninguém, pois apesar dos pesares minha mãe havia me amado e me protegido. Não tínhamos posses, mas não nos faltava amor.

Sempre usei isso como base para justificar o comportamento de Clarissa e talvez por sempre agir assim tenha contribuído para a criação de um monstro, mas algo me dizia que nossa relação estava prestes a mudar.

Preparei o almoço. Tínhamos carne e vi minhas irmãs comendo como selvagens. Era engraçado ver Nancy discutindo com Beca por uma das coxas da lebre.

PERIGOSAS ACHERON

Elas me lembravam tanto minha mãe. Eram loiras como ela, mas tinham os olhos azuis de nosso pai. Sabia que bem alimentadas se tornariam mulheres atraentes e na idade certa poderiam arranjar bons casamentos.

– Não vai me contar nada sobre o caçador? – perguntou Clarissa sentando-se ao meu lado.

– Não tenho nada para contar – respondi dando as costas para ela.

– Gostei dele, acho que faríamos um bom par. – gargalhou para me provocar.

– Um bom par? – disse olhando para ela. – Você pode até parecer uma mulher, mas ainda é uma criança Clarissa!

– Há mulheres na aldeia e até no castelo que já são mães com menos idade que eu, algumas sem nem mesmo serem casadas! – e sorriu novamente.

– Não somos como elas! E você que tanto se gaba de ter sangue real, deveria valorizar ainda mais sua honra!

– Minhas flores não devem brig... – Nos interrompeu meu pai pouco antes de vomitar na nossa frente.

Clarissa saiu enojada e voltou para o seu quarto

PERIGOSAS ACHERON

enquanto eu limpava meu pai e o ajudava a voltar para cama.

O chão fedia a vinho. Minhas irmãs vieram ajudar e apesar da situação estávamos felizes e com nossas barrigas cheias e em um mundo tão cruel para nós mulheres, o que poderia ser melhor do que isso?

Capítulo 6

Resgatada

Antéria, 1546
Lucius Ganner

iquei espantado ao encontrar

F outra garota a espera de Sarah na clareira. Elas eram muito parecidas e se não fosse pelo jeito altivo e debochado dela, poderia dizer que eram iguais.

Encontrá-la me fez lembrar o porquê de odiar tanto o convívio com outras pessoas. A maioria vivia apenas para atacar uns aos outros, assim como animais disputando por território.

Amigos me pareciam apenas uma distração e na vida miserável que nos era imposta, distrações poderiam ser um divisor de águas. Vida e morte, dizia meu pai quando falava da importância de ser responsável e eu levava muito a sério as instruções dele, ainda mais quando vida e morte não se referia apenas a mim.

Mas aquele tempo com Sarah me fez pensar que poderia ser fácil, ser natural manter uma relação suportável com alguém que não fosse de minha família.

Tinha conseguido um dia produtivo e algo em minha mente relacionava o acontecimento a presença dela, tanto que no caminho de volta consegui pegar apenas um pequeno porco do mato.

Estava distraído, com a cabeça vagueando, como se algo estivesse faltando. Voltei para casa mais cedo que o normal e antes de entrar para ver minha família, fui para a casa na árvore e o cobertor que dei a ela estava devidamente dobrado e não jogado em um canto como de costume.

Peguei-o em minhas mãos e afundei meu rosto nele, como se tentasse encontrar o cheiro que senti quando a abracei para protegê-la na floresta.

Era fraco, mas estava ali, era como um lembrete de que talvez nem todas as mulheres fossem insuportáveis.

Coloquei o cobertor onde estava e desci para casa.

Lisbeth veio correndo me abraçar como de costume.

– Vi uma moça de capa vermelha sair da casa da árvore com você! – disse baixinho no meu ouvido.
– É sua namorada?

– Lisbeth, eu acho que estava sonhando e imaginou tudo isso! – respondi tocando a ponta de seu nariz. – Nunca traria ninguém aqui!

Levantei-me e esperei minha mãe preparar o jantar. Estava faminto. Ela sentou-se ao meu lado

PERIGOSAS ACHERON

com seu prato e colocou uma porção de batatas para mim. Ela tinha conseguido trocar um dos pássaros do dia anterior por batatas com um mercador de uma aldeia vizinha, provavelmente da aldeia de Sarah.

Estavam macias e suculentas. Parecia um banquete para mim.

– Parece feliz meu filho, o que mudou? – perguntou ajeitando meu cabelo.

– Acho que são as batatas! – e sorri de volta para ela ainda de boca cheia.

– Raramente você janta conosco, fica sempre tão distante – ela pausou para poder olhar para mim. – Age como se devesse carregar todo o peso sozinho, mas saiba que não precisa. Quero vê-lo descansado, quero vê-lo feliz meu filho.

– Eu tenho o suficiente minha mãe, não deve se preocupar.

– Sou sua mãe... Sempre irei me preocupar – beijou minha testa e voltou para a cozinha.

Terminei a refeição e depois voltei para casa na árvore. Precisava de forças para ser útil em protegê-las e descansar por alguns minutos iria ajudar.

Enrolei-me no cobertor e sonhei com a garota de
PERIGOSAS ACHERON

cabelos de fogo. Acordei algumas horas depois assustado e com o coração tomado pelo desejo de vê-la.

Tudo parecia tão bobo e fantasioso. Nem a conhecia direito. Foram poucos momentos roubados que não deveriam nem ter acontecido!

Qual a probabilidade de se encontrar uma garota bonita longe de casa, longe dos bordados ou das rodas de conversa sem sentido algum?

Nunca me imaginei ensinando a arte da caça. Tê-la comigo, trouxe meu pai de volta para mim. E me alegrava o coração poder lembrar-me dele em seus melhores dias, lembranças que por anos foram nubladas pela sua morte cruel causada pela tuberculose. A doença fez um homem forte definhando em tão pouco tempo que não parecia real.

Não suportaria perder mais nenhum dos que eu amava e talvez por isso estivesse com tanto medo de desenvolver afeição por Sarah!

Voltei para caçar na manhã seguinte e talvez na esperança de vê-la de novo fui para o mesmo lugar que havia a encontrado. Peguei um belo faisão. Há

PERIGOSAS ACHERON

muito tempo não conseguia um. Sua carne era maravilhosamente macia. Era o preferido de meu pai.

Tentei justificar minhas longas caminhadas até aquela parte da floresta com a desculpa de que pegaria mais faisões.

Três dias haviam se passado e quando já tinha desistido de reencontrá-la, eis que o sol iluminou mais do que o verde das árvores e o branco da neve. Iluminou um capuz escarlate. Iluminou meu dia.

– Achei que não encontraria você! – disse com um sorriso largo.

– Está machucada? – perguntei verificando algum sinal de dor.

– Dessa vez não! Consegui me esconder bem antes de chegar até aqui.

– Ninguém a incomodou! Mesmo usando algo de cor tão chamativa? – Não era possível que ela tivesse passado pela floresta sem ter sido vista.

Assim que concluí a frase, bandidos apareceram,
PERIGOSAS ACHERON

deles reconheci apenas seu líder.

– Brown, nós não queremos problemas! Só iremos caçar – disse levantando as mãos para cima, como sinal de confiança.

– Todos sabem que você caça sozinho Lucius – disse Brown – Só me surpreende ver que começou a notar que existem coisas melhores que caçar! – e deu uma gargalhada maldosa. – É vossa noiva?

– Não! – respondi o observando.

– Se não há compromisso, então não há o que ser negociado! – disse orientando que seus homens segurassem Sarah. Ela gritou em desespero com certeza prevendo o que fariam.

– Não somos noivos ainda, mas ficaremos em breve – respondi me aproximando deles. Não poderia permitir que a levassem.

– Prove! – ordenou Brown a empurrando para mim.

– Calma – sussurrei para ela, enquanto a puxava para ainda mais perto do meu corpo. Aconcheguei-a em meu peito até que pudesse sentir seu coração batendo contra o meu.

– É assim que trata vossa noiva? Não acreditarei se não for mais convincente! – exclamou Brown
PERIGOSAS ACHERON

nos observando.

Afastei seu cabelo do rosto e rocei meu rosto no dela até que nossos lábios se encontraram e por alguns instantes eu me esqueci dos homens que estavam ali e dos perigos que nos cercavam e me concentrei apenas naquele beijo. Toquei seus lábios macios e delicados e ela correspondeu com a mesma delicadeza que as asas de uma borboleta tocavam o ar. Puxei-a com ainda mais intensidade para junto a mim e quando abrimos nossos olhos todos a nossa volta pareciam convencidos de nosso suposto futuro noivado.

Sarah olhou para mim ainda com a respiração irregular, mas antes que pudesse me colocar entre ela e o bando de Sir Brown, um de seus homens a tirou de mim.

– Peça o que quiser eu lhe darei, mas deixe-nos ir.
– pedi com medo do que poderiam fazer a ela.

– O arco que foi de seu pai pela garota! O que me diz? – disse descendo do cavalo e se colocando ao lado de Sarah.

Ela estava apavorada. Seus lábios tremiam, enquanto ele passava o braço sobre seu ombro.

Brown retirou a capa dela e a deixou apenas com
PERIGOSAS ACHERON

seu vestido velho e puído. Um tecido fino demais para suportar o frio. O inverno tinha acabado de chegar, e sem seu capuz não demorou muito para seus cabelos ficarem cobertos por uma camada fina de neve. Ela começou a tremer freneticamente e seus lábios ficaram arroxeados.

Os outros homens que o acompanhavam desceram de seus cavalos e ficaram entre eles e eu.

Aquele arco havia sido feito pelo meu pai. Era uma lembrança dele. Em outro momento, talvez a deixasse para trás, mas não poderia fazer isso, nem mesmo por algo tão precioso.

– Tome meu arco... – disse retirando-o de minhas costas.

Um dos homens o tirou de mim com mais força que o necessário, mas eu não cederia às provocações, não sabendo que ela poderia se machucar.

– Agora a liberdade – disse passando pelos homens e indo até ela.

Brown a libertou de seus braços e ela veio correndo e me abraçou. Conseguia sentir seu corpo frio e trêmulo. A envolvi com um de meus braços e fiquei em alerta, pois não podia confiar em

PERIGOSAS ACHERON

criminosos, muito menos daquele bando.

Já tinha ouvido muitas histórias sobre o que eram capazes, então contive até mesmo meu orgulho.

– Me devolva a capa dela Brown! – pedi erguendo o braço livre.

– Não brinque com a sorte meu rapaz – disse subindo novamente no cavalo. – Da próxima vez não serei tão benevolente.

Saíram galopando por entre as árvores.

A envolvi em meus braços tentando aquecer seu corpo, mas de nada adiantou. Eu precisava tirá-la do frio. Ela dizia que estava bem, mas eu sabia que estava fraca. As caças que levou para casa não deviam ter durado mais que dois dias.

Retirei minha capa e a joguei sobre ela, mas não consegui fazê-la caminhar, então a peguei em meus braços e a levei rio acima para a fonte termal. Coloquei-a nas águas quentes que brotavam dentro da caverna, por ora segura e fiquei observando sua pele voltar ao um tom rosado e seus lábios voltarem para um vermelho carmesim. Ela parecia bem e seus tremores diminuíram á apenas um trepidar em suas pálpebras, o que atribuí ao medo, não ao frio.

Ela parecia melhor, mas não havia dito nenhuma
PERIGOSAS ACHERON

palavra desde que a libertaram. Tentei ignorar o silêncio para me atentar ao fato de que ela precisaria de roupas secas ou poderia ficar doente. Disse a ela para ficar na fonte e fui até em casa pegar um vestido de minha mãe. Ela estranhou minha chegada, mas não notou quando peguei o vestido. Saí antes que ela voltasse com uma capa para mim.

Corri pela floresta o mais rápido que consegui, mas quando cheguei, encontrei Sarah chorando.

– Trouxe para você! – disse deixando o vestido ao lado dela e saí da caverna para que ela pudesse se vestir.

Pouco tempo depois ela veio até a entrada da caverna e sentou-se ao meu lado. Seu rosto ainda estava tomado pelas lágrimas.

– Me perdoe Lucius – disse com a voz falha. Quase um sussurro.

Minha vontade era de abraçá-la. De protegê-la e de beijá-la mais uma vez. Ainda não tinha conseguido esquecer o nosso beijo, mas me contive.

– Não se preocupe! Era apenas um arco. – respondi tentando encontrar seu olhar.

PERIGOSAS NACIONAIS

– Mas era de seu pai – continuou ela com o olhar triste.

– Se recupere para que eu possa levá-la para casa!

– Eu não posso voltar assim! Não há mais nada para comer em casa. – dava para sentir a dor em seus olhos.

– Mas precisa pensar em algo melhor, mais seguro! Tenho certeza que sua família vai querê-la a salvo.

– Minha família logo estará morta se eu não conseguir nada.

– Eu não posso ajudá-la! – disse me levantando. Eu não poderia permitir que ela continuasse a vir a floresta. Não depois do que tinha acontecido.

– Eu não vou insistir!

Ela se levantou e começou a descer para fora da caverna. Eu sabia que devia deixá-la ir. Não era minha responsabilidade, mas algo dentro de mim exigia que eu a seguisse. Era como um calor e uma agonia em meu coração. Eu ansiava por mais tempo ao lado dela.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 7

Mensageiro

Antéria, 1546

Clarissa Walker

Não era a primeira vez que sonhava com o caçador. Ele permeava meus pensamentos desde o dia em que o tinha visto saindo da Floresta

PERIGOSAS ACHERON

de Ulric com Sarah.

Alguns dias depois de ela ter voltado, e após acordar de mais um sonho, passei por seu quarto e percebi que a cama dela estava vazia e eu sabia o que aquilo significava.

Eu nunca tinha pensado em um homem daquela maneira, os via apenas como uma extensão de meu pai. Orgulhosos e prepotentes, mas ver Sarah se relacionando com alguém, me fez querer enxergá-los de forma diferente. Não com esperança de me apaixonar, mas como uma forma de me vingar pelo que a mãe dela tinha feito.

Se ela o quisesse teria que competir comigo.

Estava cansada de vê-la ter tudo, mesmo sendo apenas quem era. Não podia dizer em voz alta, mas invejava a pureza em seu coração. Sabia que isso a tornava fraca e na maior parte das vezes infeliz, mas o que restava, o pouco que lhe tinha sobrado trazia brilho ao seu olhar. Ela era amada.

Apesar de tudo que eu sabia que conseguiria como rainha, esse brilho já não existia mais em mim, talvez ele tivesse sido decapitado junto com a

PERIGOSAS ACHERON

cabeça de minha mãe.

Eu tinha me tornado uma ótima observadora, mas não conseguia confiar em ninguém. Gostava de ter tudo em minhas mãos. Não queria ser pega de surpresa. Não me daria ao luxo de passar por tudo que minha mãe tinha passado.

Ela havia sido tirada de mim e a condessa Bowe e todos os nobres que a ajudaram pagariam muito caro por isso. Mal sabiam o que lhes aguardava.

Vesti um dos vestidos de minha mãe. Já estavam velhos e fora de moda, mas eram mais bonitos que os trapos usados pelas moças da aldeia e o olhar de inveja delas já era suficiente para meu deleite matinal.

Aquele era o dia marcado para me encontrar com o mensageiro da duquesa de Noronha. Esperava que ele me trouxesse boas notícias. Precisava me livrar daquela sensação fracassada de inveja, não gostava de me sentir assim.

Caminhei por aquelas ruas poeirentas, tomando cuidado para não ser seguida pelas minhas priminhas irritantes. Elas estavam sempre coladas em mim quando Sarah não estava por perto, agiam assim numa tentativa vã de parecerem menos

PERIGOSAS ACHERON

decadentes e miseráveis. Algo impossível aos meus olhos.

Quase esbarrei num monte de feno enquanto caminhava e um camponês bêbado quase me fez tropeçar em excremento de cavalo. Aquilo era tão inapropriado para uma futura rainha que se pudesse teria incendiado toda aquela aldeia e voltado triunfante para o palácio de Werneck. Seria saldada por toda a cavalaria e sairia de uma belíssima carruagem e teria em minha cabeça uma coroa e não apenas ramos de flores como naquele momento.

Recordava-me de todos os detalhes sobre o palácio, e sempre que via árvores altas formando uma passagem, me lembrava de como era a vida antes de ser jogada naquele lugar miserável.

Eu tinha um quarto bonito e servos a minha disposição. Sentia falta da senhora Liandra, de seu carinho e odiava ainda mais o fato de não a terem deixado vir comigo. Quando a condessa Bowe convenceu meu pai de que eu estava louca, não me foi permitido levar ninguém. Ela o fez acreditar que estar com a família pudesse me fazer sentir melhor e que ao lado de minha tia no exílio, minha

PERIGOSAS ACHERON

demência não traria maiores complicações.

Ainda com todas essas lembranças dolorosas permeando minha mente, eu em fim achei a taberna onde o mensageiro estaria e ao entrar não foi difícil reconhecê-lo, pois mesmo sem os trajes do castelo, seu cabelo limpo e postura irrepreensível o destacavam dos demais.

Ajeitei meu vestido, minha capa e sentei-me de frente para ele.

– O que tem para mim? – perguntei de cabeça baixa, mas com a postura ereta.

– Vossa alteza real, a duquesa de Noronha, me enviou para dizer que vossa majestade, o Rei, está prestes a se casar com ela e lhe dá garantias que após a consumação do casamento, ela fará o possível para revogar vosso banimento – disse em um volume audível apenas para mim.

– O possível? – perguntei pensativa – Mas e Alguth?

– Vosso irmão, o príncipe, continua aos cuidados de seu tio, o conde Hughes e se viver o suficiente, ele ainda será o próximo na linha de sucessão.

Não me alegrava completamente as notícias, mas ainda era mais do que tinha conseguido durante

PERIGOSAS ACHERON

todos aqueles anos. Saber que a melhor amiga de minha mãe estava prestes a se tornar rainha de Antéria e que estava disposta a me ajudar me deixava mais confiante quanto ao futuro.

– Queres mandar alguma mensagem à vossa alteza real? – perguntou tomando um gole de sua bebida.

– Diga a ela que quero encontrá-la para que assim possamos conversar pessoalmente.

Precisava ter certeza que ela era realmente minha aliada e que tudo aquilo não me levaria a perder a cabeça como minha mãe. Conspirações eram desfeitas o tempo todo por meu pai. Ele tinha se tornado paranoico e eu não queria correr o risco.

Ele apenas assentiu positivamente com a cabeça.

– E antes de sair quero que pague por meu almoço e que me deixe algumas moedas de ouro para que possa esperar a próxima mensagem da duquesa, com digamos um pouco mais de conforto.

Ele deixou um pequeno saco de veludo vinho com moedas de ouro para pagar meu almoço por pelo menos uma semana.

– Vossa alteza real enviou como presente para

PERIGOSAS ACHERON

senhorita. – ele deu um breve sorriso formal e saiu.

Pedi frango e um pouco de pão e após me saciar fui para fora daquela taberna asquerosa, com a certeza que logo tudo aquilo seria passado, pois se a ajuda da duquesa fosse real, isso com certeza me traria benefícios.

Algusth era um problema, pois se ele se recuperasse e meu pai viesse a morrer, ele se tornaria o rei e eu não estava disposta a esperar. Queria desesperadamente voltar a ter a vida que me foi roubada e para conseguir eu não pensava em poupá-lo, assim como tinha certeza que ele não me pouparia. Mulheres no trono nunca seriam algo facilmente aceito pelos nobres e talvez nem mesmo pelo povo. Os homens, mesmo os mais displicentes, ainda eram mais valiosos que uma mulher, por mais inteligente e forte que fosse, mas isso iria mudar e mudaria sob o meu reinado.

Sabia que eu era inteligente e astuta o suficiente para reerguer o reino após meu pai tê-lo jogado na miséria. Surpreendia-me em ver como o povo ainda não tinha tentado tirá-lo do trono. Pelo menos de onde estava não via revoltas. As pessoas pareciam estagnadas, satisfeitas com o nada que tinham,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

como se não houvesse o que fazer. Eu não terminaria meus dias no meio delas. Eu merecia e teria mais, muito mais.

Voltei para casa e fiquei pensando, ou melhor, planejando minha futura vida que agora parecia ainda mais próxima, porém enquanto isso eu permiti que minha mente vagasse até o caçador, meu belo caçador.

Não existiam muitos homens assim naquela aldeia, e ao vê-lo saindo da floresta senti uma certa atração por aqueles braços fortes. Queria um pouco de diversão enquanto ainda estivesse por ali. Tornaria minha espera um pouco mais suportável.

Talvez fosse meu último ato naquela terra miserável, mas ele seria meu e eu colocaria minha prima bastarda em seu devido lugar. Presa à miséria que já estava destinada a ela. E que toda sua prole fosse para o mesmo caminho.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 8

Nostalgia

Antéria, 1546
Sarah Turner

Eu tinha conseguido manter meu pai sóbrio tempo suficiente para que ele pudesse conversar comigo. Precisava da sua experiência para tentar conservar a

carne. Aquelas poucas caças não seriam suficientes por mais que dois dias, então precisava economizar o máximo que conseguisse.

Enquanto falava com ele, fiz questão de observar cada detalhe, pois já tinha até me esquecido do quanto ele sabia ser gentil e amável.

– Papai preciso aprender a conservar essa carne para que dure mais tempo – disse tentando fazê-lo olhar para mim.

– Enterre-a na neve – disse como se estivesse olhando através de mim.

Ele nem ao menos questionou como eu tinha conseguido as caças. Não que eu quisesse dar explicações, mas eu odiava ver o quanto ele estava ausente. Seu corpo estava lá, mas sua mente ficava entre o real e o imaginário.

Enterramos a carne na fina camada de neve, nos fundos de casa para que não fossemos vistos. Não queria que as pessoas soubessem que eu estava caçando ou que questionassem de onde a carne poderia ter vindo.

As pessoas de nossa aldeia além de não ajudarem em nada ficavam a espreita. Esperando alguma falha que pudesse levar o restante de nossa família

PERIGOSAS ACHERON

ainda mais para o fundo do poço. Não os odiava, mas não guardava os melhores sentimentos de um povo que havia deixado minha mãe morrer por falta de remédios e minha irmãzinha definhando até a morte pela fome.

Não recebemos nem uma mísera porção de grãos, nem mesmo os estragados que ninguém mais queria. Todos decidiram fechar os olhos para nossa desgraça e tudo isso por minha mãe ter sido banida pela rainha.

Tia Charlotte e minha mãe tinham sido amigas um dia. E ambas viveram juntas no tempo que minha tia era rainha, mas uma amizade que parecia ser tão forte foi abruptamente interrompida por suspeitas que minha mãe sempre jurou serem infundadas. Suspeitas de que ela e o rei eram amantes.

Muitos diziam que eu era filha do rei, algo que nunca aceitaria como sendo verdade. Mas foi com a morte de minha tia por traição que tudo piorou, a maioria das pessoas da aldeia nos achavam amaldiçoadas. Achavam que nos ajudar as fariam ser perseguidas pelo rei. Um povo supersticioso em sua maioria, mas felizmente ainda havia alguns que

PERIGOSAS ACHERON

apesar do medo de nos ajudar, tinham a decência de conversar conosco. De pelo menos nos cumprimentar na rua.

Mas, como sempre para não enlouquecer eu tentava ver o lado positivo em tudo e Lucius era a única coisa boa que eu conseguia enxergar naquele momento, pois se não fosse pela maldade deles eu talvez não o tivesse conhecido e apesar das circunstâncias de nosso encontro, me deixava feliz saber que ainda existiam pessoas boas.

Ainda com o rosto de Lucius na minha mente, olhei novamente para o meu pai. Sua barba grisalha e seu cabelo bagunçado.

– Queria que o senhor continuasse assim papai – falei segurando sua mão – Sinto falta dos momentos que passávamos juntos, como esse agora!

– Eu queria ser mais forte filha – disse com as mãos trêmulas. – Eu amava muito sua mãe e perdê-la deixou um buraco tão profundo em meu coração que não sei se suportaria estando sóbrio.

– É difícil para todos nós também papai.

Eu o abracei forte e se pudesse teria congelado aquele momento. Enquanto afundava meu rosto em

PERIGOSAS ACHERON

seu peito, fechei meus olhos e tentei imaginar que tudo era como antes. Que ao abrir meus olhos veria minha mãe vindo em nossa direção cantarolando para Loren enquanto Beca e Nancy repetiam as palavras finais da canção em um coro desafinado e engraçado.

No final do abraço e ao abrir meus olhos, a tristeza bateu de forma aguda em meu coração, pois apesar de meu desejo, eu não conseguia salvá-lo. A bebida tinha devorado o meu pai, deixando apenas uma pequena sombra do que ele fôra outrora. Um resquício que raramente conseguia transparecer.

Voltei para meu quarto e fiquei observando Beca e Nancy admirarem da pequena janela os flocos de neve cair do céu. Elas amavam o inverno e mesmo sabendo que os nossos poucos agasalhos não aqueciam o suficiente, era bom vê-las relembrando a última vez que tínhamos ido a clareira para brincar.

Todo o inverno, fazíamos isso. E não poderia dizer que era um sacrifício levá-las, principalmente porque era meu único momento de diversão no ano inteiro.

No dia seguinte a carne que havia planejado

PERIGOSAS ACHERON

minuciosamente para que durasse por mais tempo já tinha acabado. Eu sabia que deveria ter economizado mais, porém não resisti aos pedidos delas. Dormiram com as barriguinhas cheias, mas eu passei a noite em claro tentando pensar em como faria para voltar para a floresta para conseguir mais.

Não sabia se seria bem vinda por Lucius depois dos comentários de Clarissa na clareira. Ela tinha o humilhado, porém apesar de tudo, me alegrava apenas imaginar o fato de que poderia vê-lo de novo.

Ainda não compreendia bem o que estava sentindo, mas era uma estranha necessidade de tê-lo por perto, como se apenas vê-lo fosse fazer tudo melhorar. Era como um raio de sol em um dia tempestuoso. Um brilho aquecedor que conseguia me fazer sorrir e que enchia meu coração com a mais pura felicidade.

Assim que amanheceu fui até o quarto de minhas irmãs e as envolvi em um abraço apertado. Elas retribuíram me enchendo de beijos.

– Sarah você vai trazer mais carne para casa? – perguntou Nancy com esperança no olhar.

– Estou com fome – continuou Beca.

PERIGOSAS NACIONAIS

Respirei fundo e sorri para elas. Não queria que perdessem aquele brilho no olhar ou que se dessem conta da dimensão da situação ruim em que vivíamos. Eram apenas crianças e eu não poderia esperar mais. Teria que enfrentar os perigos na Floresta de Ulric e torcer para que Lucius ainda estivesse por perto.

Naquele momento desejei ter sua proteção. Desejei que ele fosse parte de minha família. Um irmão talvez. Esse era o parentesco mais próximo que poderia fantasiar, afinal eu nunca seria uma opção desejável para seus olhos.

Disse para as meninas irem para fora brincar e quando saíram, eu olhei para minhas roupas velhas e gastas. Peguei o espelho de minha mãe que escondia em um buraco na parede. Tinha medo que minhas irmãs o quebrassem.

Olhei meu reflexo. Minha pele seca, meus lábios rachados e meus cabelos desgrenhados e voltei a pensar em Lucius.

Quem algum dia olharia para mim?

Quem poderia amar alguém como eu?

PERIGOSAS ACHERON

De repente a imagem ficou embaçada, pelo menos até a primeira lágrima cair, mas não permiti que as outras viessem. Eu não queria ser fraca e nem covarde. Guardei o espelho novamente e fui me encontrar com as meninas. Elas dançavam em volta da casa e suas risadas ressoavam em meus ouvidos como uma canção.

Elas eram minha responsabilidade, eram minha vida e não seriam as palavras cruéis de Clarissa ou seu total desprezo por nós que me refreariam de fazer o necessário para que o som de seus sorrisos enchessem meus dias de alegria.

Não conseguia entender como Clarissa podia ser tão passiva a tudo que acontecia ao seu redor. Vivia como se apenas suas perdas fossem relevantes. Como se a morte de sua mãe justificasse tudo. Eu, por outro lado, já tinha me cansado da prepotência dela e estava decidida a erguer a cabeça e proteger os meus.

Ainda de madrugada verifiquei se todos estavam dormindo, peguei a capa vermelha novamente e saí antes do sol nascer.

Caminhei pela Floresta de Ulric com todo cuidado, tentando colocar para fora a força que

PERIGOSAS ACHERON

sentia nascendo dentro de mim e para minha surpresa não demorou muito para que fosse recompensada. Senti-me aquecida apenas por vê-lo.

Lucius estava no mesmo lugar do nosso primeiro encontro. O acaso estava trabalhando a meu favor. Pelo menos era o que imaginava, mas tudo mudou quando aquele monstro me atacou. Eu não sabia se o que doía mais era o frio ou ver Lucius entregando algo tão precioso para me salvar.

Perdi a capa de minha tia, mas ganhei seus braços em volta de mim e um beijo que nunca esqueceria na vida. Ele era realmente muito bom em fingir, pois naquele pequeno instante eu me senti especial. Senti que ele realmente se importava comigo e que desejava aquele beijo tanto quanto eu.

Mesmo morrendo de frio, foi mágico estar nos braços dele. Senti-me aquecida apesar do vento frio e da neve. Era uma sensação que vinha do fundo do meu coração. Era como se todos os problemas e preocupações morressem ali. Era como se nos pertencêssemos. Algo que nunca imaginei que sentiria.

Ao ser colocada nas águas quentes daquela

PERIGOSAS ACHERON

caverna, a realidade voltou com uma intensidade dolorosa. Era difícil pensar que eu poderia ter causado a morte de Lucius e que não voltar mais à floresta poderia causar a morte da minha família.

Quando ele voltou com uma roupa seca e nos sentamos na entrada da caverna, ele parecia tão decepcionado que minha única alternativa além de chorar era ir embora.

Teria e iria me virar sozinha. Não queria ser um problema para ele. Já bastava ouvir de todos que nossa família era uma maldição, e eu não queria que aquelas palavras se tornassem realidade logo para ele.

Quando tinha perdido a caverna de vista escutei um barulho estranho na floresta. Temi que fossem os mesmos bandidos a minha espreita.

– Você não pode fazer isso sozinha! – disse Lucius a minha frente.

– E eu não posso pedir que me ajude! – respondi me virando de costas – Não depois do que aconteceu.

– Mas não posso deixá-la ir! – E me virou de volta para si, talvez de um jeito brusco demais.

Fiquei presa em seu olhar e foi impossível não
PERIGOSAS ACHERON

diminuir a distância entre nós. Quase cedi a tentação e o beijei novamente. E ele parecia tenso e ao mesmo tempo bravo, mas do que importavam as expressões em seu rosto? Se um único olhar era capaz de fazer meu coração disparar como nunca antes?

– E por que não? – perguntei ainda me recuperando da proximidade de nossos corpos.

– Por que você sempre questiona o que eu digo? – replicou com o rosto tão próximo ao meu que podia sentir o calor de suas palavras tocarem meu rosto frio.

– Eu queria que existisse outro jeito, mas infelizmente não existe, então para conseguir caçar nesta floresta eu preciso de você! Me perdoe. – soprei de volta em seu rosto.

– Venha! – disse pegando minha mão e se afastando lentamente.

Era estranho sentir seu toque, era como se todo sangue de meu corpo fluísse como as correntezas de um rio após uma forte tempestade.

Ele me levou para outra parte da floresta e me ajudou a fazer uma lança. Quando terminamos, eu quis logo testar minhas habilidades. E acabei não

PERIGOSAS ACHERON

indo muito bem, acertei apenas uma árvore e na minha segunda tentativa a lança caiu a centímetros de nós.

Lucius me observava com uma expressão estranha, era como se eu fosse uma espécie de ameaça. E não discordava dele, pois as chances de tudo dar errado comigo por perto eram bem maiores.

Enquanto ele estava distraído tentando capturar alguns faisões eu me perdia admirando cada detalhe. Ele não estava tão sujo de lama como da primeira vez. Seu cabelo preto levemente ondulado estava coberto por uma fina camada de neve. Seus ombros largos e braços fortes, mesmo com as várias camadas de tecido, eram imponentes e bem desenhados. Ele por completo parecia um milagre.

Sentia-me ainda mais insignificante. E quanto mais olhava para ele, mais tinha certeza que eu nunca estaria à sua altura. Não pensava assim em questão de títulos ou de riqueza, sabia que ambos éramos de uma classe inferior. Ele um pobre caçador que tinha o dever de proteger a família e eu a sobrinha de uma traidora, cuja mãe havia sido banida e perdido tudo. O imaginava se apaixonando

PERIGOSAS ACHERON

por uma bela mulher da aldeia. Conseguia ver o rosto de várias delas enquanto olhava para ele.

No final do dia, ele tinha feito praticamente todo trabalho sozinho, caçou por mim e por ele. Não reclamou, mas também não conversou comigo. Ele pegou alguns faisões e me escoltou de volta até em casa. Quase como um soldado, o que me fazia sorrir às vezes quando imaginava que ele estava zelando por mim.

– Obrigada – falei com um sorriso tímido.

– Fique com os três maiores, posso conseguir mais no caminho ao voltar para casa – disse me entregando os faisões.

– Prometo que evitarei encontrá-lo, não quero te causar mais problemas – continuei tentando segurar os faisões sem deixar que nenhum caísse no chão.

– Coloque-os nesse saco – disse tirando um saco de seu alforje e ignorando minhas palavras. – Assim poderá passar pela aldeia sem que percebam o que está levando para casa.

– Obrigada – disse novamente me virando de costas para ele e seguindo meu caminho de volta para casa.

Resisti à tentação de olhar para trás. Não queria

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que ele percebesse o quanto mexia comigo. Quanto necessitava de sua companhia.

Passei por toda aldeia sem chamar atenção. O saco com os faisões me protegeu dos curiosos e dos que poderiam dizer que eu os havia roubado.

Ao chegar em casa, enterrei dois dos faisões na neve e levei o outro para a cozinha. O depenei com as portas e janelas fechadas. Não queria que me vissem. Fiz um ensopado e chamei as meninas para comerem comigo.

– Está delicioso! – disse Beca com a boca ainda cheia.

– Maravilhoso! – concordou Nancy. – Como conseguiu a carne?

Ganhei de um amigo – respondi com um sorriso guiado pela lembrança de Lucius.

Um amigo que sentia pena de mim e antes de dormir me olhei novamente no espelho e me doeu perceber que ele nunca poderia sentir mais do que isso.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 9

Apaixonado

Antéria, 1546
Lucius Ganner

Era tão difícil explicar como eu me sentia quando ela ia embora. Eu não sabia demonstrar, mas ansiava pela

companhia dela.

Seu olhar, seu cheiro, sua pele. Tudo era um convite para me aproximar. Queria poder ficar mais perto, porém temia que isso a afastasse e apesar do pouco tempo que tínhamos passado juntos, me doía pensar nisso.

Eu ficava sempre aguardando que ela aparecesse. Era como se a floresta fosse mais do que era antes. Como se caçar não fosse mais minha única motivação.

Eu estava sempre pensando nela. Pensando em seu sorriso, no cheiro de seu cabelo e na proximidade dos nossos corpos.

Pensar nela me acometia a lembranças de histórias que meus pais contavam de como se conheceram.

Minha mãe tinha sido uma das damas da Rainha Ariella Hughes e quando se apaixonou por meu pai, um mero guarda real, ela abriu mão de tudo e voltou com ele para sua aldeia natal.

Se ela se arrependia de suas escolhas eu não sabia dizer, mas via meu pai trabalhando além de seu limite para que ela pudesse ter uma vida menos sofrida. Não achava que aquele era o futuro que ele

PERIGOSAS ACHERON

escolheria para ela ou para nós se pudesse voltar no tempo e mudar as coisas.

Era verdade que Sarah tinha tanto ou menos que eu, mas pensar em algo a mais com ela, como em termos um compromisso poderia tirar sua única esperança de um futuro. Sem falar que eu não sabia se poderia sustentar minha família e a dela.

Tudo era tão injusto. Enquanto os nobres casavam e se descasavam ao seu bel prazer, os menos favorecidos mal podiam sobreviver, que dirá dar uma vida digna à família. Eu queria ter mais. Não por mim, mas pelos que eu amava.

Voltei para casa da árvore e fiquei lá até a noite cair. Nem mesmo levei a caça para minha mãe. Não queria conversar ou ver ninguém, e sabia que eles ainda tinham a carne do dia anterior.

Eu apenas queria entender esse sentimento que crescia em meu peito. Entender como poderia controlá-lo. Era algo novo e apavorante. Fechar os olhos era quase mágico, pois na escuridão seu rosto se formava de forma tão vívida que eu quase podia tocá-lo.

Após algumas horas pensando e pensando sem conseguir nenhuma resposta, decidi descer e levar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

as caças para casa, mas antes de chegar à porta, encontrei Lisbeth vindo ao meu encontro.

– Você mentiu!

– O que você disse?— perguntei confuso.

– Eu segui você pela floresta e vi o fruto da minha imaginação ao seu lado — concluiu com os olhos semicerrados.

– Lis, você sabe que não pode ir a floresta! — a repreendi.

– E você disse que era errado mentir! — respondeu erguendo a sobrancelha esquerda.

– Eu só estava protegendo a reputação dela — exclamei pegando uma mecha de seu cabelo dourado.

– Se ela não entrasse na calada da noite na casa de um homem você não precisaria protegê-la.

– Lis, não diga isso! — respondi triste com o comentário dela. — Ela não teve escolha. A família tem passado fome, e ela veio caçar na floresta e enfrentou perigos que poucos homens já experimentaram e só veio até aqui porque eu praticamente a obriguei. Queria protegê-la da tempestade, mas eu lhe dou minha palavra que não a toquei!

PERIGOSAS ACHERON

– Está apaixonado... – e um sorriso escorreu-lhe pelos lábios.

– É muito nova para dizer essas coisas – respondi desajeitado.

– Já tenho doze anos! Não sou mais criança!

– É minha irmãzinha e eu só quero proteger você também! Todas vocês! – E fiz um carinho em seu rosto. Era tão fácil falar com ela. Quisera eu que fosse assim falar com a Sarah.

– Não mude de assunto! – Me repreendeu. – Sou feliz por ter você aqui cuidando de nós, mas isso não muda o fato de que está apaixonado pela garota da capa vermelha.

– Não estou apaixonado por ninguém – disse após um longo suspiro.

– Você nunca falou mais de duas palavras sobre uma garota e geralmente se referia a elas como: fúteis ou infantis – disse dando uma volta ao meu redor.

– A maioria é! – respondi a fazendo parar.

– Deveria dizer a ela o que sente! Qualquer mulher seria feliz em ter o seu amor! – seu olhar era tão terno que senti meu coração aquecido.

– Não há o que dizer! – concluí tentando mentir

PERIGOSAS ACHERON

para mim mesmo.

– Posso entender que tenha mentido para protegê-la, mas não posso aceitar que minta de novo de forma tão descabida! – replicou ela como se fosse minha mãe.

– O que quer que eu diga Lis? Que estou apaixonado por ela? Eu não tenho nada a oferecer a ela além de sentimentos e um futuro miserável! – disse sentindo a dor de cada palavra.

– Ela não é nenhuma nobre, se fosse não estaria caçando na floresta para sustentar a família! – respondeu como se não fosse mais uma criança. – Que futuro melhor ela pode esperar no mundo em que vivemos?

– Ela é jovem e é tão bonita! – era como se pudesse vê-la de novo. – Pode conseguir um bom casamento e um futuro melhor para a família.

– Então dê a ela o direito de escolher. A convide para um passeio. A mamãe sempre fala dos encontros com o papai na Floresta Real.

– Não sou um oficial da guarda, sou só um caçador.

– Mamãe guarda uma farda do papai e vestidos da época que viveu na cômte! – seu sorriso voltou a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

iluminar seu rosto. – A convide que eu preparo o resto!

– Não sei como fazer algo assim! – Agora eu que parecia a criança.

– Diga que vão caçar! O que não será mentira! Podem trazer pequenos animais num cesto! Ninguém desconfiará!

– Prometo pensar! Agora vá dormir! – disse beijando-lhe a testa.

Entreguei-lhe a caça do dia, voltei para casa da árvore e passei a noite pensando naquela conversa com Lisbeth.

Talvez eu pudesse viver toda aquela história na vida real, além de nos meus sonhos. Talvez Sarah pudesse me amar!

Vi o sol nascer enquanto cuidava da casa. Tinha passado a noite em claro, observando cada movimento ao redor de onde estávamos. Nenhuma ameaça apareceu, além dos meus pensamentos fantasiosos com a garota de cabelos de fogo.

PERIGOSAS ACHERON

Saí decidido a vê-la. Não fazia a menor ideia se conseguiria, mas me pareceu o melhor naquele momento para acalmar meu coração.

No fundo sabia que com o inverno as chances não estavam ao meu favor. Que mulher estaria em uma clareira em um dia tão frio?

Caminhei com minha lança em mãos. Talvez encontrasse algum animal pelo caminho. E talvez atravessar a floresta não fosse em vão.

Ainda não sabia se todos os animais tinham fugido para a direção contrária a minha ou se estava distraído demais para encontrar algum. O que eu sabia era que estava a poucos passos da clareira e que vozes vinham até mim trazidas pelo vento.

Escondi-me atrás de um velho carvalho e para minha surpresa vi Sarah e duas garotinhas correndo pela clareira. Pareciam se divertir enquanto giravam pela neve. Sarah e as garotinhas usavam casacos velhos e puídos, porém pareciam estar aquecidas.

Fiquei tão distraído olhando para Sarah que mal percebi a aproximação de uma delas.

– Quem é você? – perguntou uma garotinha franzindo o cenho.

Fiquei sem palavras, ainda não acreditando no quanto estava distraído.

– Lucius? É você? – perguntou Sarah se aproximando também.

– Olá – disse enfim ainda me sentindo um idiota.

– O que faz aqui? – perguntou com um sorriso crescendo nos lábios.

– Soube que havia faisões próximos à clareira – respondi envergonhado por não ter inventado nada melhor.

– Nunca vi nenhum por aqui! – disse a outra garotinha que parecia ter a idade de Lisbeth.

– É porque não procurou direito Nancy – disse Sarah tocando a ponta do nariz da garotinha. Um gesto muito familiar para mim.

Ela não pareceu estar satisfeita com a resposta, mas voltou a brincar.

- Quer brincar com a gente? – perguntou a garotinha menor me puxando pelo braço?

– Eu? – perguntei olhando para Sarah. – Não sou bom com essas coisas. – continuei.

Eu não me lembrava da última vez que tinha brincado com alguém. Era o único filho homem e meu pai dizia que brincar era uma perda de tempo.

PERIGOSAS NACIONAIS

– É simples, venha! – disse Sarah segurando minha mão e me puxando para onde as meninas estavam.

Senti-me em paz com aquele pequeno gesto. Era como se as preocupações que me cercavam tivessem dado lugar a um tipo de alegria que ainda não tinha experimentado.

Ela me levou até o topo da clareira, uma caminhada curta já que boa parte dela era plana. Os pequenos relevos que foram formados pela neve permitiam que deslizassem como em um escorregador.

Percebi que Sarah ainda mancava e parecia sentir dor quando seu pé tocava ao chão.

– Está tudo bem com seu pé? – perguntei preocupado.

– Sim! Apenas dói um pouco às vezes, mas nada que cause preocupação – respondeu ajeitando um pedaço de madeira cortado de forma irregular, mas que parecia servir bem como base para a brincadeira.

– Sua vez! – disse o indicando para mim.

- Na... Não! Eu não vou brincar! Não tenho jeito para essas coisas – respondi desconcertado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Eu também não tenho jeito para caçar e mesmo assim tenho invadido a floresta de Ulric com você e já até acertei uma lebre. – e sorriu para mim. – Deixe-me retribuir o favor.

– Está bem, mas apenas uma vez! – respondi mal reconhecendo o ser que falava com ela.

Desci naquele escorregador improvisado pela neve e para minha surpresa tinha sido divertido, mas antes que pudesse me levantar me virei para ver onde Sarah estava e a senti cair sobre mim.

Gargalhamos juntos enquanto olhávamos nos olhos um do outro. As garotinhas vieram correndo se juntar a nós. Ajudei Sarah a se levantar e ainda sem conseguir parar de sorrir respirei fundo e fiz o convite!

– Pretendo ir a Floresta Real conseguir algumas caças melhores... Quer ir comigo?

– Sim! Eu quero! - respondeu com um sorriso ainda mais largo. – Sempre quis ir à Floresta Real.

–Venho amanhã cedo buscá-la! – disse ajeitando a roupa e pegando minha lança do chão.

– Vou esperar! – respondeu como se não quisesse que eu fosse embora.

– Tchau Caçador – gritaram as duas garotinhas
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

em uníssonos, mas Sarah apenas acenou.

Voltei para floresta feliz e ao mesmo tempo angustiado. Ainda não sabia lidar com aquela explosão de sentimentos que invadia minhas veias e me tornava escravo da presença dela, como se nada, além disso, importasse.

Eu ainda tinha um juramento a cumprir e tinha que aprender a conciliar os dois sentimentos. Amava minha família e não me perdoaria se algo acontecesse a elas por estar distraído demais com uma garota.

E sim! Lisbeth estava certa. Eu realmente estava apaixonado por Sarah!

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 10

Rejeitada

Antéria, 1546

Clarissa Walker

Tinha saído cedo de casa para
minha caminhada matinal e é
claro que havia levado parte do

ouro deixado pelo informante da duquesa de Noronha, para ter pelo menos uma refeição decente naquele dia.

Entrei novamente na taberna de Sir Callow, lugar este que sabia que não encontraria ninguém que me reconheceria.

O lugar afastava os pobres por seu preço abusivo, mas era perfeito para manter em segredo minhas refeições fartas e encontros secretos com informantes da futura rainha.

Eu desdenhava da comida enquanto era servida para que não pensassem que eu estava à vontade naquele lugar, mas por dentro estava salivando apenas com o cheiro do frango. Sempre tentava comer devagar assim como havia sido ensinada na côrte, mas os períodos longos que passava sem nenhuma refeição, me faziam sentir uma selvagem a qualquer sinal de boa comida.

Paguei por minha refeição e saí daquela taberna saciada e feliz, afinal agora minhas esperanças de voltar ao castelo não eram mais apenas sonhos distantes de uma mente em desespero. Agora eu sabia que poderia se tornar real.

Quando estava no caminho de volta para casa

PERIGOSAS ACHERON

avistei minhas priminhas irritantes virem correndo ao meu encontro.

– Clarissa nos ajude, por favor! – gritou Beca ofegante.

– O que aconteceu? – perguntei irritada.

– Sarah! Está doente! Ela brincou conosco na clareira, mas quando voltamos para casa ela se queixou de dor e foi se deitar – disse Nancy também ofegante. – Mas agora não conseguimos mais acordá-la.

Elas mal esperaram a resposta e foram me arrastando pelas mãos. Uma de cada lado me levando para dentro de casa.

Ao chegar constatei que elas não tinham exagerado. Sarah estava pálida e com o suor lhe escorrendo pela testa.

– O que aconteceu Sarah? – perguntei ao sentar-me na cama.

Mas, ela apenas gemeu em resposta.

– O que ela tem? – perguntou Nancy.

– E por acaso sou uma curandeira para saber? – respondi repelindo sua mão que tentava tocar meu braço.

Pouco depois veio Beca arrastando a velha
PERIGOSAS ACHERON

parteira Esther pelas mãos.

Ela examinou Sarah e pediu que tirássemos o cobertor que haviam colocado sobre ela e que fizéssemos compressas frias para colocar lhe sobre a testa.

As meninas obedeceram e em questão de segundos tudo estava exatamente como ela tinha lhes pedido.

A parteira foi até sua casa buscar ervas e raízes. Trouxe tudo ainda fresco e amassou em um velho pilão fazendo um mingau verde e de cheiro forte. Ergueram a cabeça de Sarah e colocaram colheradas em sua boca. Ela teve dificuldades para engolir o que foi resolvido rapidamente com um pouco de água.

Fiquei observando escorada na porta do quarto. Não me lembrava de um dia já ter sido cuidada com tanto afinho e amor. Eu a invejei e saí do quarto antes que percebessem como eu estava me sentindo.

Peguei uma das capas de minha mãe e fui em direção à floresta. Pensei que talvez pudesse ver novamente o caçador. Talvez vê-lo me fizesse sentir melhor. Conquistá-lo poderia extinguir o PERIGOSAS ACHERON

sentimento de inveja e ciúme que sentia por alguém tão insignificante como Sarah.

Sabia que ela nutria sentimentos por ele. Estava tão claro quanto a luz do dia. Eu era uma ótima observadora e apesar de ainda não tê-la confrontado sobre isso, logo os papéis se inverteriam. E eis que essa seria minha chance. Sarah estava doente e provavelmente não poderia atrapalhar meus planos.

Entrei na Floresta de Ulric com todo cuidado. Afinal não queria me deparar com nenhum bandido pelo caminho. Eu era corajosa, não burra.

Escutei o som de cavalos se aproximarem e me escondi atrás de um velho carvalho branco. Escutei que tramavam um assassinato, mas não permiti que me vissem e então seguiram floresta adentro.

Não me interessava o que iriam fazer desde que não fosse comigo. Autopreservação sempre fôra o segredo para uma vida longa.

Caminhei por quase uma hora, me escondendo, observando e procurando.

A neve caía do céu como pequenos fiapos de algodão. Macia e gelada. Gostava de abrir a boca e comer aqueles pequenos floquinhos quando era criança. E repeti a cena girando pela neve, livre e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

em busca do homem que encantava meus sonhos. Até que minha busca teve fim e vi as costas do caçador. Ele parecia concentrado em uma pequena lebre que estava próxima a sua toca.

– Olá caçador! – disse em uma altura suficiente para fazer a lebre escapar.

– Sarah? – ele perguntou esperançoso olhando para mim.

– Clarissa Walker ao seu dispor! – finalizei acenando com a cabeça e segurando a ponta do vestido, em um cumprimento comum das mulheres da corte.

– O que faz aqui? – perguntou se virando novamente de costas.

– Sou uma Walker! Posso ir aonde eu quiser! – respondi indo em sua direção.

– Não me importa que sobrenome tenha, não é bem vinda aqui! – rosnou ele me ignorando completamente.

– E Sarah, ela é bem vinda? – o questionei com um sorriso malicioso nos lábios.

– O que aconteceu com Sarah? – perguntou com a preocupação saltando lhe do olhar.

– Gosta dela, não é? – O provoquei.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Não é de seu interesse o que sinto ou deixo de sentir! Então se não vai responder, vá embora! – disse com desdém.

Mas mesmo sendo ele tão rude com as palavras, não era uma opção ir embora sem levar nada comigo.

– Se me beijar eu conto o que aconteceu com Sarah! – e me aproximei o suficiente para poder olhar na profundidade de seus olhos e por pior que fossem suas palavras, eu o queria para mim.

– Não vou beijá-la! – e sorriu como se meu pedido fosse um deboche.

– Esquivar-se de beijar uma mulher pode manchar eternamente o nome de um homem.

– Então meu nome estará eternamente limpo, tendo em vista que não me esquivei de uma mulher, mas de uma criança mimada – e sorriu novamente, mas com um sorriso que enfureceu meu coração.

– Espero que Sarah morra e que não se recupere mais! – soprei em seu rosto e sorri.

Saí sem olhar para trás. Não iria me rebaixar a um homem, ainda mais estando ele tão a baixo de mim.

PERIGOSAS ACHERON

Quem ele pensava que era? Eu seria sua rainha um dia e sabia que nesse dia ele iria implorar por um beijo meu.

Capítulo 11

Delírio

Antéria, 1546
Sarah Turner

Meu pé nunca mais foi o mesmo depois do acidente na floresta. Tentei reproduzir por inúmeras vezes o curativo feito por Lucius, mas não obtive muito sucesso.

Sempre enrolava um pedaço de algum vestido velho e calçava por cima uma botina de meu pai. Não era nada charmoso, mas me aquecia e a barra do vestido servia para camuflar que a botina era bem maior que o meu pé.

Mas naqueles últimos dias, comecei a notar que o corte estava estranho, ainda mais dolorido e latejante, porém mesmo assim decidi dar a diversão que minhas irmãs precisavam e as levei para brincar na clareira. O dia não estava tão frio, então sabia que nossos velhos agasalhos seriam suficientes.

Foi incrivelmente divertido, apesar da dor. Fiz o possível para não tocar o chão, mas mesmo mancando não deixei que percebessem que não estava me sentindo bem, porém toda dor se foi para um canto esquecido de minha mente quando avistei Nancy conversando com Lucius. Ainda não acreditava que era ele ali tão próximo a nós.

Nem mesmo minhas irmãzinhas engoliram a história de caçar faisões próximos a clareira e tão longe da área real onde eles eram costumeiramente vistos sobrevoando.

Tentei encarar tudo aquilo como uma desculpa

PERIGOSAS ACHERON

para me ver e não poderia existir felicidade maior que pensar que isso poderia ser possível.

Tive vontade de beijar Beca quando ela teve a coragem que me faltou e o chamou para brincar conosco. E para minha maior surpresa e contentamento, ele tinha aceitado e foi maravilhoso vê-lo sorrindo, e tão relaxado.

Quando caí sobre ele, imaginei que seria repelida, mas ele sorriu e mesmo tendo que ir embora me convidou para ir a Floresta Real.

É claro que tentei disfarçar minha empolgação com a ideia, mas por dentro estava gritando. Afinal ir a Floresta Real era um sonho de criança. Ouvia minha mãe contar por diversas vezes como aquele lugar era esplendoroso. Cercado por árvores nobres de folhagem verde e vibrante. Isso sem falar nos jardins que circundavam a Floresta. Rosas, magnólias e lírios eram apenas algumas das flores que a coloria e a tornava surreal.

Apenas nobres podiam passear ou caçar na Floresta Real e por isso não fazia ideia de como Lucius poderia me levar até lá, mas tentei não me concentrar nesses detalhes e sim no fato de que passaríamos mais tempo juntos, fosse ele em PERIGOSAS ACHERON

qualquer lugar.

Voltei para casa mancando, porém feliz e cheia de planos, os quais foram nublados pelas dores e pelo frio que senti cada vez mais intensos quando entrei em casa, mas não queria preocupar as meninas, então simplesmente disse que estava sentindo dor no corpo, o que poderia ser facilmente atribuído ao dia divertido, porém exaustivo que tivemos e me deitei, puxando sobre mim o meu velho cobertor.

A dor aumentou ainda mais enquanto sentia o frio entrar por todos os meus ossos, até que tudo escureceu e não consegui mais pensar com clareza.

Era como se estivesse deitada nua sobre a neve. Doíam todos os meus ossos e o suor gelado transformou minha cama em um lago.

Eu conseguia ouvir de longe as vozes de Nancy e de Beca, mas era como se algo estivesse puxando minha consciência para longe.

Lucius apareceu como uma luz na escuridão e me levou para a colina. O sol brilhava acima das nuvens formando um espetáculo de cores.

Sentei-me na grama macia e ele sorriu para mim.

Aquele sorriso conseguia ser mais belo que os
PERIGOSAS ACHERON

raios do sol e me aqueceu tanto quanto eles.

Lucius pegou minha mão e a manteve entre as suas fazendo um leve carinho. Eu podia sentir seus calos, mas nada que incomodasse.

Recostei-me em seu peito e seu cheiro amadeirado inundou meus sentidos. Não estava mais sentindo dor e ao olhar para os meus pés descalços, não havia nenhuma ferida.

Queria ouvi-lo, mas tinha medo de estragar aquele momento com palavras.

Caminhamos abraçados por entre o bosque, até a entrada da Floresta Real. Podia ouvir o canto dos pássaros, mas não havia outra presença humana além da nossa.

Aquele lugar era ainda mais bonito do que imaginava ser possível. Só então me dei conta de que tudo aquilo não era real. Eu estava sonhando.

O céu escureceu repentinamente e a neve cobriu em instantes tudo que outrora cintilava em um verde vivo e brilhante. Lucius não segurava mais a minha mão, ele estava se afastando, era como se o vento o estivesse levando para longe de mim, mas quando voltei a atenção para minha frente, vi o túmulo de minha mãe e de minha irmãzinha.

PERIGOSAS NACIONAIS

Era como estar presa dentro dos meus próprios medos. Gritei por elas, as queria de volta. Minha mãe por seus conselhos, por seu carinho e por sua estabilidade. À minha irmãzinha por sua doçura e inocência. Todas perdidas para o sono da morte.

Um buraco imenso se abriu em mim. Todo meu corpo doía enquanto eu abraçava meus joelhos deitada naquele berço de neve.

– Lucius, Lucius, Lucius... – minha voz fraca clamava por ele.

Eu queria seu calor e sua segurança. Queria ouvir sua voz.

– Lucius, Lucius, Lucius – Clamei nas profundezas do meu desespero.

Eu estava caindo dentro de mim mesma. Dentro dos meus medos e frustrações. Eu estava morrendo e a dor e o frio apenas inundavam minha mente com o rosto dele

– Lucius, Lucius, Lucius...

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 12

A Cumplíce

Antéria, 1546
Lisbeth Ganner

Eu apenas queria ter as mesmas lembranças que todos eles tinham. Às vezes criava imagens mentais com as

histórias que mamãe, Lucius e Lola contavam sobre como era a vida quando papai estava vivo. Criava essas imagens na minha mente para fingir que eram lembranças minhas também, pois eles pareciam ser bem mais felizes naquela época.

Lucius talvez fosse mais sereno e menos carrancudo. Arrancar lhe um sorriso era uma tarefa árdua. Ele estava sempre trabalhando demais, preocupado demais e feliz de menos.

Para mim ele sempre seria o homem mais bonito de todos os reinos e sabia que várias mulheres da aldeia compartilhavam desse pensamento, mas ele as espantava quando vinham a nossa casa e sempre o fazia da maneira mais aterrorizante e engraçada possível.

Uma vez ele fingiu que era um macaco e correu pela casa batendo as mãos no peito e coçando a cabeça, tudo isso enquanto emitia sons estranhos, porém nada assustou mais as suas talvez futuras pretendentes do que quando ele se sujou inteiro com o sangue de algum animal e tentou morder o próprio braço como se fosse um maluco ou um canibal.

Tinha que admitir que era divertido, mas fazer PERIGOSAS ACHERON

isso lhe roubava as chances de viver um grande amor. Ele fingia que a solidão lhe bastava, mas eu sempre via além da armadura, eu via seu coração. E mesmo quando a maioria das pessoas não conseguia enxergar, eu via o quanto ele era gentil e amável e o quanto uma boa mulher poderia resgatá-lo de si mesmo.

Lola, por outro lado, amava ser o centro das atenções e após completar dezesseis anos não lhe faltava pretendentes. Bonita de aparência, ela era algo para os olhos anelarem. Um simples passeio com ela pela aldeia, arrancava suspiros de quem quer que cruzasse nosso caminho.

Se Lucius soubesse das suas idas a bailes nas aldeias vizinhas ele a amarraria em casa. Mamãe, por outro lado, fazia vista grossa. Ela no fundo queria nos ver casados e felizes. E via em Lola uma forma de começar a realizar seu sonho, já que Lucius não demonstrava nenhum interesse para tal.

Quando um pretendente de Lola veio a nossa casa todas nós tememos que Lucius descobrisse, mas o rapaz era filho de um conde inglês e parecia não se importar com nosso status. Parecia realmente apaixonado.

E como esperado, ele não demorou muito para fazer o pedido formal pela mão dela. E Lola, é claro, aceitou sem pensar duas vezes e ainda fez toda uma cena dramática do quanto estava emocionada com o pedido. Eu ri baixinho da situação me lembrando de todas as vezes que ela havia ensaiado tal momento.

Mamãe estava discutindo conosco como faríamos para avisar Lucius sobre o noivado. Na discursão acabei deixando uma pontada de inveja sair entre minhas palavras. Eu não conseguia deixar de pensar entre os sorrisos e planejamentos que nunca nada daquilo fosse um dia acontecer comigo.

Eu tinha apenas doze anos, mas já era visível que não puxara a beleza e nem o charme delas. Eu era muito magra e nem meu cabelo nem meus olhos eram adornos que poderiam compensar minha falta de atributos.

Enquanto Lola praguejava meu desânimo, Lucius adentrou sem nenhuma caça em mãos o que nos fez pensar que ele já tinha descoberto tudo.

– Filho! Em casa tão cedo?! – exclamou minha mãe com a voz alterada.

– Preciso da Lisbeth! – disse olhando para mim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– De mim Lucius? – perguntei olhando para elas.

Lola arregalou os olhos e me olhou de volta com um olhar suplicante. Com toda certeza imaginando que eu poderia contar lhe algo ou se ele já estivesse sabendo de tudo, que eu poderia acabar com as especulações e confirmar os fatos.

Saí com Lucius até a casa na árvore e quando entrei ele sentou-se virado para a janela. Parecia angustiado.

– Sarah está doente e não posso ir vê-la... – disse sem conseguir olhar para mim. – Eu não sei o que ela tem! - continuou trincando os dentes.

– Lucius eu posso ir até lá! - respondi afagando suas costas.

– Não posso permitir... É perigoso demais levar você pela Floresta de Ulric – respondeu tocando a ponta do meu nariz.

– Eu sou pequena e rápida! – disse sorrindo para ele. – Eu consigo chegar em segurança e terei você para me proteger.

– E como direi a mamãe que a levarei comigo? Não posso fazê-la mentir.

– Isso você deixa comigo! - e um grande sorriso cresceu em meus lábios.

PERIGOSAS ACHERON

Desci da casa da árvore antes que ele dissesse mais alguma coisa e ao entrar em casa, Lola correu até mim aos prantos.

– Você contou tudo a ele?

– Lola... – disse tentando explicar.

– Eu nunca poderei me casar! Vou ser uma velha solteirona! – me interrompeu para continuar seu drama.

– Lola ele não sabe de nada! – continuei.

– Vou perder... Hãh? Ele não sabe? – e seu rosto se iluminou.

– Não... Ele só queria me levar para um passeio! Ele acha que tenho andado triste esses dias.

– Sempre você não é Lis? Ele nem se importa comigo! – choramingou Lola ressentida!

– Lola! Pare com isso! Deixe-os irem, você poderá receber seu noivo enquanto isso! – disse mamãe tentando apaziguar a situação!

Saí antes que Lola voltasse a falar e me encontrei com Lucius na entrada da casa da árvore.

Ele parecia hesitante, mas dava para sentir sua preocupação com Sarah. E se ele se sentia assim eu acreditava que ela valeria o risco.

Caminhamos pela floresta e me senti livre. Era
PERIGOSAS ACHERON

tão gostoso estar em um lugar tão lindo na companhia do meu irmão!

Tivemos sorte e não encontramos nenhum perigo e depois de uma longa caminhada, chegamos a entrada da aldeia de Sarah. As plantações tornavam aquele lugar colorido e lindo.

– Não sei onde ela mora! Como faremos? – disse pela primeira vez desde que saímos de casa. Ele parecia tão absorto em seus pensamentos que temi por Sarah. Medo que ela estivesse realmente muito doente.

– Vou até um dos aldeões e perguntarei por ela! Pode me falar algo que possa ajudar? – perguntei tentando obter alguma informação que fosse suficiente para encontrá-la.

– Sua prima é Clarissa Walker – respondeu hesitante.

– Uma Walker, como o rei? Filha da rainha traidora? – perguntei espantada, já que não era segredo para ninguém o quanto aquela família era amaldiçoada. – Lucius eles são considerados a escória de toda a Antéria, tem certeza que a Sarah é um deles?

– Não a julgue por seu nome, apenas traga boas
PERIGOSAS ACHERON

notícias para mim! – disse com o sofrimento queimando em suas palavras.

Engoli em seco e fui até um senhor recém-saído da colheita e lhe perguntei sobre a casa de Clarissa Walker. Ele relutou de início, mas quando disse que era amiga de Sarah, ele me indicou o lugar. Lucius me seguiu até próximo de onde a casa ficava. Uma casa pequena e velha.

Caminhei até lá e bati na porta com medo do que me esperaria.

– Quem é você? – disse uma garotinha magra e pálida ao abrir a porta.

– Sou Lisbeth Ganner, amiga de Sarah! Vim vê-la.

Ela sorriu e me deixou entrar.

A casa não tinha muitos móveis e os poucos que vi, eram velhos e ruídos por cupins. Ao entrar no quarto, Sarah estava coberta com uma manta fina e com a testa ensopada de suor. Estava dormindo, mas com os olhos comprimidos como se sentisse muita dor.

– Lucius, Lucius, Lucius... – ela dizia repetidamente.

– Não sabemos quem ela chama... Não
PERIGOSAS ACHERON

conhecemos ninguém com tal nome – disse outra garotinha muito parecida com a que me recebeu. Ela segurava a mão de Sarah e secava lhe a testa com um lenço repetidas vezes.

– Pode ser efeito da febre! – disse fingindo não saber a quem ela clamava enquanto febril. – Já sabem o que ela tem?

– Uma parteira conhecida na aldeia tem tentado amenizar o estado dela, mas ainda não sabemos o que a deixou assim.

– Sua respiração parece normal! – disse apoiando minha cabeça em seu peito. – Isso é um bom sinal! – e tentei sorrir para elas.

Minha mãe teve uma boa educação quando ainda era uma das damas de companhia da rainha Ariella e sempre que podia nos ensinava algumas coisas, entre elas, alguns ensinamentos médicos que tinha aprendido com um de seus irmãos mais velhos.

– Tentarei achar ajuda e voltarei assim que encontrar – disse já de saída.

Elas apenas assentiram com a cabeça e me deixaram partir. Estavam tão desesperadas que nem questionaram nada sobre mim.

Voltei para Lucius e lhe dei as más notícias.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Ela clama por você em meio ao delírio causado pela febre. – concluí.

– Preciso ir até ela... Preciso vê-la! – disse indo em direção a casa.

– Não pode! – o repreendi. – Um homem saindo da casa de mulheres sem marido ou um pai presente poderia arruiná-las, ainda mais com a origem de sua família.

– Não posso deixá-la morrer! Não posso! – respondeu trincando os dentes.

– Então pense no que pode tê-la deixado assim! – disse me sentando em uma pedra.

– Você viu o pé dela? Se estava ferido? – perguntou como se tivesse acabado de lembrar-se de algo importante.

– Ela estava de meias. Não dava para ver seus pés! Mas o que isso tem haver com a doença? – perguntei ainda sem entender onde ele queria chegar.

– Ela se cortou quando a conheci, e isso pode ser a causa! – disse me ajudando a levantar. – Volte e verifique Lis, por favor!

Ele mal terminou de falar e eu já estava de volta ao caminho para casa de Sarah. Entrei sem bater e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

puxei suas meias. Não era algo que eu faria normalmente, mas a situação exigia o mínimo de formalidade.

Seu pé direito para minha surpresa estava inchado e roxo. Com um corte feio e inflamado.

– Oh meu Deus! Como não vimos isso! – disse uma de suas irmãs!

– Acho que sei o que pode curá-la! Logo voltarei! - disse tranquilizando as meninas de olhar triste e desesperado.

– Lucius... Lucius... – continuava Sarah com a voz ainda mais fraca e rouca.

Corri de volta para Lucius e lhe relatei em detalhes o estado do pé de Sarah.

– A rosa da montanha pode limpar o sangue dela! – disse Lucius quando terminei de falar.

– Rosas da montanha só podem ser encontradas acima do acampamento de Sir Brown! E ele é perigoso demais! Isso sem falar nos ursos e nos lobos ferozes que vivem na região – disse tentando desencorajá-lo de tal decisão.

– Ela vale o risco! Eu preciso ir Lis! – disse apertando minha mão! – Não posso perdê-la também!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Suspirei fundo e o abracei! Não queria vê-lo triste por ter perdido a primeira garota que conseguiu descongelar seu coração para o amor, mas como poderia permitir que ele fosse para o lugar mais perigoso que tinha conhecimento?

– Me deixe ir com você! – disse apertando sua mão de volta.

– Não! Você é esperta e forte e por isso preciso que fique em casa! – me abraçou ainda mais forte.

Voltamos em silêncio. Estava tão preocupada! Sabia que não suportaria perdê-lo, mas também sabia que não poderia impedi-lo de ir.

A caminhada de volta para casa foi ainda mais silenciosa que nossa ida para ver Sarah. Ele estava angustiado e preocupado e eu sentia a mesma coisa em relação a sua partida.

Ao chegarmos em casa ele me deixou na soleira da porta, e subiu para casa da árvore, provavelmente para pegar suas coisas para a viagem. Enquanto o esperava descer, fiquei orando para que Deus o protegesse e que o trouxesse em segurança.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 13

Em Apuros

Antéria, 1546
Lucius Ganner

A chava que já tinha sentido medo antes, mas nada que se equiparasse ao sentimento corrosivo e angustiante que o medo de perder Sarah

teve sobre mim.

Talvez estivesse sendo irracional permitindo que minha família ficasse tão vulnerável, mas me apegava à crença de que elas ficariam bem e que eu voltaria logo. Pelo menos repetia isso para mim mesmo enquanto caminhava rumo ao extremo norte da Floresta de Ulric.

As rosas da montanha cresciam naquela época do ano apenas dentro de cavernas vulcânicas onde encontravam o calor que necessitavam, mas para chegar até elas teria que atravessar o acampamento de Sir Brown e seu bando.

Meu último encontro com ele não tinha sido nada amistoso, então teria que pensar em um plano para chegar a caverna sem ser visto.

Preocupava-me também com os ursos, pois encontrar um pela floresta poderia ser fatal, mas tentei ser positivo focando-me no objetivo que era salvar Sarah.

O vento uivava ao passar por mim. Estávamos no início do inverno e sabia que ao norte o frio era ainda mais severo. Teria então que fazer a maior parte do caminho enquanto ainda era dia, pois ao chegar à parte da floresta que cortava a montanha

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

me depararia com total escuridão já que as copas das árvores se encontravam emaranhadas de tal maneira que era impossível caminhar ao cair da noite.

Gastei cerca de quatro horas para chegar a essa parte da floresta, e caminhei por ela seguindo meus instintos, mas ao findar do último raio de luz resolvi parar para dormir um pouco, afinal de nada eu serviria se começasse a escalada cansado. Precisaria de energia extra para conseguir enfrentar os perigos da montanha.

Subi em uma árvore bem alta e me amarrei a um galho forte. Segurei minha lança com a mão direita e a deixei apontada para frente. Ainda estava sobrecarregado pela preocupação e pelo medo, mas fechei meus olhos e deixei os sons da floresta inundarem a minha mente.

Acordei sonolento com um sussurro ao pé da árvore em que eu estava. Ajeitei minha lança enquanto olhava em todas as direções.

– Lucius... Lucius...

Continuei tentando enxergar quem clamava por mim com voz tão débil.

– Lucius... Me ajude...

PERIGOSAS ACHERON

Desamarrei-me e desci da árvore, mas foi chocante demais a imagem que vi. Sarah estava pálida e seu pé estava necrosando. Ela parecia mais morta que viva e se arrastava tentando chegar até mim.

A tomei em meus braços, e comecei a aquecê-la enquanto seu corpo gelado desfalecia. Com muito esforço ela se inclinou para mim e selou meus lábios com um beijo. Foi puro, foi inocente e carregado de amor, mas infelizmente durou uma fração de segundos e seus braços outrora presos ao meu corpo, penderam para o chão, e ela ficou ainda mais gelada e inerte.

Despertei com o gosto doce de seu beijo e com a lembrança amarga de sua morte. Desci da árvore e me coloquei a caminhar. Estava desesperado, precisava salvá-la e o tempo era agora meu maior obstáculo.

Continuei pela escuridão da floresta e talvez pelo pesadelo que tivera não estivesse tão cuidadoso quanto devia. Nem mesmo percebi a aproximação de um grande urso pardo.

Apenas quando ouvi seu rugido é que me dei conta que era minha morte que se aproximava.

PERIGOSAS ACHERON

Pensei em correr, mas que chance eu teria? Larguei minhas coisas no chão bem devagar com a intenção de subir em uma das árvores que estavam próximas a mim, mas ele me atacou assim que minha lança atingiu o chão. Levei uma patada no peito e caí com toda força com a cabeça em algo que deduzi ser uma pedra. Eu conseguia sentir o sangue quente escorrer pelo meu pescoço e já esperava o próximo golpe, mas fechei os olhos. Não por medo da morte, mas para que minha última visão fosse da vida que nunca teria.

Minha mãe feliz morando em uma boa casa, tendo alguém para servi-la, usando vestidos bonitos assim como era antes de sair da cômte, na época que era uma das damas da rainha. Vi Lola bem casada com um homem de respeito e que a amava por ser uma boa moça e não apenas por sua aparência. E Lis, minha pequena Lis sorridente e iluminada como sempre, de mãos dadas com Sarah e suas duas irmãzinhas e todos nós vivendo uma vida simples, porém feliz em um casebre no meio da floresta.

Ainda de olhos fechados senti mais um golpe. O urso tentava rasgar minha capa com suas garras

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

afiadas e eu podia sentir a dor e o sangue jorrar de mim, mas mantive meus olhos fechados para desvencilhar da dor. Até que tudo se foi e realmente perdi a consciência.

Tentei abrir meus olhos, mas a luz me cegou momentaneamente. Tive que piscar pelo menos três vezes para as imagens se alinharem. Consegui ver paredes de pedra, e ao tocar meus ferimentos senti um emplastro coberto por folhas. Olhei para os lados para saber quem estava cuidando de mim, mas vi apenas uma sombra ao fundo do que parecia ser uma caverna.

– Quem é você? – perguntei na ânsia de saber quem tinha me salvado, enquanto tentava encontrar minha lança.

Não houve resposta, apenas conseguia ouvir passos na minha direção até que me dei conta que meu salvador era uma mulher.

– Uma mulher? – perguntei surpreso.

– Esperava um cavaleiro de armadura dourada?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– respondeu com a voz áspera.

– Mas e o urso? – Ainda não acreditava que apenas uma mulher poderia ter me salvado.

– Está deitado sobre ele! – E sorriu de um jeito desafiador.

Olhei abaixo de mim e pude sentir o pelo quente dele me aquecendo. Ainda havia sangue no chão. Achei que fosse meu, mas era do urso.

– Mas como? – perguntei ainda incrédulo.

– Sou melhor caçadora que muitos homens! Sinto desapontá-lo – respondeu com o esboço de um sorriso. – O que faz aqui?– continuou ela.

– Eu vim em busca de rosas da montanha!

– Rosas da montanha só nascem dentro do vulcão nessa época do ano! Isso sem falar que teria de passar pelo acampamento de Sir Brown.

– Não importa o que tenha que fazer, mas eu levarei as rosas comigo!

– Hum... Vai salvar a vida de alguém? – murmurou ela.

– Alguém muito importante para mim! – respondi quase vendo o rosto de Sarah.

– Sendo assim eu o ajudarei – disse examinando meus ferimentos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Não posso permitir... É perigoso demais – respondi segurando seu braço enquanto retirava uma das folhas.

– Assim como era enfrentar um urso? – perguntou com desdém. – Sozinho estará morto antes que o dia termine – disse indo para fora da caverna.

Levantei com dificuldade. Ainda me sentia atordoadado pela dor. Escorei-me na parede fria da caverna, mas ela reapareceu segurando uma pequena tocha acesa. Deu-me um pedaço de tecido devidamente enrolado para que eu mordesse e com a ajuda de um cutelo aquecido pelo fogo ela fechou minhas feridas. A dor foi agonizante e para tentar amenizá-la mordi com tanta força o tecido que o sangue tomou conta da minha boca.

O gosto de ferrugem misturado a dor me fizeram quase perder os sentidos novamente, mas a voz dela me manteve acordado.

– Se os cortes não forem selados, você poderá sangrar até morrer. As algas serviram para minimizar a dor, mas de nada valem com a ferida aberta – disse enquanto passava as algas geladas em cima dos cortes agora fechados pelo fogo.

PERIGOSAS ACHERON

– Obrigado! – respondi por entre os dentes ainda entorpecido pela dor.

– Descanse, amanhã bem cedo partiremos rumo a montanha – disse indo ainda com a tocha acesa para dentro da caverna. – Amanhã estará se sentindo melhor, pelo menos o suficiente para andar.

Antes que eu conseguisse dormir ela me fez beber um chá forte e de gosto amargo, mas não demorou muito para que sentisse minhas pálpebras pesadas depois de bebê-lo.

Abri meus olhos ainda atordoado, mas a dor era mínima se comparada a da noite anterior. Consegui me levantar. Ajeitei minha calça que ainda estava com o tecido endurecido pelo sangue seco.

– Vista isso – disse ela jogando uma camisa branca e uma capa para mim. – E não remova as algas.

Vesti-me e saí da caverna ainda um pouco dolorido, mas determinado a salvar Sarah. Já havia perdido tempo demais.

– Ficou bem em você! – disse trincando os dentes. – Era de meu pai.

– Ainda não sei teu nome para agradecê-la

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

apropriadamente – Agora fora da caverna eu podia vê-la claramente. Não usava vestidos como uma mulher, e sim calças. Ela tinha cabelos negros e compridos, seus olhos eram tão azuis quanto o céu e apesar de parecerem ter visto muito da vida ela aparentava ser pouco mais velha que eu.

– Sou Stell Fraser.

– Sou Lucius Ganner e estou em dívida com a senhorita – disse fazendo reverência.

Ela gargalhou tão alto que fez os pássaros em uma árvore próxima voarem para longe.

– Há muito não sou mais uma senhorita – respondeu caminhando a minha frente como se eu é que precisasse de proteção.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 14

Uma Nova Rainha

Antéria, 1546

Clarissa Walker

Com Sarah doente, senti como se tudo estivesse conspirando ao meu favor.

A morte dela seria apenas mais uma prova de que cada um deles estava recebendo o que mereciam. A

morte era o caminho certo para todos que haviam causado sofrimento a minha mãe.

Ainda naquela noite, eu recebi mais uma carta da duquesa de Noronha e enquanto todos bajulavam Sarah eu fui para meu quarto para poder lê-la:

Querida Clarissa,

Escrevo para lhe
informar que meu
casamento com vosso pai
foi realizado na noite de
ontem.

Gostaria muito que

estivesse presente, mas a condessa Bowe ainda tem grande influência na cômte e seus aliados no conselho não permitiram que você fosse convidada para o casamento.

Felizmente vosso pai parece realmente estar apaixonado por mim e isso nos dá uma grande vantagem em relação à

condessa.

Ainda não posso trazê-la ao castelo para falarmos pessoalmente, mas saiba que cumprirei a minha promessa a vossa mãe e a trarei de volta para o conforto de vosso verdadeiro lar.

Cuide-se,
Hellen Walker

Ler aquela carta me fez lembrar o pedido que minha mãe havia feito a ela pouco antes de sua morte. A duquesa de Noronha, agora rainha de Antéria estava revivendo em mim algo que pensava não existir mais. A carta tinha me feito sorrir, não um sorriso debochado ou fingido, mas um sorriso sincero e puro. Um sorriso carregado de esperança. Uma esperança real.

Eu demonstrava a todos uma segurança, uma certeza de que logo tudo voltaria a ser como antes. Que logo eu voltaria para o castelo, mas tudo não passava de suposições e histórias criadas por mim mesma, para amenizar a dura realidade.

Guardei a carta no velho baú junto as outras e antes de fechá-lo vi minha velha manta que a senhora Liandra usava para me cobrir durante as noites frias no castelo. Respirei fundo tentando encontrar seu cheiro por entre o tecido amarelado e puído. Sentia tanto a falta dela!

Minha mãe me amava e demonstrava isso nos momentos que passávamos juntas, mas era a senhora Liandra que me amamentava, que me fazia dormir e que estava sempre por perto. Achava que

PERIGOSAS ACHERON

as teria para sempre.

A tia Daisy nunca tinha conseguido suprir a falta que as minhas duas mães faziam e sempre que olhava para ela sentia no fundo do meu coração que também era sua culpa toda a desgraça que tinha nos acometido.

Sentia que se ela tivesse se portado como uma irmã de verdade, o amor que meu pai sentia por minha mãe não teria sido abalado e talvez a condessa Bowe e toda corja de nobres que a ajudaram, não teriam o convencido daquelas mentiras. E eu a odiava por isso. E odiava a todos que ela amava.

No fundo do baú encontrei o pingente em forma de “C” que a senhora Liandra havia guardado dentro de uma das cartas escritas por minha mãe. Eu o segurei com força e fechei meus olhos tentando enxergar como a vida teria sido se ela ainda estivesse viva.

Peguei uma fita de cetim de meu cabelo e coloquei o pingente nela. O amarrei em meu pescoço e respirei fundo tentando guardar toda a tristeza que me abatera naquele momento. Sequei minhas lágrimas com a velha manta e abri uma das

PERIGOSAS ACHERON

cartas.

Eu podia sentir a presença de minha mãe e ouvir sua voz ao falar comigo, mas sua doçura era substituída pelos meus gritos de criança para que ela não morresse.

Todas aquelas lembranças me faziam sentir o quanto o mundo era cruel e injusto com as mulheres. E talvez por isso sempre visse os homens em um ângulo desfavorável. Não queria estar sob o julgo de nenhum deles, queria estar no poder. Queria controlar tudo, mas para isso teria que apertar as rédeas do meu coração, a qual pendia para o lado de certo caçador que mesmo contra minha vontade, permeava meus sonhos.

Todos os homens que tinha conhecido na vida pareciam sempre muito suscetíveis ao poder e a ganhar vantagem, mas, por outro lado, o caçador era diferente e talvez o fato dele me rejeitar tão veementemente tornasse tudo ainda mais desafiador, e isso me fazia querê-lo ainda mais.

A morte de Sarah me beneficiaria nisto também, pois quebraria qualquer esperança de amor entre eles o que deixaria o caminho livre para mim. Claro que não me uniria a ele em casamento. Nunca me

PERIGOSAS ACHERON

colocaria em tal posição, mas queria me sentir amada. Queria que alguém me enxergasse e visse além da futura rainha. Que visse mais que uma Walker, que não me julgasse como uma traidora, mas que me visse puramente como Clarissa, como mulher.

O caçador poderia me proporcionar tudo isso: Amor, paixão e sua devoção, assim como percebia quando o via olhar para Sarah.

– Ahhhhhh... – gritei para mim mesma.

Como ela poderia ser capaz de ter tudo isso sendo apenas quem era?

Sem vestidos bonitos, sem um corpo atraente, sem nem ao menos um nome digno para se orgulhar. Sem um dote descente ou um pai ao menos sóbrio. Isso era completamente sem sentido, mas se ela morresse tudo se resolveria. Assim teria que me concentrar apenas em Algusth.

Ele seria o próximo na linha de sucessão, e apenas se não tivesse filhos, é que eu poderia me tornar rainha, porém como poderia esperar contar com a sorte? E se mesmo sem herdeiros, ele tivesse

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

uma vida longa. Eu não poderia esperar tanto.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 15

A Caçadora

Antéria, 1546
Lucius Ganner

Seguei Stell por entre as árvores da floresta, mas estava tão escuro

que mal conseguia enxergá-la.

Ela parecia conhecer tudo tão bem que me sentia um bobo por estar sendo guiado por uma mulher.

Tinha aprendido desde criança que os homens eram os protetores e que mulheres eram seres frágeis e delicados que necessitavam de cuidado, mas Stell era tão diferente das outras mulheres, ela emanava força e coragem e isso me fez ver as coisas de uma outra forma, na verdade havia mudado muito do que eu acreditava.

Diferente de Sarah, ela não era de muitas palavras, apenas me indicava o caminho inclinando a cabeça para a direção em que eu deveria ir.

Estávamos caminhando sem intervalos, até que escutei uivos e paramos instantaneamente.

– Suba na árvore, agora!! – gritou Stell fazendo o mesmo.

Quando começamos a subir, lobos famintos tentaram nos alcançar e quase abocanharam meu calcanhar. Eu ainda não tinha me recuperado completamente e subir naquela árvore rapidamente não estava sendo tão fácil como teria sido se não estivesse ferido.

Chegamos ao meio da árvore, e me recostei no

PERIGOSAS ACHERON

tronco deixando minhas pernas descansarem sobre um dos galhos. Na rapidez da subida alguns ferimentos se abriram e o sangue quente que respingava no chão deixava os lobos ainda mais ouriçados, mas por ora estávamos seguros.

Peguei uma das flechas da aljava de Stell e mirei o lobo maior. Ele tinha o pelo cinza e olhos azuis, parecia ser o líder da matilha. Seus dentes brilhavam em nossa direção.

– Não faça isso! – gritou Stell segurando minha flecha antes que atirasse. – Não podemos desperdiçar flechas com os lobos, eles são muitos e precisaremos delas mais tarde.

– Não tenho tempo para ficar aqui esperando a boa vontade deles de irem embora! Sarah precisa das rosas agora! – disse pegando a flecha de volta.

– Hum... Então ela se chama Sarah – e sorriu desconsiderando meu tom de urgência.

– Eu não estou brincando! – respondi armando novamente o arco para atirar.

– Eu também não! – disse me fazendo prestar atenção nela. – Olhe ao seu redor, consegui contar pelo menos dez lobos e se matarmos esses logo chegarão mais... Talvez o dobro... Uma matilha

PERIGOSAS ACHERON

inteira e aí? Você vai atirar gelo neles? – disse voltando a ficar séria. – Esses lobos caçam apenas a noite e durante o dia se escondem dos ursos, então só precisamos esperar até o amanhecer.

– Esperaremos... – disse guardando a flecha na aljava. Eu estava desesperado para alcançar as rosas e levar para Sarah, mas ser imprudente não seria de muita ajuda. Então decidi escutar Stell, afinal ela conhecia aquele lugar melhor que eu.

– Conte-me sobre Sarah já que esperamos aqui por um bom tempo.

– Não tenho muito o que dizer...

– Sou uma ótima ouvinte... Conte-me como a conheceu – disse deitando sobre um galho acima do meu.

– Eu estava caçando e encontrei um rastro de sangue... Imaginei que era um animal ferido, mas era ela. Cabelos cor de fogo e tão irritante que quase a deixei pelo caminho – e sorri com a lembrança.

– E por que ela precisa da rosa? – perguntou fazendo com que a imagem de Sarah que se formara em minha mente desvanecesse.

– Ela se cortou e não cuidou do ferimento...
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Agora está infeccionado e a infecção está se espalhando, preciso da rosa para curá-la.

– Encontraremos a rosa a tempo, não se preocupe!

– Mas e você? Conte-me sua história...

– A minha é longa e dolorosa – respondeu desviando o olhar.

– Temos uma noite inteira pela frente – respondi me inclinando para olhar para ela.

– Bem eu fui criada pelo meu pai – começou ela olhando para o nada como se doesse lembrar. – Ele era um caçador muito bom, o melhor eu diria... Ele queria ter tido um filho homem, mas minha mãe morreu no parto lhe restando apenas eu – ela sorriu.

– Ele me ensinou tudo que sabia, mas quando completei dezoito anos surgiu um conde inglês muito rico e pediu minha mão... Me apaixonei por ele e estávamos prestes a nos casar quando meu pai descobriu que era tudo uma mentira. O conde era só um bandido. Sua única filha apaixonada por um ladrão – ela fechou os olhos. – Eu estava próxima às montanhas do leste quando encontrei o corpo do meu pai. Ele tinha sido assassinado.

– E nunca mais viu o tal noivo? – perguntei.

PERIGOSAS ACHERON

– Eu fugi e me abriguei em um povoado próximo, onde recebi ajuda de uma família de lenhadores e em troca eu caçava para eles, mas minha barriga começou a crescer e temi pelo meu bebê.

–Você estava grávida? – perguntei ainda digerindo a história.

– Um mau passo, mas isso não impediu que o filho mais velho da família que me abrigou me pedisse em casamento. Nos casamos às escondidas e dissemos que o bebê era prematuro... Alguns não acreditaram, mas fizeram vista grossa – ela respirou fundo. – Era uma menina linda, demos a ela o nome de Bree.

– E onde ela está agora?

– Houve um incêndio na aldeia, meu marido e minha filha morreram...

– Eu sinto muito.

– Não mais do que eu...

Ela ficou em silêncio, mas eu conseguia sentir sua dor. Ela tinha perdido tudo e eu não saberia se sobreviveria em seu lugar. Isso me levou de volta a Sarah. Eu não suportaria perdê-la mesmo sabendo que ela não era minha.

Passamos o resto da noite em silêncio. Ambos

PERIGOSAS ACHERON

não dormimos, mas nada além dos sons da floresta nos fizeram companhia. Os lobos uivaram, tentaram subir na árvore, mas foram embora com a chegada dos primeiros raios de sol. Ao olhar aqueles raios alaranjados voltei a pensar nela. Eu quase podia ouvi-la clamar por mim.

– Lucius... Lucius...

Descemos da árvore e Stell continuou a frente e após uma curta caminhada chegamos ao local que teríamos que escalar.

Era íngreme e escorregadio, mas era o único jeito para não sermos vistos por Brown e seu bando.

Stell também era boa na escalada, mas não melhor que eu. Sabia que se não estivesse ferido não teria dificuldade em chegar primeiro que ela.

Continuamos assim até que ela escorregou, mas eu a segurei com uma de minhas mãos, enquanto a outra eu mantive firme segurando em uma fenda na rocha.

– Me solte ou cairemos juntos! – gritou ela.

– Não hoje! – respondi a balançando até que ela saltou e se segurou em uma pedra próxima.

Ela se segurou firme e em poucos minutos estava ao meu lado. Ainda era difícil aceitar que uma PERIGOSAS ACHERON

mulher poderia ser tão forte.

Terminamos a escalada quase uma hora depois do incidente e ao chegar na base da montanha conseguimos ver a fumaça do acampamento de Brown. Deitamos na relva gelada e nos arrastamos até uma pedra próxima. De lá conseguíamos ver a entrada de uma pequena caverna

Estávamos exaustos. A escalada tinha exigido muita força e energia. Nossa respiração era irregular. Não tínhamos condições de enfrentar os homens de Brown que guardavam o acampamento. Eu tinha conseguido contar pelo menos cinco deles.

Eu ainda estava sangrando, mas nos arrastamos até a caverna e ficamos lá até escurecer. Stell pegou um pouco mais das algas que tinha guardada em um vidro e passou nas minhas feridas. Eu havia perdido muito sangue e estava fraco, não demorou muito para que perdesse os sentidos.

Quando abri meus olhos vi que já era noite. Apalpei meus ferimentos e senti o sangue seco misturado às algas.

– Por quanto tempo eu apaguei? – perguntei quando Stell se agachou para olhar meus ferimentos.

PERIGOSAS NACIONAIS

– O suficiente, eu acredito! – respondeu me ajudando a levantar.

– Não posso perder mais tempo, preciso chegar até as rosas!

– Sim! Você irá até elas e salvará a sua Sarah! – disse me entregando o arco e as flechas. – Eu irei distraí-los enquanto você procura a entrada para a caverna.

– Não posso permitir que você seja a isca! Vamos fazer isso, juntos!

– Não cabe a você decidir – respondeu passando por mim e indo em direção a um dos homens de Brown.

Enquanto passava por eles, consegui ouvi-la dizer que estava perdida.

Arrastei-me até algumas árvores e fiquei a procura da caverna que meu pai havia me ensinado que cresciam rosas da montanha.

Entre duas árvores frondosas encontrei uma abertura nas pedras. Algo como a toca de uma lebre. Rastejei por ela. Era apertado, mas em alguns minutos após quase perder o ar, saí em um grande salão. Era quente e escuro, porém quando terminei de sair daquele buraco apertado uma fração de luz

PERIGOSAS ACHERON

iluminou o chão da caverna e eu vi centenas de rosas da montanha. Eram azuis e cintilavam na luz. Sua delicadeza se destacava naquele lugar rústico.

Aquelas rosas cresciam apenas em Antéria. Eram um dos nossos tesouros e se tornariam ainda mais preciosas quando salvassem a vida de Sarah.

Coloquei todas que consegui em meu alforje e saí de lá aquecido porém um pouco tonto por causa do cheiro de enxofre.

Não consegui passar pelo mesmo caminho. Com a bolsa presa a minha cintura não sobrava espaço para passar. Tentei segurá-la a minha frente com uma das mãos, mas não consegui subir de volta. Precisava das duas mãos livres para criar impulso.

O suor escorria pela minha testa. Estava tão quente lá dentro que ficava difícil pensar. Rodei pela caverna a procura de outra abertura e acabei perdendo a noção do tempo. Caminhei sem rumo até que em fim achei um buraco maior que era o suficiente para passar. Não tinha certeza para onde ele me levaria, mas era melhor que ficar lá dentro.

Quando me arrastei para fora da caverna, eu saí no meio da montanha, e por muito pouco não caí lá embaixo. Ajeitei meu alforje e o arco em minhas

PERIGOSAS ACHERON

costas e desci devagar, tomando cuidado para que nenhuma rosa caísse.

Ao chegar ao solo não vi nenhum rastro de Stell, fiquei preocupado, mas no fundo sabia que se alguém poderia sobreviver a qualquer coisa esse alguém era ela. Minha estranha amiga caçadora.

Capítulo 16

Iminência

Antéria, 1546

Clarissa Walker

Não aguentava mais os gemidos de Sarah. Eles estavam me deixando louca.

Pelo menos sua morte parecia certa e eu me livraria de vez da minha concorrente sem ter que sujar

minhas mãos.

O caçador parecia ter se esquecido dela. Imaginei que ele viria correndo para socorrê-la, mas acho que seus sentimentos não eram tão profundos como pressupus.

Minhas chances aumentavam a cada dia enquanto Sarah era consumida pela febre. A casa parecia um funeral constante. Até mesmo meu insosso tio bêbado estava a dois dias sóbrio sentado ao lado da cama dela. Chorando e beijando lhe a testa coberta de suor. Parecia uma mulher de tão sentimental.

Tentei passar a maior parte do tempo caminhando pela aldeia e vez por outra ia até a Floresta de Ulric tentar a sorte.

Quando estava sozinha ou a espera de mensagens da duquesa de Noronha, minha mente vagava até Lucius. Eu desejava vê-lo outra vez, mas em vão se tornaram essas idas e vindas. Não encontrei nada mais que neve e escuridão.

Estava contando os minutos para meu encontro com o mensageiro da agora rainha de Antéria. Precisava ouvir boas notícias e ansiava pela companhia de alguém que não fedia a lavoura.

Nosso encontro foi na taberna de sempre. Ele
PERIGOSAS ACHERON

chegou coberto por um manto negro e comprido.

– Lady – disse com uma breve reverência.

– Que notícias trazes para mim? – perguntei com um leve aceno.

– Houve um ataque no castelo e vossa majestade o rei foi gravemente ferido. Todos os envolvidos foram enforcados ainda essa manhã – disse num som quase inaudível. – E Vossa majestade, a rainha, teme por sua vida.

– Quem eram os envolvidos? – perguntei pensando na condessa Bowe e suas conspirações.

– Três camponeses de uma aldeia do sul – disse bebendo um pouco de sua bebida. – Disseram que queriam matar o rei por toda miséria que seu povo estava passando.

– Diga a rainha que com certeza a condessa Bowe está envolvida! – falei tentando imaginar toda sua trama.

– Direi a ela!

– Se o rei morrer Alguth poderia assumir o trono? Como está sua saúde?

– Está muito debilitado, provavelmente precisaria de um regente.

– Quem seria o regente? – Imaginava que a
PERIGOSAS ACHERON

duquesa de Noronha desempenharia bem tal papel.

– O conde Hughes!

– Alguém mais tem essas informações?

– Apenas vossa majestade, a rainha, e o conselho.

Hayden era meu contato com o castelo desde a morte de Loren. Aquele homem loiro e com o cabelo devidamente penteado para trás parecia estar sempre a espreita. Vigando cada pequena expressão de meu rosto para a rainha, mas gostava da forma direta e respeitosa que suas palavras soavam. Era um verdadeiro deleite ser tratada de modo apropriado.

– Quer que eu diga algo a vossa majestade, a rainha?

– Diga a ela que estou disposta a tudo para recuperar meu lugar de direito!

– Sim, lady Clarissa, eu direi! – respondeu, deixando sobre a mesa um pequeno saco com moedas de ouro. Fez sua reverência e saiu.

A condessa Bowe com toda a certeza estava tramando algo terrível e tendo em vista o casamento de meu pai com a duquesa, eu já deveria ter previsto que ela tentaria algo. De início imaginava que talvez um amor mal correspondido

PERIGOSAS ACHERON

por meu pai a tivesse motivado a todas as tramas do passado, mas como era de se esperar de uma pessoa como ela, era o desejo por poder que a movia. E planejar a morte de minha mãe já não parecia o bastante, agora a vida do próprio rei estava em risco.

E eu precisaria de bem mais que nutrir meu ódio por ela. Eu precisava agir e me sentia mais confiante tendo o apoio da rainha.

Pedi frango e uma garrafa de vinho. Queria me faltar antes de voltar para casa. De barriga cheia eu conseguiria pensar com mais clareza e como recompensa ainda passaria mais tempo longe daquela casa que por enquanto ainda era obrigada a morar.

Enquanto era servida, um jovem de cabelos negros sentou-se a minha mesa e ficou me observando comer.

– Não há mais nada para fazer em toda aldeia? Algo que possa ser mais interessante que me ver comer? – perguntei.

– Não em tão boa companhia – respondeu com sorriso malicioso.

– Fique com as sobras – respondi me levantando

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

da mesa. Joguei uma moeda de ouro a seus pés e saí.

Ele veio em seguida e me segurou pelo braço com força.

– Como ousa?

Peguei a pequena faca que escondia na manga de meu vestido e a coloquei em sua garganta.

– Nunca mais ouse me tocar, pois na próxima não terei piedade. – O joguei no chão com apenas um movimento rápido. Aqueles bêbados mal conseguiam segurar sua própria garrafa, como poderiam imaginar que eu Clarissa Walker poderia me envolver com alguém assim?

Voltei para casa e lá estava minha prima moribunda. Ainda não sabia o porquê de a manterem viva. Poderiam poupá-la do sofrimento. E a todos nós também é claro.

O choramingo de minhas primas iriam ser minha companhia por mais aquela noite, mas dessa vez eu fixei minha mente na iminente mudança no trono. E dessa vez eu faria bem mais do que apenas assistir.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 17

Reencontro

Antéria, 1546
Stell Fraser

Quanto um coração poderia continuar a bater depois de se perder tudo?

Fiz-me essa pergunta milhares de vezes após a morte de meu pai.

Aquele escocês cabeça dura! Mas éramos tão

parecidos que falar dele era como fazer uma autocritica. A teimosia estava no sangue e embora nascida em Antéria não me sentia anteriana.

Meu pai havia salvado minha mãe de um naufrágio e se apaixonou tão perdidamente que não resistiu ao adeus e veio atrás dela. Um tolo de coragem! Ele partira apenas com seu kilt e um saco de moedas que havia economizado durante a vida. Não era muito, mas foi suficiente para construir uma pequena casa próxima às montanhas.

O anterês dele era horrível e talvez por isso conversássemos sempre em galês. Vivíamos em um mundo a parte. E sonhávamos em voltar para a Escócia.

Não havia nada que nos prendesse àquelas terras. Minha mãe falecera após meu nascimento e continuar em terras anterianas apenas aumentava sua dor.

Eu não tive o prazer de conhecer minha mãe, mas amava as lembranças da mulher maravilhosa e gentil que meu pai fazia questão que fossem minhas também.

Talvez por ter sido criada no meio da floresta e das lembranças de meu pai, que eu tenha sido tão

PERIGOSAS ACHERON

inocente a respeito do amor.

– Eu sempre a amarei Stell – disse Brown antes de nosso primeiro beijo.

Eu nunca tinha me sentido tão amada. Nossos passeios a cavalo pelo vale de Arizon eram fantásticos! Juras e demonstrações de amor me fizeram desejar uma vida diferente. Uma vida comum para as mulheres, com uma casa, um marido e muitos filhos para cuidar.

– Eu também sempre amarei você! – soprei em seu rosto quando ficamos noivos.

Estava perdidamente apaixonada por aqueles olhos negros. Seu sorriso era capaz de me fazer voar. E embora nunca tivesse sido como as outras mulheres, por ele me vi disposta a mudar. Entreguei-me aquele amor de todas as formas possíveis.

Meu pai, por outro lado, não se agradava muito de meu noivo. O achava perfeito demais para ser real.

– Tem algo errado com ele filha – disse no mesmo dia em que ficamos noivos. – Não sabemos quase nada sobre sua origem e um homem sem passado não é confiável!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Sei o suficiente meu pai, então acalme seu coração! – respondi com a errônea certeza que já sabia o suficiente da vida para ouvir seus conselhos.

Ele queria minha felicidade e mesmo a contragosto aceitou meu iminente casamento.

Brown não queria esperar muito e no fundo eu compartilhava de seu desejo em apressar as coisas, pois a cada dia as sensações se intensificavam.

Quando seus lábios tocavam os meus, era surreal. Era parecido com a sensação que senti quando consegui caçar meu primeiro cervo. Uma adrenalina misturada com arrepios e uma paz misturada com agitação. Tudo no mesmo instante. Eu queria mais e por me achar mais esperta que a maioria, acabei ficando grávida.

Meu pai prezava por minha honra acima de tudo, e não demorou muito para que ele percebesse o que tinha acontecido. Meus enjoos frequentes me delataram.

Senti-me tão envergonhada que mal consegui encara-lo. Fiquei a espera do que ele iria dizer. Temia por Brown. Temia o que meu pai faria por minha honra.

PERIGOSAS ACHERON

– Stell, Stell – gritou meu pai sem parar até que eu fui até ele já esperando que brigasse comigo. – Ele não é um conde! É apenas um mentiroso inescrupuloso que cuspiu em nossa honra, que te humilhou! – gritou ainda mais alto jogando seu arco no chão.

– Não papai ele não fez nada sozinho, a culpa também é minha – disse em sua defesa. – Não adianta difamá-lo para mim!

– Você é uma criança tola! – seus gritos ecoavam pela casa. – Eu o vi próximo a estrada que leva ao palácio de Werneck. Estava junto a um bando de salteadores que faziam tudo ao seu comando. Roubaram todo um carregamento de ouro que deveria ser entregue ao rei.

– Não é verdade! Vamos nos casar – disse pousando minha mão direita sobre meu ventre. – O senhor quer apenas nos separar!

– Eu quero que você seja feliz, é o que mais quero na vida! Você foi tudo que me restou nessa terra e não permitirei – disse se aproximando de mim com a voz falha. – Não permitirei que ele saia impune!

Eu ainda não conseguia acreditar. O conde era
PERIGOSAS ACHERON

apenas um bandido. Ele estava apenas me usando. Eu era apenas uma diversão. Como poderia sobreviver após receber aquela notícia?

No fundo eu queria apenas acreditar que meu pai estava mentindo. Que Brown viria e desmentiria tudo, mas ele olhou em meus olhos e foi impossível ignorá-lo. Foi impossível não acreditar.

Senti-me uma tola. Uma garotinha iludida que tinha dado um mau passo e que sofreria o resto da vida por conta disso. Passei aquela noite em claro. Apertei minha barriga com força e senti que um pedaço daquele homem agora era parte de mim também. Não conseguia pensar em nada que pudesse fazer para me livrar daquela dor.

Enquanto estava deitada em minha cama, ouvi passos se aproximarem, mas pelo cheiro de lavanda sabia que era meu pai. Ele usava óleo de lavanda nos ferimentos para diminuir a dor. Aquele aroma era repousante. Sabia que estava segura. Aninhei-me em seus braços e suspirei fundo tentando levar aquele cheiro para o meu coração na esperança de diminuir minha dor também.

– Você se parece tanto com sua mãe – disse em galês.

– Por que o senhor não me levou para a Escócia após a morte dela? – disse pensando que se tivéssemos ido eu não estaria sofrendo daquela maneira. Talvez quisesse culpá-lo.

– Eu não consegui me afastar das lembranças – disse após um longo e doído suspiro.

Continuei a chorar baixinho entendendo o que sua pequena resposta queria dizer. Minha mãe havia morrido, mas suas lembranças a faziam permanecer viva naquele lugar.

Enquanto ele vivia de lembranças, as minhas estavam me sufocando.

Meu pai beijou minha testa, traçou com os dedos o meu rosto e saiu. Não imaginei o que ele poderia estar planejando. Estava presa a minha própria dor para ver o que claramente viria a seguir.

Quando caí em mim, percebi que não devia tê-lo deixado sozinho. Corri pela floresta a passos largos. Tentei seguir seus rastros, mas quando o encontrei ele estava caído com sangue ainda quente ao seu redor.

Não havia paz em seu rosto. Seus olhos ainda abertos clamavam justiça. Ao olhar para o alto da montanha vi a sombra de um homem. Vi a sombra

PERIGOSAS ACHERON

de Brown.

Todo um quadro se formou em minha mente. Meu pai nunca permitiria que sua única filha fosse desonrada de tal maneira. Ele usava seu kilt e sua espada ainda estava presa a bainha.

Parecia um pesadelo daqueles impossíveis de acordar. Olhei novamente para cima e senti os olhos de Brown sobre mim, mas ele era um grande covarde e fugiu sem deixar rastros.

Pensei em gritar, em subir atrás dele e com a espada de meu pai buscar por justiça. Eu queria que olhasse em meus olhos e me fizesse enxergar quem ele era realmente.

Ele ainda não sabia, mas enquanto carregava o corpo de meu pai tracei toda minha vingança.

Eu esperaria meu filho nascer em segurança. Não arriscaria a vida dele por um mentiroso covarde, pois não era apenas seu sangue que corria nas veias daquele bebê, mas também o sangue Fraser de meu pai.

O enterrei no meio da floresta e cobri seu tumulo com as pedras do rio Arion e passei aquela noite deitada sobre as pedras chorando por ter perdido os únicos homens que tinha amado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Com o passar dos meses a tristeza e o sentimento de culpa se intensificaram. Ficar sozinha estava me matando, então após sentir o meu bebê se movimentar dentro de meu ventre eu decidi partir. Caminhei por um dia inteiro até que encontrei uma pequena aldeia de agricultores. Eu fui acolhida e até mesmo consegui um pai digno para meu bebê. Para minha linda Bree.

Tive uma filha linda! Ela era a cara do pai, e por mais que o odiasse, no fundo de minha alma sabia que ela tinha sido feita na inocência de um amor que por pelo menos um tempo tinha sido real.

Construímos uma pequena casa e apesar de não amar meu marido eu o respeitava e ele em contrapartida me permitia ser quem eu era e isso bastava para mim.

Foi um ano de paz. Eu me satisfazia apenas com a certeza de que veria minha filha crescer e que poderia ensiná-la a arte da caça, assim como meu pai tinha a passado para mim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Havia voltado de mais um dia de caça e de longe vi a fumaça atingir os céus. Minha casa estava em chamas. Atravessei a cortina de fogo e me deparei com meu marido morto próximo a porta, mas o quarto de Bree estava tomado pelas chamas.

– Breeeeeeeer – gritei em desespero, mas fui retirada da casa por um dos aldeões. Lutei com todas as minhas forças para voltar lá para dentro e tentar resgatar minha filha.

Meus pulmões protestaram, mas antes de perder os sentidos escutei a descrição dos homens que haviam atacado a aldeia e soube naquele momento que eram do bando de Brown.

Abandonei tudo e fui em busca de vingança. Vaguei por dias pela floresta em busca de informações, até que descobri onde o encontraria.

Na minha caminhada rumo às montanhas encontrei um homem sendo atacado por um urso pardo. Ele estava muito ferido, então eu o salvei e matei o urso. Sentia que ele era um homem bom. E acertei pela primeira vez na vida, então decidi ajudá-lo a pegar as rosas da montanha, mas não tinha intenção de voltar com ele. Eu queria apenas confrontar Brown e acabar com a minha dor.

PERIGOSAS ACHERON

Assim que vi Lucius entrar na caverna disse a um dos homens de Brown quem eu era e pedi para que me levassem para vê-lo.

Fui durante a curta caminhada até a barraca de Brown pensando no quanto eu ansiava por aquele momento.

Ajudar Lucius tinha sido apenas minha última oportunidade de ser eu mesma por mais uma vez. De ser a garota corajosa e forte, que não temia nada.

Era bom me sentir assim de novo, mas ver Lucius tão apaixonado por sua Sarah me fez invejá-la. Ser amada dessa maneira deveria ser uma sensação única.

Era muita sorte ter o amor de alguém. Uma sorte que eu não tivera e que nunca teria.

Ao subir aquela montanha eu sabia o que realmente faria. Deixaria Lucius ir até a caverna em segurança e depois iria para o destino que tinha escolhido. Um destino que diferente do que fazia todos pensarem, era deixar que me matassem.

Eu não tinha a pretensão de lutar. Eu só queria que a dor fosse embora, a dor de ter todas as partes do meu coração arrancadas de mim.

Meu pai e minha filha, ambos roubados de mim tão prematuramente!

E apesar do meu desejo de vingança, eu não era uma assassina, tinha apenas me tornado uma covarde que não suportava mais a dor.

Queria olhar nos olhos de Brown e deixá-lo carregar em seus ombros a minha morte. Queria descansar e que as lembranças e as vozes na minha cabeça adormecessem com meu corpo, no sono profundo da morte.

Tudo estava exatamente como planejado. Apresentei-me como Stell Fraser. O fiz na esperança de que ele viesse às pressas para me matar. Queria que terminasse o que tinha começado, afinal tinha matado meu jovem marido e toda sua família em um incêndio criminoso e cruel.

Quando me levaram até ele imaginei que veria ódio, raiva e desprezo em seus olhos, mas ele era muito bom em fingir, pois me abraçou desesperadamente como se realmente se importasse.

– Achei que tinha perdido você novamente! -
PERIGOSAS ACHERON

exclamou beijando meu rosto. – Eu te amo Stell, eu te amo!

Eu não conseguia externar tudo que estava sentindo. As mentiras dele só me faziam desejar ainda mais que ele não demorasse a me matar.

– Não acredito que estava viva meu amor – continuou ele me apertando contra seu corpo. – É uma dádiva dos céus! – respirou fundo e entrelaçou sua mão na minha levando-me para a sua barraca.

Eis que teria minha chance de ficar sozinha com ele e fazê-lo dar fim a toda àquela encenação ridícula.

Quando entramos vi ainda enrolada em uma manta bordada, uma menininha dormindo serenamente.

– Oh meu Deus! Oh meu Deus... – eu disse repetidas vezes enquanto caminhava em sua direção. Minha pequena garotinha estava bem ali na minha frente. A tomei em meus braços e beijei cada centímetro de seu rosto enquanto ela ainda dormia. – Como isso é possível? – perguntei me virando para ele, mas ainda sem conseguir soltá-la.

– Não sou o monstro que você pensa – disse sentando-se ao nosso lado. – Eu procurei por você
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

todos os dias. Não descansei nem um só minuto. Sei que tenho um grande número de inimigos e que qualquer um deles poderia ter descoberto essa minha fraqueza, mas quando escutei boatos sobre uma bela caçadora ao sul, eu senti que era você e fui sem pensar, até que encontrei a aldeia e a família – ele raspou a garganta, como se a lembrança ferisse seu orgulho. – A família que abrigou você e então descobri que estava casada e que tinha uma filha. – ele apertou os olhos com força e trincou os dentes. – Partes do meu coração morreram com aquela informação! Eu não poderia imaginá-la em outros braços que não fossem os meus. – Tentou tocar meu rosto, mas o virei para que não conseguisse. – Os aldeões trouxeram tochas acesas para nos enfrentar...

– Você quer que eu acredite que eles incendiaram as próprias casas? – Até mesmo as mentiras tinham que ter limites.

– Foi um acidente – disse tentando encontrar meu olhar.

– Um acidente assim como a morte de meu pai? – falei forçando todos os músculos da minha face, a não deixarem nenhuma lágrima cair frente a ele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Por pior que possa parecer, é a verdade, você precisa acreditar em mim! – insistiu enquanto tentava sustentar meu olhar.

– Você sempre mentiu! Nunca foi verdadeiro comigo, nem por um único momento! – soprei em seu rosto quando na verdade eu queria gritar.

– Eu fui um tolo eu sei, mas temia que não me aceitasse quando descobrisse que não era um homem digno! – ele respirou fundo e baixou a cabeça. – Eu herdei o bando de meu pai e sabia desde a primeira vez que a vi que nunca me aceitaria se soubesse quem eu realmente era.

– Eu te amava e confiava em você, se tivesse sido verdadeiro comigo poderíamos ter recomeçado – falei enquanto sentia meu coração queimar em meu peito.

Coloquei Bree de volta na cama para que ela não acordasse. Meu corpo tremia tanto que tive medo de deixá-la cair.

– Não me ama mais? – sussurrou quando me virei de volta para ele.

– Como posso amá-lo se nem o conheço? – respondi tentando manter minha respiração regular!

PERIGOSAS ACHERON

Como após tanto tempo ele ainda poderia mexer tanto comigo?

— Eu sou o mesmo homem que você salvou na floresta e que fingiu ser um conde inglês por vergonha. O mesmo que a fazia sorrir e que a acordava todas as manhãs com flores do campo. Que nunca foi muito bom com os animais, mas que a ensinou a empunhar uma espada. — declarou se recusando a se afastar de mim. — Me deixe provar que não matei seu pai, e que não matei aquela família! — continuou tomando-me pela cintura e fazendo nossos corpos ficarem tão próximos que foi impossível não me lembrar de como era bom estarmos juntos.

— Eu preciso de tempo para isso — respondi ainda tentando controlar o que estava sentindo — Deixe-me ficar com Bree essa noite. Decidamos o futuro ao amanhecer.

— Deu a ela o nome de minha mãe? — perguntou sem esperar uma resposta, mas um sorriso cresceu em seus lábios.

Ele segurou minha mão com ternura e ordenou que deixassem Bree e eu sozinhas.

– Nos falaremos ao amanhecer. – e beijou minha testa.

Peguei minha filha em meus braços novamente. A coloquei junto ao meu peito e espiei fora da barraca, se havia alguém se aproximando.

Parte de mim queria acreditar nele, mas eu não poderia ser tão tola! Não poderia acreditar naquelas mentiras. Decidi que devia fugir logo dali com a minha filha, tinha que fugir antes que ele conseguisse me enganar novamente.

Vi alguns homens sentados ao redor de uma fogueira. Os demais já deveriam estar dormindo. Tracei meu plano ainda sentada no chão. Eu fugiria com Bree para bem longe. Não seriam as mentiras daquele homem que me fariam ficar. Eu não poderia confiar por mais uma vez. Eu não o faria e agora tinha minha filha de novo e também não a deixaria ali.

Tinha deixado meu alforje na caverna. Amarrei Bree a meu corpo com a manta e andei abaixada por entre os arbustos que cercavam o acampamento.

O céu escuro e sem estrelas dificultava a visão, mas só podia agradecer pela escuridão, pois reduzia

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

os riscos de sermos vistas.

Um dos homens de Brown passou a centímetros de nós quando se afastou da fogueira para urinar. Senti um calafrio na minha espinha, mas Bree continuava a dormir e ele nada percebeu.

Voltei para a caverna, peguei meu alforje e minhas cordas. Com um pouco de dificuldade e muito frio, me prendi a corda e desci devagar pela montanha. Não foi fácil, mas não poderia me arriscar a dar a volta.

Fui com cuidado e sutileza para minha filha não se machucar. Gastei o triplo do tempo que havia gastado com Lucius, mas descemos em segurança, porém ao entrar na floresta me deparei com lobos ferozes. Bree acordou com o rosnado e se apertou em meu peito. Ela não gritou, senti naquele momento que apesar do tempo distante que ela não tinha me esquecido. Sabia que confiava em mim.

Quando tentei subir em uma árvore próxima um lobo veio me atacar, mas uma flecha apareceu cravada em sua cabeça. Nesse momento, não procurei de onde ela vinha, subi as pressas na árvore. Logo depois ouvi Lucius e estava feliz por ele estar ali.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Durante a noite Bree chamou pelo pai. Ela parecia amá-lo também, então tentei não impor minhas lembranças a ela, me ative a dizer que estávamos indo viajar e que logo ele nos encontraria. Ela sorriu e todo o resto se foi. Eu só queria ficar olhando aquele rostinho pequeno e delicado. Quando ela adormeceu de novo, eu tracei cada pequeno detalhe de seu rosto com a ponta dos meus dedos. Foi a noite em claro mais feliz da minha vida.

Ao amanhecer, os lobos foram embora e Lucius surgiu e parecia feliz ao me ver. Conteí sobre meu plano de fugir, mas ele não me repreendeu ou me encheu de perguntas. Ele conheceu Bree e ofereceu ajuda.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 18

Proibido

Antéria, 1546
Lucius Ganner

C orri o mais rápido que pude quando ouvi os uivos se aproximando. Lembrei-me de Stell e subi na árvore mais próxima. Não poderia arriscar

PERIGOSAS ACHERON

perder a vida, ainda mais agora que teria a chance de salvar Sarah.

Amarrei-me a árvore e me recostei em seu tronco. Estava dolorido, com frio e cansado. Não demorou muito para que pegasse no sono, mas meu descanso não durou muito. Os lobos pareciam ter encontrado outra presa. Soltei-me das cordas para poder ver melhor e avistei Stell.

Peguei o arco e uma flecha e acertei a cabeça de um dos lobos que estava prestes a atacá-la. Ele deu um uivo alto e caiu morto, mas nada impediu que outro ainda mais feroz ocupasse seu lugar. Dentes afiados e brilhantes reluziam na escuridão. Armei novamente o arco e o acertei. Foi tempo suficiente para que Stell alcançasse um lugar seguro em uma árvore próxima.

– Você está bem? – gritei para ela.

– Sim! – ela respondeu feliz. – Mas daria conta sozinha.

Rimos alto suficiente para deixar os lobos ainda mais ouriçados.

A noite demorou a passar. Talvez fosse a ansiedade de voltar e salvar Sarah. Queria logo vê-la sorrindo e com isso em mente passei a noite

PERIGOSAS ACHERON

apreciando os céus. Não havia estrelas e nem a luz do luar, mas por alguns instantes vi o rosto dela se formar. Vi seu sorriso. Adormeci com essa paz de espírito.

Assim que amanheceu e os lobos foram embora, descí da árvore e fiquei esperando Stell, mas para minha surpresa ela não estava sozinha. Uma pequena garotinha com cabelos negros se emaranhava em seu colo.

– Quem é ela? – perguntei.

– É Bree... Minha Bree... – disse a envolvendo em um abraço.

– Sua Bree? – perguntei espantado. – Como isso é possível?

– É uma longa história, mas não temos tempo para isso, precisamos nos apressar – disse olhando para os lados. – Logo Brown virá atrás de nós.

– A levarei para minha casa – disse a conduzindo. Dessa vez Stell teve que me seguir.

Ela parecia diferente com a filha nos braços. Seus traços altivos e seu olhar feroz deram lugar uma serenidade invejável, mas eu estava feliz por ela. Não conseguia nem imaginar como sobreviveria se perdesse toda minha família. Ela passou por tanta

PERIGOSAS ACHERON

coisa que ter sua filha de volta era um milagre merecido.

A caminhada foi longa e um pouco mais demorada que o planejado, mas Bree era apenas uma criança e tínhamos que atender suas necessidades.

Quando em fim avistei minha casa, suspirei aliviado, parecia que nada havia acontecido por ali. Ao abrir a porta, deixei que Stell entrasse primeiro.

– Quem é essa mulher? – perguntou Lola antes que eu tivesse a chance de abrir a boca.

– Mamãe, essa é Stell e sua filha Bree – respondi ignorando Lola. – Ela ficará em nossa casa pelo tempo que julgar necessário, por ora só precisam saber que ela salvou minha vida.

– Seja bem vinda querida – respondeu minha mãe a levando para a mesa.

Sabia que o fato dela ter salvado minha vida faria com que minha mãe a tratasse como da família.

Chamei Liz discretamente e a levei para fora. Precisava saber notícias de Sarah.

– Vá o mais rápido que puder a casa de Sarah – disse com a respiração irregular. – Estão prestes a matá-la.

Mal esperei que ela terminasse e corri pela floresta, torcendo para não ter chegado tarde demais. Meus ferimentos ainda latejavam, mas ignorei a dor. Sabia que não era uma caminhada tão longa, porém a cada passo que eu dava, sentia que ela estava ainda mais distante e eu não me perdoaria se algo acontecesse.

Saí da floresta e mantive os passos rápidos para não perder tempo. De longe avistei um casebre cercado por pessoas de luto. Prendi a respiração e entrei pelos fundos.

– Quem é você? – perguntou uma das irmãs de Sarah.

– Vim salvar Sarah! – respondi com esperança de ouvi-la dizer que ela ainda estava viva.

– Meu pai já decidiu acabar com o sofrimento dela – falou com os olhos inchados de tanto chorar.

– Me deixe tentar salvá-la – insisti.

– Tem certeza que consegue?

– Tenho – disse tirando as rosas da montanha de minha bolsa. – Isso pode fazê-la melhorar.

– Eu ajudo você! O que tenho que fazer? – perguntou sem perder tempo.

– Vou preparar as rosas. – disse pegando um

PERIGOSAS ACHERON

pequeno prato fundo que estava sobre a mesa.

Ela trancou a pequena porta que dava acesso ao cômodo e me explicou que dificilmente alguém entraria ali. Todos queriam estar ao lado de Sarah.

Preparei tudo em poucos minutos e pedi para que eu mesmo levasse para ela, mas a garotinha respondeu que seria impossível, pois o pai não permitiria a visita de um estranho naquele momento tão sofrido para eles. Ela pegou a mistura, me deixou sozinho e saiu.

Sentia meu coração disparado e o suor escorrer pelo rosto, nem conseguia pensar direito. Eu só queria ver o rosto dela, eu só queria ver aquele sorriso de novo.

Quando a porta se abriu novamente, não era a garotinha e sim um homem, deduzi que fosse o pai de Sarah.

– Quem é você? – perguntou com os olhos semicerrados e com o semblante cansado.

– Eu vim para salvar Sarah, então me permita salvá-la.

Ele abriu a porta e me deixou passar. Sabia que deveria ter me apresentado, mas não havia tempo para formalidades. Encontrei Clarissa pelo

PERIGOSAS ACHERON

caminho, mas a ignorei e fui ver Sarah. A encontrei abatida, com um sono perturbado e dizendo meu nome insistentemente.

Agachei ao seu lado na cama e segurei sua mão, ela apertou a minha instintivamente, como se soubesse que eu estava lá.

Peguei o emplastro feito com as rosas e coloquei no corte. Ele estava inflamado e inchado. Espremi o restante das rosas em sua boca, ela engoliu com dificuldade. Enxuguei seu suor com um lenço que estava ao lado da cama. Não me importei nem mesmo com a presença de seu pai. Eu só queria cuidar dela.

– Terão que repetir isso por pelo menos uma semana e ela ficará boa!

– Você é o Lucius? – perguntou se aproximando.
– Por que ela clama por você? Qual é a sua relação com a minha filha? – continuou elevando a voz.

– Somos amigos, nada além disso! – respondi sem me afastar dela. – Nunca toquei na sua filha posso lhe dar minha palavra.

– Vejo amor nos seus olhos, assim como sinto o amor que emana dela quando clama por você! – disse sentando-se ao meu lado no chão. – Eu nem
PERIGOSAS ACHERON

sempre fui esse bêbado inútil. Eu achava que conseguiria manter minha família segura e que seria um bom provedor. Fui mercador por muitos anos, mas quando Daisy voltou do castelo, ela já estava grávida. Ela carregava um filho de sangue nobre no ventre, mas estava tão apaixonado por ela que não me importei em dar meu nome a criança. E quando Sarah nasceu eu estava lá. Ela era tão linda! Cabelos de fogo e um sorriso que iluminou minha vida. Vendi tudo que tinha conquistado como mercador e comprei esta casa – disse olhando para Sarah ainda inerte. – Mas o amor não é tudo e só descobri isso quando perdi Daisy e me dei conta que não suportaria a dor sóbrio. Eu a perdi por não ter condições de cuidar dela como ela merecia. Perdi minha filha tão pequena para a fome e Sarah está assim por minha culpa também. – continuou. – E eu estava disposto a deixar que a libertassem de seu sofrimento. Eu iria deixá-la morrer.

– Sarah não irá morrer – disse com a mão em seu ombro. – Ela ficará bem!

– Por quanto tempo? – perguntou sem esperar por uma resposta. – Sinto o amor de vocês, mas não posso permitir que a história se repita.

– Eu posso cuidar dela. – disse ainda segurando a mão febril de Sarah.

– Não se iluda, meu rapaz. Não permitirei que Sarah, se sobreviver, tenha menos do que merece. Daisy, minha querida esposa, era de uma família nobre e mesmo com a maldição lançada sobre os Edgell, ela poderia ter tido uma boa vida, com um homem de posses e ter recebido um título nobre, mas não! Ela me escolheu, um pobre mercador, ela escolheu o amor e veja como acabamos – disse olhando ao seu redor. – E agora olhe para si, mal pode se vestir! Como poderia cuidar dela? – disse se levantando. – Eu proíbo você de cortejá-la. Eu proíbo!

– Não faça isso – respondi sentindo um nó na garganta.

– Se realmente a ama deixe a livre – disse e saiu do quarto fechando a porta atrás de si.

Fiquei sozinho com Sarah. Beije-i lhe a testa e toquei cada traço de seu rosto. Queria beijá-la, mas não poderia fazê-lo com ela inconsciente.

Ela chamou por mim e me premiou com um sorriso pequeno e dolorido, mas sem saber ela tinha acabado de fazer toda minha jornada para encontrar PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

a rosa ser insignificante. Nada seria suficiente para equivaler aquele pequeno momento, mas eu tinha que partir. Beije-i lhe novamente a testa e contornei seus lábios com meu polegar. Estavam secos e com pequenas rachaduras, mas ainda eram tão macios quanto imaginei que seriam.

– Eu te amo – soprei em seu rosto e pulei a janela para ir embora.

Não podia deixar de pensar nas palavras do pai dela. Eu talvez nunca estivesse a altura. Sarah merecia mais do que um pobre caçador.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 19

Decepcionada

Antéria, 1946
Sarah Turner

Lucius se afastava cada vez mais e o frio me consumia. Sentia um misto de dor e medo que era agonizante, mas quando senti o toque das suas mãos novamente, tudo se foi. Senti-me melhor, era como um cobertor quente me envolvendo enquanto eu era

carregada de volta a vida.

Quando em fim abri meus olhos, ansiosa para vê-lo, ele não estava lá. Procurei por sua mão, por seus olhos, mas ele não estava lá. Meu pai me abraçou e minhas irmãs me envolveram em um abraço forte, carregado de amor e lágrimas. Até mesmo Clarissa disse que estava feliz por mim.

Com o passar do tempo a ferida em meu pé foi cicatrizando e melhorando. Já me sentia forte o suficiente para ficar de pé no décimo dia.

Caminhei devagar em direção a saleta de nossa casa e para minha surpresa e alegria, papai estava sóbrio, mas não reconheci os homens que estavam com ele. Todos sorriram para mim, dei um meio sorriso com um aceno de cabeça e antes que dissessem alguma coisa eu fui para a cozinha. Sentei na soleira da porta dos fundos e não demorou muito até que Nancy se juntasse a mim.

— Ainda não acredito que está melhor — disse apertando minha mão.

PERIGOSAS NACIONAIS

– Quem trouxe as rosas da montanha? – perguntei esperando que fosse Lucius.

– Papai não quer que falemos sobre isso – respondeu secamente dando de ombros.

– Por favor, Nancy, eu preciso saber – disse a virando de volta para mim.

– Ele veio... Estava muito preocupado e quis ele mesmo lhe dar as rosas – respondeu engolindo seco.

Senti que tinha algo mais, porém foi impossível não sorrir ao saber que ele não tinha me esquecido.

– E ele conseguiu? – perguntei ansiosa.

– Papai o encontrou antes e vi ambos entrarem no quarto, mas apenas papai saiu – ela franziu o cenho.

– Quando entrei no quarto não havia ninguém além de você – continuou. – Eu não sei o que papai fez a ele, eu não sei. – e me abraçou forte.

Minha cabeça começou a girar. O que teria acontecido naquele dia? Meu pai não era um homem mal, mas e se a honra de sua filha estivesse em jogo? Teria ele coragem de matar?

Libertei-me dos braços de minha irmãzinha, e ainda fraca engoli as lágrimas que teimavam em inundar meus olhos e após respirar fundo tomei

PERIGOSAS ACHERON

minha decisão.

– Preciso encontrá-lo.

– Sarah como você sairá? Ainda não percebeu o motivo do homem das cabras estar com nosso pai nesse momento? – perguntou inclinando a cabeça para sala.

– Motivo? – perguntei sem entender o que ela queria dizer.

– Ele quer casar você Sarah!

– Me casar? Com ele? Não posso... Ele não pode... Oh meu Deus! – disse ainda apavorada com as palavras dela.

– Você ama o caçador? – perguntou ela.

– Eu... Eu não sei se é amor, mas sei que preciso vê-lo... Que preciso saber se ele está bem.

– Não há como sair, papai não permitirá.

– Eu preciso ir até ele – continuei angustiada.

– Não há como ir...

– Me ajude Nancy... Sei que tem uma amiga na cidade, peça a papai para que eu vá com você visitá-la, por favor...

– Vou pedir – respondeu tentando sorrir. – Mas não garanto que conseguirei.

Ela era apenas uma criança, mas já tinha sofrido

PERIGOSAS ACHERON

tanto que talvez fosse mais madura que muitos adultos. Não queria ter que pedir algo assim a ela, mas como poderia viver sem saber se Lucius estava bem?

– Sarah! – chamou meu pai vindo em nossa direção.

– Sim papai – respondi indo até ele, tentando parecer serena.

– Quero lhe apresentar alguém importante. – disse me guiando de volta para sala.

Antes de sumir de suas vistas, ainda pude ver Nancy me desejar boa sorte.

– Este é Sir George Lingdon – continuou assim que chegamos em frente ao velho gordo e de rosto vermelho.

Forcei um sorriso amistoso e continuei em pé, ainda petrificada com a figura a minha frente. O homem me olhava como se pudesse ver além de minhas roupas. Senti-me envergonhada e exposta.

– É um prazer vê-la de pé senhorita. – disse o homem a minha frente.

– Sarah está recuperada e pronta para aceitar seu convite! – disse meu pai como se eu fosse muda e não pudesse responder por mim mesma.

– Me alegra saber – disse o homem ainda sem tirar os olhos de mim. – Amanhã virei após o nascer do sol para buscá-la. – Se levantou e beijou minha mão. Um beijo molhado e nojento. Quase limpei minha mão em meu vestido, mas não queria causar uma discussão. Concentrei-me no fato que poderia ver Lucius em breve.

Assim que o homem foi embora, meu pai sorriu para mim. Tive vontade de dizer tudo que realmente achava daquela situação, mas novamente me contive.

– Filha, estou me assegurando de que terás um bom futuro e espero que isso reflita em suas irmãs.

Apenas assenti com a cabeça, num gesto de respeito, mas antes que ele proferisse as próximas palavras, Nancy entrou e o pediu para visitar sua amiga Jane.

Ele titubeou por alguns instantes, mas quando eu disse que a levaria, ele concordou. Meu coração bateu mais forte e um sorriso cresceu em meus lábios. Estava feliz apesar de tudo.

Fui até o quarto e ajeitei meu cabelo numa trança lateral e fiquei me olhando no velho espelho de mão que pertencera a minha mãe. Queria me sentir

PERIGOSAS ACHERON

bonita. Eu ainda tinha esperanças que o encontraria vivo e bem. Afastei do meu coração qualquer pensamento que pudesse dizer o contrário. Eu não suportaria tal verdade se ela realmente existisse.

Saí com Nancy rumo a cidade e deixei-a na casa de sua amiga Jane, mas antes que fosse vista pelo senhorio, corri ainda fraca, ainda mancando rumo a floresta. Estava com tanto medo de não vê-lo! Com tanto medo de meu pai estar forçando esse casamento para se livrar de algo que pudesse ligá-lo a mor... mor... Morte dele... Foi difícil concluir o pensamento. Morte era a única palavra que não combinaria nunca com aquele homem. O homem que agora era meu salvador.

Passei pela mesma trilha que me levara tantas vezes a vê-lo. Caminhei, caminhei e caminhei, mas não vi nenhum rastro dele. O medo e um frio na espinha ficaram cada vez mais fortes. Minha cabeça começou a doer em desespero. Senti meus olhos arderem e os músculos da minha face se contraírem.

"Lucius, esteja vivo" repetia para mim mesma na tentativa de que se tornasse realidade, até que todo medo se foi. Vi um vulto passar a minha frente.

PERIGOSAS ACHERON

Estava de costas e distraído com sua lança apontada para frente, mas era ele, meu coração sabia que era ele.

Corri por entre a mata tentando me desviar dos galhos cheios de neve. E ao vê-lo se virar me joguei em seus braços e afundei meu rosto em seu peito. Ao sentir as batidas de seu coração, minhas lágrimas outrora de desespero ganharam o brilho da alegria.

– Sarah! – disse me afastando de seu corpo. – Você não devia estar aqui.

– Eu só queria ver você – disse tentando manter a respiração regular. – Ter certeza que estava bem, Nancy viu você entrar no meu quarto com meu pai, mas não o viu sair – continuei sem conseguir encará-lo. – Tive medo que ele pensasse que existia algo a mais entre nós e que tivesse lhe feito algum mal!

– É melhor você ir embora! – respondeu secamente, como se não se importasse.

– É só o que tem a me dizer? – perguntei ainda com esperança.

– Não há nada para ser dito Sarah, agora vá! – disse com a voz tão pesada quanto as nuvens

PERIGOSAS ACHERON

cinzentas de uma tempestade.

Fiquei olhando para ele, tentando entender o que eu poderia ter feito de errado, tentando entender o porquê de ser tratada com tanta rispidez depois de tudo que tinha acontecido.

– Talvez venha para o meu noivado então! – falei tentando arrancar alguma emoção em seu rosto.

– Está noiva? – perguntou comprimindo o maxilar.

– Meu pai arrumou um noivo para mim e amanhã irei conhecê-lo melhor – respondi com um falso entusiasmo.

– Então não perca seu tempo aqui! – respondeu se virando de costas.

Eu o vi se distanciar e meu coração era esmagado a cada passo que ele dava. O ar que entrava em meus pulmões queimava como fogo. Eu desejei poder abrir meu peito e arrancá-lo do meu coração. Senti-me tão humilhada, tão desprezada que desejei ter morrido para não sofrer daquele jeito.

Ajoelhei-me onde estava e senti minha cabeça girar novamente, era como se as árvores estivessem dançando em uma sincronia defeituosa e turva. Parecia uma continuação dos meus pesadelos de PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

quando estava doente, porém dessa vez era diferente, era real. Ele não se importava e nem me amava como tinha ousado sonhar.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 20

Descompensada

Antéria, 1546

Clarissa Walker

Quase não acreditei quando vi o caçador vindo em minha direção ao lado do meu tio. Ele estava sujo

e esfolado, mas continuava com aquele charme avassalador. Uma pena ele ter entrado no quarto de Sarah.

Eu conseguia ver em seus olhos o quanto se importava com ela, mas meu tio era tão transparente quanto ele. Era visível o quanto a presença do caçador o incomodava.

Eu, por outro lado, como uma boa observadora, me mantive ao lado de fora, esperando pacientemente para ter minha porção de sua atenção, nem que fosse para irritá-lo.

Mas quando meu tio saiu do quarto sozinho, eu não pude esperar mais, não poderia dar essa trégua. Eu não iria deixar que ficassem juntos sem supervisão. Entrei pouco depois que ele saiu e vi apenas um vulto saltar pela janela. Fiquei o observando se afastar e não demorou muito para o milagre acontecer. Sarah começou a voltar à cor normal dos vivos. Saí do quarto antes que ela voltasse a si e fui direto para falar com meu pobre tio bêbado.

– Quem era aquele homem tio? – perguntei tentando parecer inocente.

– Ninguém de seu interesse! – respondeu
PERIGOSAS ACHERON

rispidamente e saiu.

Fiquei o observando se afastar, porém ainda estava intrigada sobre a visita do caçador. Sabia que a súbita melhora no estado de Sarah só poderia ser proveniente de algo que ele havia trazido para curá-la.

Nos dias que se passaram pensei em investigar mais afundo o que estava acontecendo, mas tinha outros assuntos ainda mais urgentes. Saí de casa para poder pensar sem as interferências constantes de pessoas entrando e saindo da casa a procura de notícias sobre Sarah.

Fui dar um passeio pela clareira e apesar de ver apenas uma imensidão branca coberta pela neve, eu tentei enxergar além. Tentei imaginar que um dia estaria longe daquele lugar e que todos se curvariam a mim e que não precisaria invejar as atenções que Sarah recebia.

Fechei meus olhos e me lembrei dos invernos em casa. Com meu pai e minha mãe, ambos felizes, mas também sonhei com dias que nunca existiram. Com os momentos que poderia ter vivido se tudo tivesse sido diferente.

Sonhei com o dia em que veria a condessa Bowe

PERIGOSAS ACHERON

pagando por seus crimes e por todo o sofrimento que tinha causado.

Eu poderia honrar o nome de minha mãe e mostrar que a filha de Charlotte Edgell poderia ser tudo que Antéria necessitava para alcançar a glória.

E eu não iria querer um homem ao meu lado quando isso acontecesse. Eu não queria ninguém superior a mim. Desejava apenas algo que aquecesse meu coração. Um cortejo talvez. Desejava um pouco de amor. Nada em excesso. Apenas uma pequena porção.

Amar podia ser uma fraqueza e eu nunca me daria ao luxo de ser fraca. Eu não queria. Eu não poderia e não o faria.

Via no caçador a chance de ter um súdito fiel. Alguém que me quisesse e me servisse quando fosse conveniente. Sentia que ele era diferente, mas eu não desistiria até conseguir colocá-lo em minhas mãos e aos meus pés. Ele era como um cavalo selvagem que precisava ser domado. E para uma mulher como eu, um desafio era estimulante e revigorante.

No final do dia ao retornar para casa me senti

PERIGOSAS ACHERON

como se estivesse em outro lugar. Não havia luto ou tristeza, mas a casa fôra tomada por sorrisos e por uma alegria ascendente.

Sarah estava realmente melhorando e o caçador seria seu salvador. Todo sentimento bom que estava tentando gerar em meu coração saiu pela porta assim que o ciúme entrou. Já imaginava as juras de amor que ambos teriam feito um para o outro.

Quase perdi o fôlego ao vê-la sentada na cama. Ela estava serena como se não tivesse estado a beira da morte.

Fui vê-la para ter certeza de meu infortúnio. E é claro que a notícia da doença dela o traria e o faria querer salvá-la. Não poderia esperar menos de um homem como ele. E me odiava por ter sido a portadora da notícia. Se não tivesse ido a floresta falar sobre a doença de Sarah talvez ela já estivesse morta e o caminho livre para mim.

*Quantos dispensariam uma mulher como eu?
Quantos resistiriam a chance de ter sangue real
nos braços e uma chance, por menor que fosse, de
ter um lugar de destaque na côrte?*

Ele com certeza valeria a pena e naquele instante meu desejo de conquistá-lo se tornou tão prioridade quanto meu desejo de ascender ao trono.

Minha rival era mais velha que eu, mas precisaria de pelo menos uma década a mais para me superar. A inocência e a moralidade de Sarah seriam meus trunfos. E tirá-la do meu caminho seria o primeiro passo.

Consegui com um dos informantes um bom e velho pretendente para minha querida prima e sem deixar rastros fiz com que meu tio o conhecesse. Não demorou mais que dois encontros para armar uma proposta atraente por Sarah. Era muito mais que muitas na condição dela desejavam. Uma vida estável e ligeiramente confortável. Ela poderia dar um futuro para suas duas irmãzinhas mortas de fome e eu sabia que nenhum amor seria capaz de cegá-la quanto a isso.

Com tudo devidamente encaminhado fui me encontrar com um dos informantes da rainha. Ao chegar na taberna percebi que alguém diferente me esperava. Estava apropriadamente bem vestido, mas não era o mesmo que de costume, e para

PERIGOSAS ACHERON

completar a notícia que me trouxera nem de longe era a que eu esperava.

Meu pai ainda não tinha melhorado e as tramas para que o conde Hughes se tornasse o regente continuavam a prosperar.

– Isso não foi o que ela prometeu! – disse raivosa enquanto bebia do vinho que nos tinha sido servido momentos antes dele dar a notícia.

– Deveria estar feliz em ter o apoio da rainha, é muito mais do que uma princesa banida e por ora considerada louca no palácio poderia esperar – disse como se estivesse falando com um igual e não com alguém de sangue real.

– Mais? Olhe ao seu redor e veja a miséria em que vivo! Como ousa dizer que eu ainda deveria demonstrar gratidão? Sou eu um cachorro para esperar por migalhas? – gritei, tomando em seguida o restante do vinho.

Antes que me servisse mais, ele tentou me impedir.

– A senhorita não deveria! – Segurou minha mão com firmeza.

– Por que sou mulher? Meu sexo não deve ser respeitado ou ter direitos iguais aos seus? –

respondi tomando a garrafa de suas mãos e bebendo direto do gargalo. – Ninguém, ouça bem, ninguém além de mim mesma pode decidir meu destino.

Todos nos olharam com certa curiosidade e com sorrisos de deboche.

Eu deveria estar acostumada, mas reduzi todos eles a cinzas com meu olhar.

– Cessam aqui as notícias enviadas por vossa majestade, a rainha – Se levantou sem fazer nenhum tipo de reverência e saiu pela porta deixando um pequeno saco de moedas.

Sentei-me novamente, repensando cada palavra dita e me senti como um cão sarnento recolhendo suas migalhas. Bebi mais do vinho, e a cada gole a bebida descia mais suave, quase que fazendo cócegas em minha garganta. Bebi até sentir meus sentidos tão leves como penas ao ar, mas ao tentar me levantar percebi que meu corpo não acompanhava essa mesma leveza e caí ao lado da mesa, derramando o resto do vinho no meu vestido, mas antes que a vergonha se tornasse irreparável, eis que um rosto familiar surgiu entre as mesas. Talvez fosse uma miragem, mas era uma miragem

PERIGOSAS ACHERON

forte o suficiente para me erguer do chão. .

– Quem é você? – perguntei ainda tentando centralizar as imagens.

– Bebeu tanto assim? – perguntou falando em uma velocidade quase ininteligível.

– Para onde está me levando? – perguntei ainda sem certeza se era o caçador. Poderia ser meu cérebro me pregando uma peça.

– Para casa!

Comecei a balançar a cabeça negativamente. Eu não poderia voltar naquele estado para casa. Não poderia me humilhar daquela forma. Balancei a cabeça tão ferozmente que senti meus sentidos escaparem de mim.

– Eu lhe imploro... Jogue-me na floresta de Ulric, mas não me leve para casa! – Ainda não tinha certeza se as palavras realmente tinham saído de minha boca ou se tinha dito apenas para mim mesma em pensamento.

Tudo começou a ficar turvo e escuro. Os poucos raios de luz que surgiam, mostravam-me um carrasco com seu machado. Vi minha mãe de joelhos, me encarando enquanto Lucius me carregava para longe dela. Vi seu desespero, vi seu

PERIGOSAS ACHERON

olhar suplicante. Era como se me pedisse ajuda. Queria correr até ela, abraçá-la, afundar meu rosto em seu peito e sentir seu cheiro, mas não conseguia me mover. Lucius não estava me prendendo em seus braços, porém eu estava imóvel, parecia uma pedra, sem vida e sem força.

Ela abriu os braços, mas não a espera de um abraço. Ela estendeu seus braços próximos ao chão enquanto o machado vinha em sua direção. Não vi medo em seu olhar, mas essa serenidade não foi suficiente para abafar o grito que saiu de mim.

– Maaaaãe!!!!

– Clarissa, você está bem? – perguntou Lucius, secando o suor de minha testa.

Mal deu tempo de responder, pois vomitei ali mesmo em cima dele. Meu palato foi inundado por um gosto amargo e azedo, sem falar na vergonha que estava sentindo por estar tão exposta e desprotegida na frente dele.

Mas para minha surpresa não houve deboche, raiva, nem mesmo nojo da parte dele e quando seu olhar encontrou o meu, ele sorriu, sorriu como se pudesse entender. Sorriu com empatia e há muito tempo eu não recebia isso de alguém.

PERIGOSAS NACIONAIS

Era estranho estar tão perto dele. Tinha me acostumado com sua presença em meus sonhos e nos meus planos para fazê-lo esquecer Sarah, mas naquele momento, ali, de frente para ele, minhas certezas e planos tinham desaparecido.

– Onde estamos? – perguntei não reconhecendo nada a minha volta.

– É uma caverna – disse enquanto tirava a camisa para se limpar e meu Deus! Mesmo com a mente ainda atordoada pelo vinho, eu podia afirmar que ele era realmente maravilhoso. – Há uma fonte termal aqui caso queira banhar-se.

– Acho que precisa mais do que eu – falei tentando sorrir como se não estivesse abalada pelo ocorrido.

– Tem razão! – e sorriu de um jeito diferente. Com uma pureza que não estava acostumada a ver em um homem. – Então se puder me dar licença... – disse passando por mim.

– Por que me trouxe aqui? – perguntei ainda sem entender tamanha gentileza.

– Você quase implorou para não ir para sua casa.

– Obrigada! – disse algo que imaginei que nunca diria a um homem.

PERIGOSAS ACHERON

– Beba o chá e depois conversamos – disse me dando as costas.

– Que chá? – perguntei olhando a minha volta. Ele já não podia me ouvir, mas vi um pequeno copo de alumínio batido a minha direita. Havia algo verde escuro e com um cheiro nada agradável, mas pensei que nada poderia ser pior que aquele gosto horrível de vômito. E o tomei tentando não me concentrar no sabor. Não era gostoso, mas após alguns minutos me sentia mais centrada e com meu estômago sossegado.

Abracei meus joelhos e fiquei olhando para a parede de rocha a minha frente. Era de um tom forte de marrom e cintilava com os fracos raios de sol que vinham da entrada, mas antes que pudesse me levantar para me localizar melhor, ouvi passos.

– Quer se banhar também? Posso lhe trazer roupas limpas. – disse com os cabelos molhados caindo lhe sobre os olhos.

– Estou bem assim – Me limitei a dizer. Até pensei em convidá-lo para ir comigo, mas julguei que não seria de bom tom provocá-lo naquele momento.

– Não serão as roupas de uma futura rainha, mas

PERIGOSAS ACHERON

deverão servir – respondeu sentando-se ao meu lado.

– Continua a debochar de mim, não é? – perguntei erguendo o rosto para olhar para ele. – Pois saiba que esse será o meu destino! – disse com firmeza sem desviar o olhar.

– Perdoe minha sinceridade, mas eu não acredito na mísera possibilidade de que venha a herdar o trono algum dia.

– Também acredita na culpa de minha mãe? Acredita que não sou digna por ter nascido mulher?

– Não a julgo por seu sexo, mas levando em conta todos que foram mortos a mando do rei sem uma culpa real, e o fato de que você mora em uma aldeia e não em um castelo, acho pouco provável que venha a ser uma rainha.

– Realmente não sabe de nada! – respondi dando de ombros.

– Mas mesmo que suas pretensões fossem reais, é realmente isso que deseja? – perguntou como se pudesse ver além de minha pele.

– Nasci para esse propósito e não sou de fugir de uma batalha, muito menos uma que me levará ao PERIGOSAS ACHERON

meu destino.

– É realmente essa a batalha que quer travar? – insistiu.

– A pouco mal olhava para mim e agora quer me ajudar a escolher meu destino? O que mudou caçador? – perguntei encarando aqueles olhos castanhos tão vivos.

– A vida sempre nos reserva algumas surpresas! – respondeu pegando algo do chão. – Talvez algo tenha mudado em você também!

– Está completamente enganado caçador! Não me julgue por um ato de fraqueza ou por um sorriso gentil! – respondi balançando minha cabeça negativamente. – Eu não sou inocente como Sarah!

Lucius me entregou o pingente que fôra de minha mãe que ainda estava preso a fita de cetim. O Segurei em minhas mãos e então percebi claramente que toda gentileza dele se devia a me enxergar como um elo com Sarah. Minha mente estava bem centrada e agora eu notava um olhar que ia muito além de mim.

– Sei que você ama a minha prima. Posso sentir isso até pela forma como respira, mas lhe garanto que não serão felizes juntos – disse olhando

PERIGOSAS ACHERON

unicamente em seus olhos.

– Não há o que falar sobre Sarah – ele me olhou momentaneamente voltando em seguida sua atenção para as paredes da caverna. – Ela está noiva.

– Sim está e de um homem com muitas posses. Algo que garantirá o futuro dela e das irmãs pequenas.

– Fico feliz por ela! – respondeu trincando os dentes.

– Mentiroso! – gritei

– A levarei embora agora – respondeu ao se levantar.

Levantei-me em seguida e o beijei. Não deixei que ele pensasse ou que tivesse tempo de reagir. Apenas me agarrei a seu pescoço e o beijei. Poderia não ser a forma mais romântica para um primeiro beijo ou talvez eu nunca tivesse pensado a respeito até aquele momento. Sabia que ele tinha sentimentos para com Sarah, mas nada poderia apagar o fato de que roubado ou não, de que ele tinha retribuído o beijo.

– Não tenho medo de lutar pelo que eu quero! – falei quando ele retirou minhas mãos de seu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pescoço. – E sei que você também queria.

– É o que realmente acredita? Pois saiba que está muito longe de saber o que eu quero! – exclamou ainda desconcertado.

– Já perdeu Sarah, então porque resistir a mim? – perguntei enquanto me reaproximava.

– Não se perde o que nunca se teve! – respondeu saindo da caverna.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 21

O noivado

Antéria, 1546
Sarah Turner

Meu futuro marido havia me convidado para um baile em sua propriedade. Disse que queria me apresentar à família e aos empregados. Minha casa estava tomada pela alegria de tal eminente ocasião. Até mesmo minhas irmãs

PERIGOSAS ACHERON

estavam empolgadas para a festa. Não era todo dia que jovens pobres como nós tinham convite para algo assim.

Conhecíamos bailes apenas através das lembranças de minha mãe. Ela sempre falava dos suntuosos bailes na cômte. Dos vestidos e dos banquetes fartos.

E eu sabia que deveria estar feliz, mas nada me fazia esquecer o olhar de desprezo que Lucius havia me lançado em meio à floresta de Ulric. Eu estava tão cheia de esperança, imaginando que ele tinha me salvado porque sentia algo a mais por mim, que após descobrir a verdade, descobrir que ele não sentia nada me fizeram apenas entender o quanto as expectativas poderiam adoecer o coração. O quanto poderiam desfazer meus sonhos em milhares de pedacinhos.

Quando Clarissa voltou para casa após seu longo passeio do dia, havia algo diferente nela. Um brilho estranho e ao mesmo tempo um olhar trevoso.

– Irá ao baile? – perguntei a ela tentando saber o que tinha acontecido.

– Talvez eu vá e leve alguém comigo! – respondeu com um sorriso maldoso.

– Alguém? – perguntei com um mau

pressentimento.

– O caçador! – respondeu me encarando, como se esperasse alguma reação.

– Não acredito em você – respondi a desafiando.

– Ele me levou a uma caverna no meio da floresta, uma com uma fonte termal bem quentinha – disse fechando os olhos enquanto sorria. – E depois me beijou!

Eu apenas engoli em seco me lembrando da mesma caverna citada por ela. Lembrando-me do dia que o conheci e dos breves momentos que passamos juntos naquele mesmo lugar.

– Achou mesmo que ele iria querer você? Se olhe no espelho Sarah, você não é nada... Nada assim como sua mãe não fôra nada na côrte além de uma amante descartável.

Eu nem mesmo pensei, apenas dei um tapa na cara dela. Deixei meus dedos marcados em sua face como um lembrete de que eu não era mais a mesma. Não aceitaria que ela manchasse o nome de minha mãe e que me ferisse daquela forma sem que eu fizesse nada. Tinha prometido a mim mesma que tudo seria diferente.

Eu não poderia permitir que ela continuasse a me magoar. Permitir que minha pena e consideração

pelo fato dela ter perdido a mãe desse a liberdade dela me atingir de maneira tão cruel.

Saí antes que ela dissesse algo mais. E a cada passo que dava esperava que ela viesse revidar. Viesse até mim para dizer algo ou retrucar o tapa. Mas nada além de meus próprios passos ecoaram pela casa.

Voltei ao meu quarto e encontrei uma caixa grande com um bilhete sobre ela.

“Para minha futura esposa”

Não havia assinatura, mas não poderia ter dúvidas sobre de onde poderia ter vindo tal presente.

Sentei-me na cama com a caixa no colo e senti as lágrimas caírem uma a uma até virem em forma torrencial sobre a caixa. Disse que não o faria, mas imaginar um beijo entre eles me feriu mais do que pensei ser possível. Doeu muito, foi como as estocadas de uma espada em uma ferida já aberta, mas respirei fundo e ainda com a respiração ofegante eu sequei minhas lágrimas e abri a caixa. Havia um vestido de baile. Lindo. Tecido fino e

com muito brilho. Fiquei olhando as pérolas que adornavam a cintura do vestido e as toquei com as pontas dos meus dedos. Eram tão delicadas e bonitas que ainda não sabia se ficariam bem em mim.

– Sarah! Que vestido maravilhoso – disse Loren o retirando de minhas mãos.

– Oh meu Deus! Que vestido perfeito – exclamou Beca o retirando de Loren, e rodopiando pelo quarto. – Chegaram vestidos para todas nós também. – continuou Beca tentando colocar o vestido.

Ambas tão empolgadas com o baile que nem notaram a tristeza que me circundava. Apenas suspirei fundo e tentei me concentrar nelas, como se isso pudesse transferir um pouco da alegria delas para mim.

Elas eram o melhor que tinha me restado, então forcei um sorriso e fui ajudá-las a preparar nossas coisas para a viagem.

Não havia muito para levar, e toda nossa bagagem se resumia a uma pequena maleta de mão, e no final do dia estávamos todas prontas, incluindo Clarissa, que mesmo após o tapa que levou não perdeu o olhar altivo ou sorriso debochado.

Meu pai nos levou até a carruagem e se despediu dando-nos um beijo na testa.

– Logo me juntarei a vocês! – disse com um sorriso orgulhoso e com as mãos trêmulas.

Desde que tinha parado de beber esses tremores passaram a fazer parte dele. Algumas vezes tinha que ajudá-lo a beber até mesmo água, mas me alegrava o fato de que ele estava se esforçando. Desde a minha doença ele tinha passado a se abster do álcool.

O cocheiro esperou que todos nós estivéssemos acomodadas e partiu rumo a propriedade do meu futuro marido.

Recostei-me no meu acento com os olhos fechados para não olhar para Clarissa, mas na escuridão eu podia ver o beijo deles, como se tivesse presenciado com meus próprios olhos.

Imaginei cada conversa, cada olhar, cada pequeno detalhe que eles poderiam ter partilhado juntos. Tentava criar em minha mente o que poderia tê-lo feito se apaixonar por ela. E a invejei por ter o coração dele. Pela primeira vez na minha vida desejei ser Clarissa Walker e não Sarah Turner.

O brilho da lua que entrava pela pequena janela da carruagem criava reflexos prateados que

dançavam a minha frente enquanto matinha meus olhos fechados. Tinha medo de abri-los e que mesmo na escuridão todos enxergassem a minha dor.

A viagem durou a noite inteira e quando estava amanhecendo, vi o sol nascer por detrás de uma torre cinza e imponente. Parecia um pequeno castelo nas montanhas. Um manto branco cobria até a onde minhas vistas podiam alcançar. Não vi os grandes rebanhos de cabra dos quais ouvi tanto falar e imaginei que eles poderiam estar protegidos do frio em algum lugar naquela imensa propriedade.

Fomos recebidas por uma senhora carrancuda que usava um vestido preto e volumoso. Ela esperou que cada uma de nós descesse da carruagem, mas quando chegou a minha vez, ela me olhou dos pés a cabeça, como se estivesse examinando um animal para o abate. Senti um frio na barriga, mas o disfarcei com um sorriso gentil. Queria que me vissem como uma amiga, já que após o casamento aquele seria o meu lar.

Ela nos orientou até entrarmos no suntuoso casarão. Havia tantos quadros e esculturas pelos corredores que quase me esqueci do porquê de estar

ali. Os rostos de mulheres bonitas e tristes se destacavam dos demais. Tive vontade de perguntar quem elas eram, mas faltou-me coragem para deixar a pergunta sair para além de minha mente.

Fomos trazidas a área leste e cada uma recebeu um quarto. Senti-me aliviada quando Clarissa entrou no dela. Pelo menos por ora não teria que vê-la.

Minhas irmãs foram logo depois, mas quando achei que o meu quarto seria o próximo, fui levada para o segundo andar. Caminhamos por uma escadaria em forma de espiral até nos deparamos com uma grande porta de madeira escura.

– Seu quarto, senhorita – disse ela de um jeito nem um pouco amistoso. Sua gentileza transbordava aspereza e má vontade para comigo.

Abri a porta e fiquei espantada com a grandiosidade de tudo. Cortinas de renda cobriam uma grande janela de vidro e a cama era quase do tamanho do meu quarto inteiro. Era exagerado e ao mesmo tempo lindo.

Ao olhar para trás, percebi que estava sozinha. Fechei a porta e puxei o trinco de cobre e me sentei na cama ainda admirando cada pequeno detalhe. O papel de parede com o desenho de rosas em tons

PERIGOSAS NACIONAIS

pastel e os móveis delicados e brancos que deixavam o cômodo imenso, aconchegante.

Ao me casar tudo aquilo seria meu e minhas irmãs teriam bastante conforto, mas seria eu feliz?

Poderia esquecer o caçador? Poderia deixar todos os momentos e sensações com Lucius para trás como se nunca tivessem existido?

Senti uma lágrima escorrer pelo meu rosto e me levantei antes que outras viessem também.

Não queria pensar nele, não queria amá-lo, eu queria apenas poder arrancá-lo do meu coração, tirá-lo de minha mente para poder aceitar a vida da forma que ela se apresentava a mim. E naquele momento percebi que amar sozinha era ainda pior que nunca ter amado. E se estivesse destinada a viver sem amor, que pudesse pelo menos dar as minhas irmãs a vida que mereciam.

Caminhei até a sacada e fiquei olhando para o horizonte branco e frio, iluminado pelo brilho tímido do sol. Era tudo majestosamente bonito, porém sem vida. Bem parecido com a forma que eu me sentia ao tentar evitar que minha mente vagasse a até certa floresta. Até certo caçador.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 22

Vazio por Dentro

Antéria, 1546
Lucius Ganner

Era mais um dia difícil de caça, pois quanto mais o inverno avançava mais árdua ficava essa tarefa, porém no fundo eu sabia que o frio não era a origem do problema. Meus pensamentos ainda

PERIGOSAS ACHERON

giravam em volta daquela última cena: Sarah inerte com seu rosto pálido e quente. Eu ainda podia sentir meus lábios tocando sua pele.

Queria tanto ter ficado, ter visto seu sorriso, tê-la abraçado e sentido seus braços me envolverem de volta e quanto mais pensava nisso, mais distraído ficava.

Quatro longos dias tinham se passado e se não fosse o foco de Stell e suas habilidades, sabia que estaríamos passando fome, mas eu me sentia ainda pior por permitir que ela carregasse meu fardo. Afinal eu era o homem da casa e sustentar todas elas era minha obrigação.

Pedi que Stell ficasse em casa e voltei para a floresta no dia seguinte. Voltei tentando me concentrar apenas nos sons da floresta, para assim me esquecer por completo de tudo que pudesse me levar até Sarah. Ela nunca seria minha e eu não poderia me dar ao luxo de sonhar. Talvez o amor não fosse para mim.

Obriguei-me a esvaziar a mente e nessa dinâmica consegui pegar duas lebres e um pequeno pássaro, mas enquanto os colocava em meu alforje, eis que meu sonho se materializou e senti os braços de PERIGOSAS ACHERON

Sarah em volta de mim.

Meu coração se aqueceu ao sentir o corpo dela tão próximo ao meu. Desejei ardentemente poder erguer seu rosto e selar seus lábios com um beijo. Um beijo apaixonado e demorado. Sim! Eu sabia que não seria o suficiente, mas pelo menos eu teria uma lembrança. Teria mais que devaneios e suposições. Teria algo real.

Mas, antes que erguesse seu rosto, a voz de seu pai sobre um futuro infeliz ao meu lado me fez repudiá-la. Afastei-a tentando demonstrar indiferença e apesar de ter me saído muito bem, ela não fazia a menor ideia do quanto meu coração estava sangrando por ter de agir assim.

Eu me odiava por ser quem era e por não poder fazê-la feliz. E me odiava ainda mais por meus desejos egoístas de tê-la comigo. Eu desejava com todas as forças de minha alma que ela pudesse ser minha, que eu pudesse cuidar dela e nunca mais permitir que algo a atingisse. Desejava levá-la para minha casa e trazer suas irmãzinhas pequenas também para que pudéssemos formar apenas uma grande família, mas aqueles eram apenas desejos e sonhos, nada que um dia poderia ter a chance de se

PERIGOSAS ACHERON

tornar real.

Ela se ressentiu profundamente com a minha reação e não poderia culpá-la, mas quando consegui olhar de volta para ela, tentei gravar cada detalhe, cada pequeno e lindo detalhe de sua face e de seu corpo. Seus olhos verdes, as sardas que adornavam quase toda pele exposta, seu pequeno e delicado nariz, seus lábios finos e bem delineados, seu cabelo ondulado e ruivo, seu corpo delicado e frágil, tudo devidamente desenhado por Deus, uma imagem que eu ficaria repetindo na minha cabeça todos os segundos e que usaria para me martirizar quando ela fosse embora.

Mas ouvir sobre o noivado, ouvir que era real me machucou mais do que supus ser possível. Foi como receber um soco no estômago, um daqueles capazes de tirar o ar. Tentei disfarçar ao máximo o quanto aquela notícia tinha me abalado e para não implorar que ela não se casasse com outro homem eu tive que deixá-la sozinha na floresta.

A cada passo que me distanciava dela, deixava um vazio ainda maior no meu coração. Era como se as lembranças dos momentos que passamos juntos se misturassem com os momentos que sonhei que

PERIGOSAS ACHERON

viveríamos, mas assim que tive certeza que ela pensaria que eu tinha a abandonado, eu voltei e me escondi por detrás de uma das árvores e me odiei por vê-la tão mal, mas repeti para mim mesmo enquanto a seguia de volta para clareira que estava fazendo a coisa certa. E assim que tive certeza de que ela estava segura, voltei para a floresta.

Sentia-me tão sufocado com tudo aquilo que não consegui voltar para casa, fui em direção a um lugar que tinha certeza que não seria reconhecido. Fui até a taberna de Sir Callow. Não sabia se seria sensato em nosso próximo encontro. Não sabia se seria racional. E praguejei o fato de não poder beber na minha própria aldeia. Sabia que minha mãe ficaria sabendo e que me encheria de perguntas. Perguntas essas que não queria responder nem para mim mesmo.

Ao entrar na taberna, presenciei uma cena cômica e ao mesmo tempo inimaginável. Clarissa tinha acabado de cair de sua cadeira. Aparentemente bêbada. Vi alguns homens indo a sua direção. Com certeza tentando se aproveitar da situação, mas antes que algum deles conseguisse alcançá-la eu a peguei no colo e a tirei de lá. Para

PERIGOSAS ACHERON

minha surpresa ela não quis ser levada para casa. Quase implorou para ser deixada na floresta. Pensei em ignorá-la e levá-la para casa mesmo assim, talvez pensando na possibilidade de reencontrar Sarah e contar toda a verdade, porém por mais desprezível que Clarissa pudesse ser, eu não poderia deixá-la tão vulnerável. E mesmo antes que eu respondesse ela desmaiou. Levei-a até a caverna que estivera com Sarah e não pude evitar as lembranças.

Assim desacordada Clarissa não era tão assustadora. Com os olhos fechados e sem lançar farpas eu poderia até mesmo ver semelhanças entre elas. Sentei-me no chão e fiquei apreciando os detalhes que me lembravam de Sarah. As sardas, os cabelos cor de fogo esparramados pelo chão e até mesmo o semblante preocupado e o sono inquieto. Respirei fundo para me concentrar que elas não eram a mesma pessoa.

Clarissa parecia mais atormentada que no início, ela começou a suar frio e a falar da mãe, sequei o suor de sua testa e me assustei com o grito dela. Era como se estivesse tendo um pesadelo horrível.

Não perguntei demais, pois não queria prolongar o sofrimento dela. Eu mesmo já tinha passado por momentos assim quando meu pai morreu e a verdade é que eu nem precisava perguntar a ela sobre a mãe, pois a morte de Charlotte Edgell não era segredo para ninguém. Nem mesmo o motivo de sua decapitação pública era algo sigiloso. Não era de admirar que Clarissa estivesse tão atormentada.

Senti por um momento pena dela. Um momento curto, eu tenho que admitir, pois apesar de admirar sua força e determinação, não eram aqueles lábios que eu queria beijar.

Aquele beijo roubado nunca devia ter acontecido, e no fundo sabia que não deveria ter retribuído. Não queria alimentar as expectativas dela, mas não consegui evitar. Por um momento foi como ter Sarah de novo.

Levei-a até a clareira depois da floresta e voltei com certo pesar por ter estado tão perto de ver Sarah. Eu apenas teria que seguir Clarissa e assim poderia ter pelo menos o vislumbre de quem ocupava meus sonhos e meu coração. Queria poder abraçá-la e explicar o porquê tinha agido daquela

PERIGOSAS ACHERON

maneira tão fria.

Ainda sentia que não poderia voltar para casa. Pensei então em trocar algumas lebres por batatas e cereais e já que não poderia nem ao menos beber um pouco para esquecer o que tinha acontecido, sabia que me fariam menos perguntas se tivessem um bom jantar.

Encontrei o velho mercador que minha mãe tinha o costume de negociar. Eu não o via desde que era criança, mas não foi difícil reconhecê-lo, pois apesar do tempo sua aparência não tinha mudado quase nada.

– Senhor Brandon – disse chegando ao balcão de seu pequeno mercado.

Ele Franzia o cenho como se tentasse me reconhecer e após ajustar seus óculos, sorriu.

– Lucius Ganner? – E deu a volta como se quisesse me ver direito. – Meu Deus! Como você cresceu!

– Acho que cresci um pouco! – disse com um sorriso contido, porém simpático.

– Seu pai estaria orgulhoso! – continuou dando uma volta em torno de mim. – Veio fazer alguma troca?

PERIGOSAS NACIONAIS

– Queria trocar essas lebres por cereais.

– Tenho uma proposta melhor meu rapaz – disse pegando um saco de cereais grande e pesado. – Posso dá-lo a você se me ajudar a fazer uma entrega hoje!

– Uma entrega? – perguntei curioso.

– Sim... Essa noite haverá um baile de máscaras na propriedade do sir Lingdon – disse fazendo uma careta. – Pelo que ouvi falar ele encontrou uma noiva jovem na aldeia.

– Lingdon? Quem é ele? – perguntei.

– Mais conhecido como Senhor das Cabras, já que seus rebanhos são de se perder de vista! – respondeu balançando a cabeça negativamente. – Pobre moça.

– Por que está dizendo isso? – perguntei com medo do que ouviria.

– Dizem as más línguas que ele é um sádico. Que tortura suas esposas por prazer e que as mantém escondidas no porão e finge suas mortes para escolher uma nova esposa todos os anos.

– Sabe o nome da moça? – perguntei apreensivo.

– Sarah Turner se não me engano! Sei que ela tem o sangue Edgell – respondeu ajeitando o
PERIGOSAS ACHERON

pequeno óculos.

– Oh meu Deus! – pensei assustado. Sarah estava noiva desse suposto monstro. E eu tinha a repellido e a jogado para esse destino cruel. – Eu irei com o senhor! – respondi já tentando tramar algo que pudesse me ajudar a salvá-la de tal destino terrível.

– Será um baile de máscaras! Minha esposa fez máscaras belíssimas, mas antes de partimos preciso ir em casa buscá-las. Encontre-me aqui em meia hora!

– Claro! Irei a minha casa apenas comunicar a minha mãe da viagem.

Parti as pressas para casa. Teria que pensar em um plano para salvar Sarah, mas apenas uma ideia invadia minha mente. Iria me disfarçar para entrar no baile para assim ter a chance de tirá-la daquele lugar. E nem que tivesse que roubá-la de lá, mas faria o que fosse necessário para que Sarah não corresse nenhum perigo.

Chamei Liz discretamente para a casa da árvore e lhe pedi que pegasse do quarto de mamãe a roupa que papai usou no casamento deles. Toda empolgada ela saiu para buscá-la e voltou alguns instantes depois com a roupa escondida em um

PERIGOSAS ACHERON

cesto.

– Você vai levar Sarah à Floresta Real? – perguntou satisfeita por ter sido ela a ter a ideia.

– Logo lhe contarei tudo, mas agora não tenho tempo – respondi descendo da árvore.

– Promete? – soprou para mim pendurada na janela. .

– Prometo! – soprei de volta para ela.

Corri de volta para me encontrar com senhor Brandon. Ele estava com as máscaras em um saco de linho. Todas envoltas a um tecido fino e transparente.

– Minha esposa e minha filha fizeram todas elas! – disse orgulhoso novamente.

– Parecem muito bonitas! – respondi admirando as máscaras.

– São sim! – e sorriu – Os sacos de cereais estão no fundo do armazém – disse apontando para o lugar. – Temos que partir imediatamente.

– Oh claro! – respondi indo até os fundos do armazém para buscá-los.

Carregamos a carruagem e saímos rumo à propriedade de Sir Lingdon. Fui durante todo o caminho fingindo ouvir as histórias do velho PERIGOSAS ACHERON

homem que me acompanhava, mas a minha mente estava presa ao plano ainda mal formulado para salvar Sarah desse casamento desastroso e eminente.

O questioneei sobre a história de Sir Lingdon e suas esposas por pelo menos três vezes. Precisava saber as teorias sobre o que havia acontecido a cada uma delas, precisava de toda informação que conseguisse para traçar um bom plano.

O senhor Brandon me contou tudo que sabia e o que mais me chamou a atenção foi o fato de que em todas as histórias, os empregados e os demais presentes nos velórios nunca tiveram a chance de ver o corpo de nenhuma das esposas. Muitos acreditavam que ainda estavam vivas e escondidas em algum lugar secreto naquele casarão. Talvez no porão.

Teria que encontrar pelo menos uma delas. Essa seria a única forma de Sarah sair ilesa e desse monstro ter o que realmente merecia.

Mas e se todas estivessem mortas? Como provaria que ele era o monstro que o senhor Brandon havia falado? E se minhas especulações não fossem nada além de conversas fiadas de

PERIGOSAS ACHERON

peessoas desocupadas?

Não poderia ter certeza se eram verdades ou não, mas sabia que não deixaria Sarah exposta a mínima fração de perigo se soubesse que ele poderia existir.

Mas outras preocupações me rondavam. Como poderia me esquivar do senhor Brandon e me vestir como um dos convidados do baile para encontrar Sarah e alertá-la sobre o futuro marido?

– Se quiser senhor Brandon eu posso descarregar os cereais na dispensa e entregar as máscaras enquanto o senhor fica tomando conta da carruagem! – falei na tentativa de ficar sozinho na propriedade.

– Oh meu filho! Faria realmente isso por mim? – respondeu consternado pela gratidão. – Quisera eu ter tido um filho como você! Retribuirei lhe a altura. – disse inflando o peito.

– O prazer será todo meu – respondi sorrindo e colocando os sacos nas costas.

Segui com todo aquele peso equilibrado entre meus ombros. Ao chegar à cozinha do grande

PERIGOSAS ACHERON

casarão me surpreendi com tamanho luxo.

Aquele era com certeza um lar que gostaria de ter condições de oferecer a Sarah e a minha família. Entristeceu-me ser quem era, pois nem se trabalhasse o dobro a vida inteira teria condições para lhes oferecer algo assim.

Uma das criadas me deu um belo sorriso e pediu as máscaras para levar ao andar de cima. Retribui seu interesse com um sorriso e me ofereci para ajudá-la. Ela ficou radiante e me pediu para segui-la. Peguei uma das máscaras e a roupa de meu pai e segui a moça, mas sempre ficando de dois a três passos para trás.

Caminhei ainda tentando alinhar as ideias para um plano bem sucedido e enquanto pensava vi uma suntuosa cortina aveludada ao longo de uma grande janela. Escondi-me por detrás dela ao ver a criada distraída a me falar sobre o baile e do quanto queria participar.

Ela me procurou quando olhou para trás e não me encontrou, mas acabou presumindo que tinha andado rápido demais. Assim que voltou alguns passos para me procurar, escutei vozes vindas do corredor gritando com ela. Outra criada pediu para

PERIGOSAS ACHERON

que ela se apressasse. Felizmente ela não demonstrou resistência e saiu rapidamente atrás da senhora mais velha que não parava de repreendê-la pela demora. Saí de detrás da cortina e ao encontrar um dos quartos vazios me vesti com a roupa de meu pai e coloquei a máscara. Era apenas uma calça preta que fizera parte de sua antiga farda dos tempos que era um guarda real, a camisa branca já não conservava mais sua plenitude, mas embora um pouco amarelada e com pequenos furos de traças, ainda era melhor que meus trapos velhos de caça.

Esperei até ouvir o som da música começar para fingir ser um dos convidados que tinha se perdido pelo grande casarão.

Não demorou muito para que alguém viesse intervir. Uma senhora que acreditei ser a governanta da casa, pelas roupas que usava, veio ao meu encontro.

— O que faz aqui senhor? — perguntou me inspecionando.

— Me perdi pelo casarão quando entrei — respondi olhando ao redor. — É uma bela casa, se me permite dizer. — E fiz uma reverência a ela, o que arrancou um pequeno sorriso.

Não demoramos a chegar ao grande salão. Fiquei chocado com a beleza do lugar, mas esse sentimento se esvaiu quando vi Sarah descendo a escadaria com um belíssimo vestido vermelho. Seu rosto, sua pele, seus olhos... Tudo era tão perfeito que quase me belisquei para ter certeza que não era um sonho e por alguns instantes esqueci porque estava ali.

Eu apenas queria tocá-la. Dançar com ela e vê-la sorrindo para mim, mas antes que conseguisse avançar pelo salão, fui despertado por um pesadelo. Clarissa me puxou para uma dança.

Capítulo 23

Vida Nova

Antéria, 1546
Sarah Turner

Enquanto descansava, ouvi baterem na porta. Ao abrir, vi pelo menos seis mulheres adentrarem pelo quarto. Elas começaram a me despir e levaram-me para uma grande banheira. Escovaram-me e

lavaram meu cabelo.

Fiquei com vergonha inicialmente, pois nem mesmo minha mãe já tinha feito algo assim. Mas a vergonha diminuiu quando me lembrei de que talvez fosse assim sempre que me preparasse para uma festa. E como aquele logo seria meu lar, não quis ser arrogante ou mal educada.

Quando o banho terminou, elas me secaram e me ajudaram a colocar o vestido escolhido pelo meu noivo para a festa.

O espartilho me deixou momentaneamente sem ar, era como se estivesse presa em uma gaiola, mas a sensação suave do tecido ao tocar minha pele me fez relevar o fato de estar praticamente amarrada. Concentrei-me em respirar devagar e aos poucos percebi que poderia sobreviver.

Já devidamente vestida, eu me olhei no espelho e fiquei paralisada. Aquela imagem não podia ser minha. Meus cabelos estavam arrumados em um penteado ornamentando, com alguns cachos pendentes sobre meu rosto. E o vestido que outrora imaginei como castigo, agora me arrancava sorrisos e me fazia sentir bonita como nunca antes.

Alguns instantes depois, eu compreendi os
PERIGOSAS ACHERON

motivos por Clarissa querer tanto uma vida cercada por luxo e poder. Era maravilhoso ver seu reflexo e se sentir bonita. Não me lembrava de ter sentido algo assim ao me ver no reflexo do velho espelho de mão que pertencera a minha mãe.

Sem Lucius eu duvidava que um dia tivesse amor, então que pelo menos pudesse oferecer conforto a minha família.

Pedi educadamente que me deixassem sozinha por alguns minutos antes do começo da festa. Elas apenas assentiram com a cabeça e se retiraram.

Quando escutei a porta se fechar, escorei-me na parede próxima a cama e senti minha cabeça encostar-se em algo pontudo e em relevo. Pouco depois uma pequena passagem surgiu ao meu lado.

Caminhei em sua direção curiosa para ver onde aquela passagem poderia levar, mas antes que conseguisse ultrapassá-la escutei leves batidas na porta e rapidamente apalpei a parede tentando encontrar o mesmo dispositivo para fechar a passagem. Felizmente a palma de minha mão encontrou algo como um pequeno botão encrostado na parede. O apertei e a passagem se fechou.

Abri a porta após ajeitar o vestido e me deparei

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

com uma das empregadas me chamando para descer para o grande salão.

Os convidados já haviam chegado e ela me entregou uma linda máscara carmesim com lindos contornos dourados. Combinava perfeitamente com meu vestido.

Coloquei-a e caminhei até a grande escadaria. Estava ansiosa para ver minhas irmãs. Queria ver o quão lindas estavam. Ao chegar ao topo da escada, endireitei o corpo e comecei a descer, mas andar com aquele vestido era bem mais difícil do que imaginava. O peso de todas aquelas camadas de tecido me deixaram lenta e ligeiramente desajeitada, algo que tentei compensar andando devagar e por segurar no corrimão dourado que se estendia ao meu lado, mas antes que conseguisse encontrar minhas irmãs por entre os convidados, senti meu coração congelar e minhas mãos soarem frio e ainda com as pernas bambas vi de longe Lucius. Ele não usava as roupas velhas de caçador, mas suas roupas o deixaram ainda mais belo do que imaginava ser possível. Por um momento achei que fosse uma miragem. Talvez um delírio de minha mente tão desesperada para vê-lo outra vez.

PERIGOSAS ACHERON

Minha suposta miragem colocou uma máscara branca com delicados contornos dourados, talvez na tentativa vã de não ser reconhecido, mas nada poderia camuflá-lo. Eu o reconheceria em qualquer lugar. Nem mesmo uma calça nova ou uma camisa de linho fino poderiam mudar seu jeito de caçador.

Ficamos paralisados olhando um para o outro e por um instante me esqueci de ter sido completamente rejeitada. Esqueci-me da raiva e de tudo que havia me feito perder o sono. Eu só queria sentir sua respiração junto a minha. Sentir que ele era real e não uma ilusão de minha mente.

Infelizmente aquela sensação se foi cedo demais e eu vi Clarissa cumprir o que prometera. Ela o tirou para dançar e vê-los se posicionando para a primeira dança, um de frente para o outro, fazendo uma leve reverência e tocando-se com as palmas das mãos em uma sincronia que nunca imaginei partindo de um caçador. Vê-lo tentando imitar os passos de outros cavalheiros me faria rir se antes não tivesse deixado meu coração em pedaços por mais uma vez. E me odiei por ter me permitido sonhar novamente, por ter me permitido ser magoada, quando no fundo sabia que ele não

PERIGOSAS ACHERON

poderia estar ali por mim.

Nem mesmo um vestido bonito poderia fazê-lo ver-me como uma mulher desejável. Eu ainda era a mesma criatura patética que ele tinha dispensado na floresta.

Terminei de descer as escadas de cabeça erguida, tentando fingir não ter sido atingida por vê-los juntos.

Meu noivo me esperava aos pés da escada e segurou minha mão apresentando-me aos convidados que pararam de dançar ao som de sua voz. E apesar de roliço e rosado, suas palavras embora festivas, saíram em tom gutural e forte. Quase como uma repreensão para que a música parasse.

Eu forcei um sorriso e fiz uma reverência com a cabeça a todos os convidados. Minhas irmãs vieram correndo ao meu encontro, assim que os convidados voltaram a dançar.

– Você está maravilhosa! – disseram em uníssono enquanto inspecionavam meu vestido.

– Vocês estão lindas! – respondi as admirando também.

– Há tanta comida Sarah que parece que estou

PERIGOSAS ACHERON

sonhando – disse Nancy me mostrando às mesas.

– Aproveitem! – falei apontando para voltarem ao grande salão.

Meu noivo continuava a aceitar as felicitações enquanto eu não conseguia desviar o olhar de um casal específico que continuava dançando pelo salão.

– Vá dançar querida! – encorajou meu noivo enquanto voltava a conversar com um grupo de convidados.

Naquele momento me vi no meio do salão enquanto desviava dos convidados dançando com vigor e animação. Não sabia dançar e nem queria me deparar com Lucius e Clarissa. Não sabia o que dizer ou como reagir, então continuei tentando atravessar o salão na ânsia de encontrar a porta e poder sair do casarão. Eu precisava respirar e sentia a necessidade de ficar o mais longe possível deles.

Antes que conseguisse alcançar a porta, os músicos pararam de tocar e todos aplaudiram, criando uma barreira entre a porta e eu.

Parei junto aos convidados e me uni a eles nos aplausos fingindo estar aproveitando a festa. Vi o olhar de todos se voltarem para mim e sorri até os

PERIGOSAS ACHERON

músculos da minha face entrarem em exaustão.

Felizmente a música voltou a tocar, e eu consegui sair do casarão sem que ninguém pudesse me impedir. Ao passar pela porta fui puxada bruscamente para trás de um dos arcos de pedra que ornamentavam a entrada. Senti braços fortes me ampararem e me puxarem para junto de si. Estava escuro, mas podia sentir seu coração batendo em um ritmo acelerado.

– Sarah, sou eu Lucius – disse retirando a máscara. – Você está maravilhosa! – sussurrou com a boca próxima ao meu ouvido.

Enrubesci com o elogio e dei graças aos céus por meu rosto não está visível a ele. Eu não queria ter esse tipo de reação, ainda mais quando sabia o real motivo dele estar ali.

– O que você está fazendo aqui? – perguntei já sabendo a resposta e deduzindo que talvez ele quisesse apenas fazer ciúmes em Clarissa.

– Vim salvá-la! – soprou em meu rosto quando me ergui para olhar para ele.

– Não sou uma donzela em perigo então não preciso ser salva – respondi sentindo o ar queimar em meus pulmões.

PERIGOSAS NACIONAIS

– Seu noivo não é quem você pensa – fez uma pausa enquanto me puxava para ainda mais junto de si. – É um sádico, fez coisas horríveis com as esposas e lhe asseguro que o que estou a dizer é a mais pura verdade.

– Não me venha com essa! – exclamei elevando a voz e olhando em volta se tinham me escutado. – Ele é um homem bom e é minha oportunidade de dar uma vida digna às minhas irmãs e uma boa velhice ao meu pai.

– Terá outras oportunidades, não precisa se sacrificar por isso.

– Não acredito em amor, não me iludo mais com essas frivolidades – respondi tentando me afastar.

Lucius segurou minha mão antes que eu saísse e me puxou de volta para si. Meu coração bateu tão forte que senti medo que ele percebesse o efeito que tinha sobre mim.

– Finja uma indisposição e me ajude a encontrar as outras esposas que acredito estarem presas aqui.

– Estão mortas Lucius! – falei tentando novamente me libertar.

– Não estão! – exclamou com uma certeza assustadora. – Elas são a única forma de determos
PERIGOSAS ACHERON

este monstro – continuou com a respiração ofegante tentando me convencer de suas palavras.

Antes que tentasse novamente me libertar, vimos um casal sair pela porta e se esconder abaixo de nós por entre os arbustos da entrada.

Lucius me colocou contra a parede de forma que se olhassem para cima não me identificariam. Ele colocou seus braços em volta de minha cintura e repousou minha cabeça sobre seu peito. Fechei meus olhos e por alguns instantes esqueci-me de tudo. Esqueci-me que aquele era meu noivado, e de que Lucius estava com Clarissa e ainda de olhos fechados ergui meu rosto até que consegui sentir sua respiração e quando os abri estava a centímetros de sua boca. E por mais que soubesse que não deveria, eu o beijei. Beijei como se fosse possível ser amada, como se tudo pudesse ser diferente e ele pudesse ser meu.

Diferente do que imaginei ele correspondeu ao beijo, correspondeu tal como acontecera na floresta. Quando teve que provar nosso falso noivado diante de Brown. Ele me puxou para ainda mais junto de si. Decidi não dizer nada, decidi me iludir com aquela falsa sensação, mas por ora

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

estava feliz por tê-la.

As risadas de um novo casal ao passar do nosso lado fizeram com que nos afastássemos um pouco, o suficiente para eu conseguir olhar em seus olhos, e por alguns instantes pensei ter visto paixão neles. Como se ele quisesse mais.

– Preciso voltar para a festa! – disse tentando manter a respiração regular.

– Confia em mim? – perguntou mantendo suas mãos em minha cintura.

– Eu confio! – respondi contendo um novo impulso de beijá-lo outra vez.

– Não posso permitir que se case com ele – disse balançando a cabeça negativamente . – É um sádico, um torturador, sei que posso provar.

Respirei fundo e pensei em ignorá-lo, mas as imagens das mulheres jovens e bonitas com semblante triste que enfeitavam o salão me fez ter dúvidas sobre essa tal verdade que Lucius parecia acreditar tão fervorosamente.

Mas e se fosse verdade, como poderia conviver comigo mesma sabendo que não as salvei?

PERIGOSAS ACHERON

– Se estiver mentindo, lembre-se que estará arruinando a vida de toda minha família – respondi olhando fixamente em seus olhos.

– Não estou... – respondeu em tom de súplica.

Voltei para o casarão e caminhei pelo salão lotado sempre fazendo alguma mesura para os convidados ou lançando sorrisos em agradecimento a alguma frase inaudível dita por entre os dentes.

Ao chegar próxima a meu noivo, o vi se ajeitando em sua cadeira. Sua barriga parecia ainda maior e seu rosto ainda mais vermelho. Ele sorriu com os dentes sujos de molho. Provavelmente do pedaço de coxa de javali que lhe estava na mão direita.

– Estou indisposta querido, permita-me voltar para meu quarto – disse de cabeça baixa.

– Claro querida! – disse dando outra mordida na coxa.

Fui para as escadas, mas antes de subir vi Lucius atravessar o salão. Caminhei devagar para que ele pudesse me seguir sem maiores problemas. Ao sair das vistas dos convidados, me escondi atrás de uma pilastra e o puxei pelo braço quando o vi olhando em volta a minha procura.

Ficamos tão próximos que perdi o ar e ainda
PERIGOSAS ACHERON

sentindo minhas têmporas pulsarem em resposta a sua presença, criei forças e dei as costas para ele, tomando todo cuidado para não sermos vistos.

Ao chegar à porta do quarto deixei que ele entrasse primeiro, ficando parada por alguns instantes no corredor. Queria me certificar de que não tínhamos sido vistos juntos.

Fechei a porta e girei a chave na pequena fechadura. Estava com medo de me virar para ele. Medo que percebesse o quanto sua simples presença me desestabilizava.

– Não me admira que queira ficar – disse entre os dentes enquanto olhava ao seu redor.

– Não por mim, mas queria que minhas irmãs pudessem ter o melhor – respondi tentando parecer serena.

– Entendo – e lançou o esboço de um sorriso para mim. – Viu algo que possa nos ajudar a encontrá-las? – disse mudando de assunto. Parecia que minhas últimas palavras tinham o atingido de forma inesperada.

Caminhei até sua direção e apertei o pequeno botão na parede. A passagem se abriu novamente e Lucius olhou de volta para mim com um sorriso

PERIGOSAS ACHERON

esperançoso.

– Isso poderá nos levar até elas! – disse observando o dispositivo escondido sob o papel de parede. – Mas como o encontrou?

– Não foi proposital, mas me deixou curiosa também – respondi entrando pela passagem estreita. Estava feliz por ele não ter falado sobre o beijo. Não sabia como respondê-lo.

– Deixe-me ir primeiro. Não quero que corra nem um risco! – disse se colocando a minha frente, mas com uma de suas mãos estendida para trás.

Eu a peguei ainda com receio e a segurei forte, ele retribuiu o gesto fazendo mesmo. Ao lado da passagem um pequeno símbolo em forma de triângulo parecia ser o dispositivo para fechá-la. O apertei e vi a porta se fechar atrás de nós. Uma grande escuridão tomou conta do lugar. Apertei a mão de Lucius com ainda mais força e senti seus dedos se entrelaçarem aos meus. Caminhamos com cuidado, pois não enxergávamos nada a nossa frente.

Tropecei em uma pedra e quase caí, mas senti seus braços fortes me ampararem.

– Você está bem? – perguntou com o rosto
PERIGOSAS ACHERON

próximo ao meu.

– Sim! – respondi recuperando o fôlego.

– Não podemos continuar sem rumo nessa escuridão. Por enquanto estamos andando em linha reta, mas se encontrarmos alguma bifurcação ficaremos perdidos. – E enquanto falava ele soltou minha mão. – Sente esse cheiro?

– Pólvora? – perguntei me aproximando da parede.

– Encontrei uma tocha! – disse voltando para mim.

– Mas como iremos acendê-la? – perguntei.

– As vantagens de se ter um caçador por perto! – e ouvi sua risada na escuridão.

Ele encontrou duas pedras e mesmo não ouvindo nada, vi faíscas subirem rumo a tocha e em poucos minutos tínhamos nossa fonte de luz.

Agora podíamos ver claramente o lugar. Era estreito e feito de pedras. Um lugar sujo e cheio de teias de aranha. Provavelmente não era visitado com frequência.

– E se alguém nos encontrar? – perguntei com medo.

– Eu protejo você! – respondeu pegando minha
PERIGOSAS ACHERON

mão com sua mão livre.

Continuamos nossa caminhada até surgir uma bifurcação. Lucius marcou a parede do caminho que tínhamos vindo com um triângulo. O fez com uma pedra pontuda que encontrara no chão.

Caminhamos devagar e fazendo pouquíssimo barulho. Eu estava com medo, mas mesmo sabendo que o coração dele era de Clarissa, eu não pude evitar pensar em como seria se ele me amasse. Eu com certeza seria a mais feliz das mulheres. Não teríamos todo aquele luxo, mas teríamos uma vida simples, porém feliz e cheia de amor.

Ouvimos um barulho. Lucius se posicionou protetoramente a minha frente, mas não conseguíamos ver ninguém se aproximar.

– De onde veio aquele som? – perguntei baixinho.

– Provavelmente das paredes – disse se virando para mim com seus olhos iluminados pela tocha. Um castanho avermelhado e brilhante.

Andamos por um longo tempo até que avistamos uma porta de madeira. Lucius continuou a frente e foi o primeiro a olhar. Ergui meu rosto para ver também e me espantei ao ver cinco mulheres

PERIGOSAS ACHERON

amarradas e amordaçadas.

Elas ficaram agitadas ao nos ver. Senti faltar o ar em meus pulmões. Não podia acreditar que meu futuro marido poderia ser tão cruel.

– Sarah? Está tudo bem? – perguntou Lucius sustentando-me pela cintura.

– Não posso acreditar que esse poderá ser meu destino se prosseguir com o casamento!

– Nunca permitiria! – exclamou com o rosto próximo ao meu.

– Por que se importa? – perguntei sem me mover. Ele agia como se eu não o tivesse beijado. Agia como se quisesse fingir que nada havia acontecido.

– Eu... Eu... – mordeu os lábios sem tirar os olhos dos meus. – Você é importante – disse enfim com a respiração irregular.

Claro! Eu era prima de Clarissa e falar sobre o que tinha acontecido me envergonharia ainda mais, entretanto pensar sobre isso não me fez sentir gratidão, mas a dor que causou, deu-me forças para desviar o olhar.

– Temos de tirá-las daí! – disse voltando para a porta trancada com um grande cadeado. Eu não conseguia ser forte estando tão próxima a ele, ainda

PERIGOSAS ACHERON

mais sabendo que sua mente estava em Clarissa.

— Temos que arrombá-la — disse ele se endireitando ao meu lado. — Afastem-se, por favor - gritou para elas, que se arrastaram o quanto conseguiram.

Ele tomou distância e chutou a porta. Apesar de velha, nada aconteceu. Somente na quarta tentativa a porta desabou pelo lado de dentro, quase atingindo uma das mulheres amarradas.

Estavam magras e muito fracas. Mal pareciam humanas. A pele de uma delas estava dilacerada. E o mau cheiro inundou minhas narinas fazendo meu estômago protestar em resposta, mas me mantive firme, afinal cheiros como aquele não eram incomuns de onde eu vinha.

Lucius me olhava de soslaio. Provavelmente achando que eu não iria suportar a situação.

Desamarramos todas elas e carregamos a mais fraca, jurando as demais que voltaríamos para buscá-las. Ela seria nossa prova de que o senhor daquela casa era um monstro e não o cavaleiro que pensavam ser.

Voltamos rápido pelo caminho que tínhamos passado e felizmente não encontramos nada além

PERIGOSAS ACHERON

de um rato no túnel.

Ao chegarmos à passagem que dava para o quarto em que eu fora hospedada, apertei o dispositivo triangular e entramos com a pobre criatura no colo de Lucius.

Seu corpo era ainda acometido por tremores e murmúrios ininteligíveis. Ela estava coberta por trapos e as cicatrizes mostravam anos de tortura.

Saímos juntos do quarto e caminhamos apressadamente para o grande salão. Ao chegarmos ao topo da escada vi meu querido noivo perder a compostura, mas Lucius passou a minha frente e com um discurso digno de um rei revelou a todos a verdadeira identidade do monstro. Vi algumas mulheres desmaiarem e alguns homens tentarem disfarçar o desconforto. Ainda outros indignados seguraram Sr. Lingdon e mandaram chamar a guarda real.

Carruagens foram providenciadas às pressas para os convidados. Indiquei a alguns homens onde estavam as outras mulheres e um convidado jovem, provavelmente um médico recém-formado se prontificou para ajudá-las.

Uma carruagem estava a nossa espera de frente

PERIGOSAS ACHERON

ao casarão. Olhei para Lucius com olhar de gratidão, mas não tive coragem de lhe dizer nenhuma palavra.

Peguei minhas irmãs. Uma de cada lado e fomos seguidas por Clarissa deixando-a um pouco atrás de nós com um olhar vazio, mas dessa vez pude olhar de volta para ela como a uma igual. E voltamos para casa, silenciosas e com as incertezas do que viria a seguir.

Chegamos cansadas e meu pai nos recebeu preocupado. Expliquei lhe toda a história e o vi voltar para seu quarto com uma garrafa de vinho. Queria poder impedi-lo, mas não conseguia imaginar o que lhe passava pela cabeça e nem os sentimentos que lhe invadiam o coração.

Preparei as meninas para dormir e beijei a testa de cada uma, tentando tranquilizá-las. Uma tarefa difícil levando em conta todas as expectativas que já tinham feito sobre uma vida que jamais poderiam ter. Fiquei sentada na cama as observando até que pegaram no sono.

Não falei com Clarissa, não quis confrontá-la e nem afrontá-la com o tempo que passei com Lucius, mas ainda com meu vestido de baile

PERIGOSAS ACHERON

caminhei até a entrada da floresta de Ulric. Estava anestesiada. Não sabia definir o que sentia ou o que se passava por minha cabeça. Tudo aquilo parecia ter ocorrido há dias. Sentei-me em uma pedra e ela estava coberta por uma fina camada de neve.

Estava tão frio que podia sentir meus músculos lutando e se contraindo por calor, mas passos familiares me fizeram esquecer o frio e de todo o resto.

Lucius sentou-se ao meu lado e jogou sua capa sobre mim.

Seu perfume me envolveu enquanto sentia seus braços a minha volta. E por mais que minha mente protestasse, meu coração assumiu o controle e me aninhei em seu peito, ficando perto o suficiente para ouvir as batidas de seu coração, as quais estavam em uma sincronia desordenada assim como o meu.

– Pergunte-me novamente porque a salvei – sussurrou soprando ar quente em meu rosto.

– Por que me salvaste outra vez? – perguntei hipnotizada por aqueles olhos castanhos.

Ele alinhou nossos rostos e me beijou em resposta. Um beijo calmo e ao mesmo tempo

PERIGOSAS ACHERON

carregado de sentimento. Só então me dei conta do quanto estava desesperada por amor. Apaixonada por Lucius.

– Amo-te, amo, amo com todo meu ser! – disse ele com o rosto colado ao meu.

Acordei debruçada sobre minhas irmãs. Ambas dormindo silenciosamente. Fui para a janela com a doce sensação daquele sonho e daquelas palavras que apenas existiam para mim.

Capítulo 24

A Decisão

Antéria, 1546
Lucius Ganner

Era difícil entender como Clarissa conseguia estragar todo e qualquer momento.

Eu não sabia dançar direito, os poucos passos que identificava entre os que dançavam no salão eram os que tinha visto minha mãe ensinando Lis e Lola, mas Clarissa não perdia a oportunidade de me importunar e tive que continuar a acompanhá-la, pois não poderia arriscar meu plano.

Não tinha ido ao baile para diversão e mesmo que fosse ela não faria parte dos planos.

– O que está fazendo aqui? Não resistiu ao meu beijo? – perguntou com ar de deboche.

– Não recordo de nenhum beijo! – respondi sem nem ao menos olhar para ela. Queria que entendesse que aquilo não tinha significado nada para mim.

– Não brinque comigo caçador, não sou Sarah e não relevo esse tipo de comentário – disse enquanto a música abafava a nossa conversa a tornando quase inaudível até mesmo para mim.

– E é exatamente porque você não é Sarah que não a quero para mim! – disse a deixando no meio

do salão.

Tinha pena de Clarissa, mas desejo ou amor era algo que sabia que nunca desenvolveria por alguém tão arrogante.

Enquanto os casais dançavam avistei Sarah conversando com Sir Lingdon e caminhei em sua direção tentando ser discreto. Não queria que percebessem o quanto eu ansiava me aproximar dela.

A vi se misturar por entre os convidados enquanto ainda dançavam com vigor, mas não desisti, continuei me aproximando, até que a música parou e tive que acompanhar os aplausos, mas felizmente a vi indo em direção a porta. Apressei-me e me escondi por detrás do arco de pedra que enfeitava a entrada.

Puxei-a assim que seus pés alcançaram a saída. Seu corpo próximo ao meu, fez com que eu perdesse a urgência de estar ali. Queria apenas apreciar cada detalhe de seu rosto e ela estava tão linda!

Contei a ela toda verdade e desejei que me ouvisse e que me permitisse provar, mas um casal apaixonado passou a poucos metros de nós e se

PERIGOSAS ACHERON

escondeu por entre os arbustos.

Tentei protegê-la. Não poderia permitir que nos vissem juntos, mas algo inesperado aconteceu. Sarah ainda presa ao meu corpo beijou-me e eu me esqueci por completo o motivo de estar ali.

Naquele pequeno instante eu estava completo e feliz. Não imaginava que um beijo na mulher amada pudesse ser tão maravilhoso. Eu apenas a queria mais e mais e se não fosse o fato dela ter se afastado teríamos passado a noite ali sem me importar com mais ninguém.

Mas se ela se casasse com aquele homem nada mais poderia ser feito e como um soco no estômago a realidade bateu de volta para mim. Eu precisava convencê-la da verdade.

Apesar de não ter acreditado no início, ela me permitiu provar. A segui até seu quarto e novamente por muito pouco não a beijei. Cada passo ao seu lado aumentava minha inquietação. Cada vez que sua pele estava próxima a minha, sentia meu coração em chamas!

“Ah! Como eu a amava e como a queria para mim...”

Depois de todo tempo que tinha passado em busca da rosa da montanha e acreditando que ela poderia morrer, eu ficava sempre em alerta, mas tudo desaparecia com um simples olhar direcionado a mim, tudo ia embora com a simples iminência de um toque.

Entramos no quarto em que ela estava hospedada e naquele momento percebi o quanto a realidade era dura. Eu nunca poderia oferecer a ela algo assim. Eu só tinha meu amor e proteção, mas nunca uma vida como aquela.

Ver aquele duro contraste, me fez sentir como a fina camada de pó em uma balança, me fez sentir um nada e para um homem essa sensação era incomparável, era humilhante.

Ela me mostrou uma passagem na parede e isso fez com que eu me esforçasse a manter o foco no real objetivo de estar ali. Quando entramos, ela segurou minha mão. E como poderia não retribuir tal gesto? A apertei em resposta e passei levemente meu polegar sobre ela.

Cuidei para que Sarah ficasse bem e segura, mas quando achamos as mulheres presas naquele

PERIGOSAS ACHERON

cômodo fedido e pequeno, eu respirei fundo e agradei a Deus por ter conseguido salvá-la por mais uma vez.

Mas ela ainda queria saber o porquê de tê-la salvo de novo, porém o que eu poderia responder? O que poderia dizer, se quando eu olhava em seus olhos as palavras fugiam de mim?

Sentia-me como um tolo, um garotinho indefeso e medroso. Tinha medo do que poderia vir a seguir, medo de não resistir. Medo de não cumprir a promessa que havia feito a seu pai.

É claro que eu a amava. Será que ela não havia sentido na forma que retribui o beijo? Que homem que não estivesse apaixonado, reagiria de tal maneira? Mas eu não poderia desconsiderar a promessa que tinha feito. E vendo-a com aquelas roupas ficava ainda mais claro que ela merecia mais.

Quando levamos uma das mulheres mais debilitadas para o grande salão foi uma grande comoção. Sir Lingdon ficou paralisado ao ver que todo seu poder naquele momento não valeria de nada. Ele seria preso pela guarda real e teria a punição que merecia pelos anos de tortura que tinha

PERIGOSAS ACHERON

imposto a aquelas mulheres.

Enquanto proferia meu discurso de acusação, percebi que Sarah estava indo embora. Pensei em ir atrás dela, mas me lembrei de que o senhor Brandon ainda me aguardava e que provavelmente estaria confuso com toda aquela agitação.

Voltei para a carruagem e lhe expliquei todo o ocorrido, ele ficou assustado e ao mesmo tempo feliz e elogiou minha coragem. Mal sabia ele que essa coragem desaparecia na presença da mulher que eu amava. Mal sabia ele que eu não era puramente um herói. E que crescia em meu coração o desejo de esquecer o futuro e desconsiderar as possíveis desgraças que a vida poderia vir a nos oferecer. E que eu estava muito perto de ir atrás de Sarah e revelar o que realmente guardava em meu coração. Revelar que eu a amava.

Voltei com dois sacos grandes de cereais, mas decidi guardar um para Sarah, queria que ela pudesse ter pelo menos uma boa refeição depois de tudo que tinha acontecido. O escondi na casa da árvore, mas ao chegar em casa encontrei Lis me esperando na porta.

– O que está acontecendo? – perguntei ao
PERIGOSAS ACHERON

perceber seu semblante preocupado.

– Tente manter a calma – respondeu segurando minha mão.

– E porque eu teria que fazer isso? O que está acontecendo Lis? – perguntei impaciente.

– Venha! – disse abrindo a porta para mim.

Caminhamos até o quarto de Lola e a encontramos deitada. Ela estava dormindo, mas seu rosto vermelho mostrava que havia chorado.

– O que está acontecendo? – perguntei para minha mãe.

– Lola deu um mau passo? – respondeu se virando para olhar para mim.

– O que quer dizer com isso? – perguntei com medo do que ouviria.

– Ela está grávida! – respondeu me deixando completamente horrorizado.

Grávida? Como ela poderia estar grávida? Eu fazia de tudo para mantê-las em segurança, para afastar qualquer um que pudesse se aproveitar delas. Não entendia o que estava acontecendo, como eu poderia ter falhado daquela maneira.

Fui para fora do quarto e estava irado. Queria saber quem tinha feito isso a ela?

PERIGOSAS NACIONAIS

– Quem é o pai? – perguntei para Lis e para minha mãe?

– Um conde inglês que tinha prometido casamento a ela – respondeu minha mãe envergonhada.

– E quando vocês iam me contar? Hum? Quando iriam me dizer o que estava acontecendo? – gritei dando um soco na parede.

– Calma Lucius! – disse Lis tentando me conter.

– Onde está esse tal conde? – perguntei as repelindo.

– Ele a deixou! – respondeu minha mãe com a voz trêmula, levando a mão até a boca.

Fui para casa da árvore, pois não conseguia mais ouvi-las. Estava decepcionado demais. Encontrei Stell com Bree nos braços.

– Você sabia do que estava acontecendo? – perguntei com as duas mãos na cabeça.

– Soube hoje assim como você – respondeu entregando Bree para Lis quando ela passou por mim.

– Vou matar esse conde! – disse sentindo o ódio correr por minhas veias.

– Eu entendo você, mas também entendo sua
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

irmã e saiba que não é agindo assim que a manterá a salvo!

– Ele se aproveitou da inocência dela e honra lava-se com sangue! – gritei.

– Meu pai tentou fazer o mesmo e onde ele está agora? – perguntou ficando ainda mais próxima de mim.

– Não posso permitir que ele saia ileso disso! Eu não posso!

– Você tem sua família Lucius, então acalme seu coração e cuide delas primeiro.

Ela concluiu a frase e me deixou sozinho. Sentei-me no chão ainda ouvindo as palavras de meu pai, ouvindo o juramento que tinha sido incapaz de cumprir.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 25

A morte do Rei

Antéria, 1546

Clarissa Walker

Tinha beijado Lucius e não poderia perder a oportunidade de alfinetar Sarah. Queria que ela soubesse que não o teria tão

fácil quanto imaginava.

A maior parte dos meus planos para isso tinham sido concluídos e aceitei o tapa que recebi dela como um bônus que apenas comprovava que estava tendo o efeito que queria sobre minha querida rival.

Ao chegar ao grande casarão de Sir Lingdon eu me alegrei por saber que ela estaria longe de minhas vistas, porém Lucius tinha o poder de estragar tudo e por mais uma vez ele me deixou e foi salvá-la.

Sir Lingdon foi levado pela guarda real enquanto nós voltávamos para casa. Sarah parecia assustada e ao mesmo tempo aliviada, porém um olhar confiante me deixou intrigada, mas o que poderia esperar dela? Provavelmente apenas queria me irritar. Não teria coragem para me desafiar.

Fui para meu quarto e me sentei sobre o velho baú e ainda naquela noite recebi um mensageiro. Ele bateu a nossa porta e me entregou uma carta e junto a ela deu o anúncio da morte de meu pai, o rei.

Não ouve lágrimas e nem tristeza, não consegui fingir que aquela notícia tinha me atingido de alguma forma, na verdade eu apenas conseguia

PERIGOSAS ACHERON

pensar no fato de que Algusth herdaria o trono.

Peguei a carta e voltei para o quarto, ela estava selada com o selo real da rainha. Abri e comecei a ler:

Querida Lady Clarissa

É com grande pesar que venho lhe informar da morte de vosso pai, o rei. Vossa majestade morreu ainda esta noite após uma febre alta que o acometeu. Todos os sintomas sugerem um

envenenamento. Ele estava muito fraco depois do último atentado e apesar de todas as tentativas para que melhorasse, ele não resistiu. Há uma investigação sendo feita, por homens de minha confiança, para descobrir os culpados e para puni-los adequadamente.

Queria tê-la chamado para poder se despedir, mas tudo aconteceu tão rapidamente que pegou a todos de surpresa.

Algusth está a caminho do palácio acompanhado de seu tio, o conde Hughes, o qual é o preferido entre os nobres para se tornar o futuro regente de Antéria.

Mas descobri por meio de uma fonte segura que o

PERIGOSAS ACHERON

conde Hughes não deixará sua posição como lorde protetor do reino e tendo em vista a saúde fraca do futuro rei, apenas vós estareis entre o trono e ele.

Recomendo encarecidamente que nossos planos para que sua vida seja protegida de tais conspirações seja colocado em prática imediatamente.

Juntamente com esta, há

outra carta vinda
diretamente de Catherine d
Medici, a rainha da França,
que lhe repassará como o
plano deverá ser executado
para que não aja margem
para erros.

Que Deus nos perdoe...

Hellen

Terminei de ler e suspirei fundo antes de abrir a carta vinda da França.

Não sabia muito sobre Catherine d' Medici, o pouco que conhecia vinha das histórias que minha mãe contava sobre uma rainha forte e que não temia conspirações. Uma rainha que não hesitava

em fazer algo cruel se esse fosse o preço para alcançar seus objetivos. Abri aquela carta me sentindo honrada por ter o apoio de tal mulher.

Li as instruções de Catherine d' Medici, e apesar de todas as minhas certezas, eu repeti em voz alta as últimas palavras da duquesa de Noronha:

“Que Deus nos perdoe...”.

De acordo com a carta um homem, mandado diretamente por Catherine d' Médici iria me encontrar dentro de dois dias para juntos acertarmos os últimos detalhes para a consumação do plano. Ele estaria próximo à clareira da floresta de Ulric e usaria um manto negro como sinal.

Não era exatamente como eu gostaria que tudo terminasse, mas não poderia cair nas mãos do conde Hughes, pois ele não aceitaria deixar o poder para ser substituído por uma mulher e meu meio irmão não viveria muito para desviar sua atenção de mim.

Sonhei durante toda a noite com o que poderia estar prestes a acontecer com todos eles. No sonho Sarah apenas me olhava de volta como um reflexo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

do olhar que lancei para o meu pai quando minha mãe foi morta. Acordei com um grito abafado e com o corpo coberto de suor.

“Será um mal necessário” – repetia para mim mesma enquanto tentava me recompor.

Evitei qualquer interação com Sarah e com suas irmãs. Não queria ver os rostos delas e nem ser assombrada por eles depois de tudo.

Passei esses dois dias, trancada em meu quarto, lendo e relendo a carta da rainha da França. Queria estar preparada para cumprir cada detalhe sempre me concentrando no futuro.

Quando o grande dia chegou, saí de casa pouco antes do sol nascer. Estava tão frio que senti todos os meus músculos se contraírem na tentativa de me aquecer.

Avistei ainda de longe o homem alto e forte coberto por um manto negro e imponente. Ele parecia uma figura nobre e não um simples mensageiro da rainha.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Lady Clarissa – disse fazendo uma curta reverência. – Vim a mando da rainha da França para lhe repassar os detalhes do plano que não puderam ser registrados em papel.

– Um agente francês em solo anterês me parece algo muito arriscado – disse tentando parecer tranquila.

– Não sou francês e sim inglês – disse erguendo o dedo indicador para mim. – Eis a primeira lição que debes aprender se realmente quiseses se tornar rainha – E pausou para olhar para mim. – Não deixe que meras fronteiras limitem suas influências.

– Anotarei isso assim que tiver tinta e papel, mas como devo chamá-lo? – perguntei franzindo ligeiramente o cenho.

– Sou Gildeon, mas saber meu nome e conhecer minha nacionalidade não é seu objetivo aqui, tendo em vista que não posso demorar ou arriscar-me em ser visto em vossa companhia.

– Diga-me Gildeon o que Catherine d’ Médici tramou por mim?

– Trago comigo um veneno raro que deixa sinais semelhantes ao da peste – disse retirando um pequeno frasco com um líquido negro dentro dele.

PERIGOSAS ACHERON

– Ao anoitecer virá a essa aldeia um mensageiro real trazendo um decreto revogando o banimento dos Edgell, dando a todos de sua descendência a liberdade de voltar ao castelo e de participar da coroação. Uma trama feita pelo próprio conde Hughes para que você possa sofrer um atentado sem que ele se torne suspeito de tal – continuou ele demonstrando total conhecimento do que iria ocorrer e eu estava atenta a cada palavra que saía de sua boca. – Mas amanhã, ao raiar do dia, um jantar suntuoso será oferecido no casarão do coletor de impostos. Será para poucos convidados e você terá que agir rapidamente colocando o conteúdo deste frasco no grande caldeirão onde uma sopa quentinha será oferecida. – Peguei o frasco em minhas mãos e o guardei no decote de meu vestido. – Todos terão as marcas da peste em sua pele antes que o sol se ponha.

– É seguro? – perguntei engolindo em seco.

– Não deve mais se preocupar com isso! Deverá apenas colocar o conteúdo desse frasco no caldeirão, e o que acontecerá a seguir é agora responsabilidade de Catherine d’ Médici! – disse olhando para mim com olhar tão frio quanto o ar

PERIGOSAS ACHERON

que nos cercava – Se esconda em algum lugar seguro, pois na manhã seguinte após todos os soldados do conde Hughes voltarem ao castelo, você embarcará em um navio cargueiro que está atracado no porto e partirás para a França, lá será devidamente mantida em segredo aos cuidados da própria Catherine d’ Médici até que possa retornar e tomar o trono, mantendo assim uma aliança com a França contra a Inglaterra cedendo suas fronteiras para uma possível invasão!

– O farei – disse com um aceno de cabeça ainda sentindo minhas mãos tremerem.

– Tome! – disse me entregando um pergaminho.
– Abra-o apenas quando estiver pronta para saber o que a rainha da França tramou! – peguei o pergaminho, mas ele não o soltou completamente.

– Não abrirei até que esteja pronta – falei ainda com o olhar preso ao dele.

Escondi o pergaminho dentro da manga longa de meu vestido e voltei para o caminho de casa sem olhar para trás.

Eu estava prestes a me libertar daquela vida, mas não poderia dizer que me orgulhava do que estava fazendo, porém com a trama do conde Hughes

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sendo colocada em ação eu não poderia permitir que meu sangue fosse derramado. Tinha que ser prática, pois minha vida e meu trono dependiam disso.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 26

O Sonho

Antéria, 1546
Sarah Turner

Tinha se passado um dia
inteiro após o meu

fracassado noivado. Minhas irmãs pareciam aliviadas por mim, porém no fundo eu sabia que as expectativas que haviam criado, as deixaram tristes e decepcionadas.

Queria compensá-las e quem sabe levá-las para um dia de diversão na neve, mas a tristeza de meu pai ainda me preocupava.

Ele não tinha falado com ninguém desde que havíamos chegado. Estava trancado no quarto provavelmente bebendo. Eu me sentia culpada por sua recaída, afinal foi por minha causa que ele estava de volta ao fundo do poço.

Clarissa permanecia reclusa em seu quarto também, talvez com ciúmes da minha proximidade com Lucius na festa. E dessa vez não poderia dizer que estava triste por ela ou com remorso pelo ocorrido. Uma parte de mim se sentia bem por vê-la se incomodar com minha presença.

No fundo sabia que na realidade Lucius era um homem descente demais para flertar com nós duas. Ela talvez se sentisse incomodada, mas deveria compreender que apesar de ambas termos o beijado, o meu beijo não tinha sido por uma expressão de afeto espontânea da parte dele. Eu o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tinha beijado, ele, por outro lado, havia correspondido para não me envergonhar ainda mais.

Após constatar que todos ainda estavam dormindo, decidi sair um pouco de casa e ir até a clareira. Queria reviver o sonho. Sentar-me no mesmo lugar e sentir como se tudo tivesse realmente sido real.

Ao abrir a porta eu encontrei um saco de cereais. Olhei para todos os lados para saber quem o tinha deixado lá, mas não havia nenhum sinal de alguém por perto. Arrastei o saco até a cozinha e o deixei lá e mesmo estando curiosa para saber de onde tinha vindo tal boa ação eu decidi não perder tempo. Não queria ter que explicar o porquê queria sair sozinha tão cedo.

Caminhei até a clareira envolta em um agasalho puído e velho, mas que me aquecia o suficiente para poder caminhar. Felizmente a neve estava fraca, caindo pouco a pouco, como uma leve chuva de fim de tarde. Meu pé estava quase completamente curado e caminhar não era mais um sacrifício, mesmo usando as botinas velhas de meu pai.

PERIGOSAS ACHERON

Quando enfim cheguei ao ponto exato de meu sonho, me sentei e fechei os olhos. Eu quase podia sentir a aproximação de Lucius. Abracei os meus joelhos na tentativa de sentir que tinha mais alguém ali além de mim. E percebi o quanto podia ser doloroso amar sozinha.

Voltei no exato momento em que pela primeira vez na vida eu tinha sido capaz de fazer algo por mim mesma.

Egoísta? Talvez, mas o suficiente para lembrar-me de como seria sentir o beijo de Lucius Ganner. Sorri como uma tola por ainda ter aquela lembrança para aquecer meu coração.

No caminho para casa encontrei meu pai caído na rua. Ele estava machucado e fedia a vinho. O levantei com dificuldade. Ele estava bêbado demais para caminhar sozinho.

– Papai o que aconteceu? – perguntei sem esperar realmente por uma resposta.

Um homem da aldeia, talvez um mercador, desceu de sua carroça e me ofereceu ajuda.

– O senhor viu o que aconteceu? – perguntei ao homem enquanto me ajudava a colocá-lo na carroça.

PERIGOSAS NACIONAIS

– Alguns homens o derrubaram e o chutaram como a um cachorro sarnento, diziam que ele tinha vendido a filha para poder comprar mais bebida – respondeu me ajudando a subir na carroça também.

Vendo meu pai ali machucado e indefeso, eu perdi completamente a fala, apenas segurei sua mão e acariciei seu rosto levemente, sem tocar nos machucados.

Ao chegarmos o bom homem me ajudou a colocá-lo no quarto e saiu sem nem ao menos dizer seu nome. Eu pensei ir atrás dele, mas Beca e Nancy chegaram preocupadas e correram para buscar água e panos limpos para que pudéssemos limpar as feridas dele.

Trocamos suas roupas velhas e tratamos suas feridas, que felizmente eram superficiais, não havia cortes profundos ou nada que requeresse que mais alguém viesse interceder para curá-lo.

Fiquei sentada ao lado de sua cama, esperando que acordasse. Algo que só aconteceu ao cair da noite. Ele abriu os olhos com dificuldade e apertou de leve a minha mão que estava próxima à dele.

– Filha o que aconteceu? – perguntou com a voz fraca enquanto tentava erguer o pescoço.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– O senhor caiu e se machucou – respondi tentando poupá-lo da vergonha de saber a verdade.

– Você está bem querida? Aquele homem a feriu? – perguntou tentando se levantar novamente.

– Não papai, Lucius me salvou de novo – respondi sentindo um sorriso crescer em meus lábios com a lembrança e pelo prazer de poder citar seu nome em voz alta.

– Lucius – repetiu desviando o olhar.

Chamei Beca e Nancy e pedi que o fizessem companhia enquanto eu fosse preparar uma sopa para ele comer. Elas tomaram meu lugar enquanto eu ia até a cozinha.

Naquela noite decidi que minha prioridade deveria ser os de minha casa e que sonhar com um amor que nunca seria meu, era um martírio e que não poderia me dar ao luxo de sofrê-lo, mesmo quando meu coração e meu corpo ansiavam por isso.

Sabia que não seria fácil não pensar nele, ainda mais quando um mensageiro da cômte bateu em nossa porta trazendo um decreto real. Ao lê-lo eu fiquei completamente sem reação. O decreto revogava nosso banimento e nos convidava a voltar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

a côrte. E para selar a paz entre nós iríamos celebrar a nova fase em um banquete no casarão dos Ambars. O senhor Thomas Ambars não era alguém amado pelo povo, era o cobrador de impostos designado pelo rei para coletar quase tudo que era produzido pela aldeia, deixando apenas o mínimo para sobreviverem.

Minhas irmãs se animaram com a notícia já fazendo planos para uma nova vida na côrte, eu, por outro lado, enxergava tudo àquilo de outra maneira. Celebrações tinham se mostrado momentos não muito favoráveis para mim e sabia que aquela não seria diferente, a menos que houvesse um beijo no final.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 27

O Pesadelo

Antéria, 1546
Lucius Ganner

Passei aquela noite andando de um lado para outro e tentando

decidir o que deveria fazer. Minha irmã havia sido enganada e violada por um homem rico e sem escrúpulos. Alguém que com certeza imaginava que poderia vir a uma aldeia pobre e se aproveitar da inocência de uma órfã, achando que não havia ninguém para protegê-la ou defendê-la, mas ele estava enganado. Lola tinha a mim.

– Estou grávida Lucius – disse Lola entrando na casa da árvore. – Mas não vou aceitar um sermão.

– O que estava pensando Lola, quando se envolveu tão intimamente com um estranho, sem nem ao menos pedir minha aprovação? Como pôde ser tão tola? – disse trincando os dentes para não gritar com ela.

– Pensando em ter uma vida melhor! Uma vida digna! – disse ainda sem perder a altivez, parecia a própria Clarissa Walker.

– Vida digna? Está grávida sem ser casada! Onde está a dignidade nisso?

– Você nunca se importou comigo de verdade, é tudo sempre pela Lis! Não me lembro da última vez em que olhaste para mim, é sempre tão frio e distante, então como pode me julgar? – cuspiu para mim anos de ressentimento.

PERIGOSAS NACIONAIS

– Nosso pai me incumbiu de cuidar de todas vocês e é o que tenho feito desde então!

– Eu já estou sofrendo o suficiente, você não vê?
– disse se ajoelhando no chão enquanto as lágrimas viam de forma torrencial.

Eu olhei para ela e foi impossível não chorar também. Ela era minha irmãzinha e eu não poderia vê-la sofrer sem sofrer de volta. Ajoelhei-me de frente para ela e a abracei.

– Você é tão parecida com o nosso pai que eu não conseguia olhar para você... Era como revê-lo a cada sorriso seu. – afastei-me e ergui seu rosto para poder olhar para ela. – Mas eu a amo Lola, amo, sou um fraco por nunca tê-la feito sentir isso, mas eu a amo, então me perdoe.

Antes que Lola respondesse senti os braços de Lis e de nossa mãe nos envolver. Ainda estava angustiado e com medo do que estaria por vir, mas eu as amava demais e queria que elas sentissem a verdade.

Desci com elas da casa da árvore e as deixei em casa, mas dessa vez fiquei lá ao lado da cama de Lola, segurando sua mão até que dormisse, até que todas elas dormissem.

PERIGOSAS ACHERON

Beijei a testa de cada uma e me sentei na escada da casa da árvore. Estava tenso e ao mesmo tempo leve. Ainda não sabia como seria ao encontrar o maldito conde que tinha desonrado minha irmã, mas por ora deixaria a poeira baixar.

– Sabia que conseguiria apaziguar as coisas – disse Stell sentando-se ao meu lado.

– Bree dormiu? – perguntei sorrindo para ela.

– Sim – ela sorriu de volta. – dormiu na cama de Lis de novo.

– Obrigada Stell por me ajudar a colocar a cabeça no lugar, acho que se não tivéssemos conversado ontem, que eu estaria agora rumo ao castelo, em busca do tal noivo de Lola.

– Sabia que faria a coisa certa, mas queria lhe dar outra notícia – disse olhando para mim. – Brown está a nossa procura e sinto que não demorará muito para que ele nos encontre.

– Quer encontrar um novo lugar para se esconder?

– Na verdade eu consegui contato com meu tio na Escócia. Partirei amanhã a noite.

– Por que não me contou antes?

– Você tinha suas próprias preocupações e eu não
PERIGOSAS ACHERON

queria me tornar mais uma.

– Você é parte da família agora! – disse segurando sua mão.

– E sou grata por isso e pensei em lhe oferecer ajuda quanto a Lola – disse segurando minha mão em resposta. – Poderia levá-las para a Escócia comigo até que Lola tivesse o bebê, assim quando voltasse ninguém a trataria com indiferença ou essa situação respingaria em Lis quando tiver idade para casar.

– Não sei se suportaria não tê-las por perto!

– Tem até amanhã para decidir – disse e voltou para casa.

“Meu Deus, ajude-me a decidir o que devo fazer!” – orei baixinho.

Sabia que se Lola aparecesse grávida sem um marido que isso não atingiria apenas a ela, mas também a Lis, na minha pequena Lis.

Decisões, decisões e mais decisões.

Levantei-me e me pus a caminhar pela floresta, estava frio e a neve cobria quase todo caminho com uma camada espessa. Meus pés afundavam a

PERIGOSAS ACHERON

cada passo. Corri na tentativa de me aquecer e quando dei por mim estava chegando à clareira. Saí por detrás das árvores e segui pela estrada vazia e escura. Caminhei tentando ignorar os tremores, até que vi a casa de Sarah surgir a minha frente. Sabia qual era seu quarto e pelo silêncio deduzi que todos estivessem dormindo.

Sua janela estava trancada, mas por uma pequena fresta consegui com a ajuda de um graveto, abrir a tramela. Abri a janela com cuidado para que o vento não chegasse até ela.

Pulei tentando não fazer barulho e mesmo na escuridão podia ouvir sua respiração leve. Sentei-me no chão ao lado da cama e toquei com cuidado a mão que pendia ao meu lado. Ela a puxou de volta em um reflexo involuntário.

Assim que meus olhos se acostumaram a escuridão, o pouco de luz que passava pela pequena fenda da janela se tornou suficiente para ver seu rosto. Suficiente para admirar cada sarda que o salpicava próxima aos olhos e ao nariz.

Queria poder acordá-la e dizer tudo que estava acontecendo. Dizer que ainda não sabia se enviar minha família para Escócia era realmente a melhor

PERIGOSAS ACHERON

opção. Que não sabia se deveria ir também e assim deixá-la livre para ter um futuro ao menos próximo ao que ela experimentou no casarão de Sir Lingdon.

Queria compartilhar minha vida com ela. Queria poder retribuir novamente um beijo como o da noite anterior. E só então percebi que não havia tido tempo para refletir no que tinha acontecido.

Sarah havia me beijado. Uma prova de que meu sentimento era recíproco. Após aquela lembrança foi impossível não desejar acordá-la com um beijo. E poder dizê-la o quanto tinha sido especial. O quanto era maravilhoso estar com ela.

Saltei de volta pela janela antes que eu fizesse a loucura de beijá-la de novo. Eu não poderia desrespeitá-la da mesma forma que tinham feito a minha irmã. Eu não poderia.

Voltei para casa com a plena certeza de que não iria deixar Sarah. Que não conseguiria me afastar. Eu não era tão forte. Já tinha tomado minha decisão, e apesar de não querer perder minha família, teria que as deixar ir com Stell. Elas estariam seguras com ela, e agora sozinho, deixaria que Sarah decidisse seu próprio destino e dormi aquela noite desejando que fosse ao meu lado.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 28

O Veneno

Antéria, 1546

Clarissa Walker

Sabia que o mensageiro chegaria naquela mesma noite e por um pequeno instante cogitei desistir

do plano. Desistir da fuga e preservar todas aquelas vidas.

Levantei-me antes que todos eles naquela manhã. Passei por todos os quartos e os observei dormirem.

Beca e Nancy estavam descobertas e empilhadas uma na outra como se fossem apenas uma pessoa. Eu ri baixinho e pensei no quanto elas poderiam viver livres se eu desistisse de tudo. Passei pelo quarto do meu previsível tio bêbado e ele estava roncando e fedendo a vinho. Talvez para ele esse novo destino não fosse tão ruim, já que a vida lhe tinha sido tão cruel. Ao ir em direção ao quarto de Sarah, parei por uns instantes na soleira da porta e respirei fundo antes de entrar. Ela parecia serena e feliz. Era como se não tivesse quase sido a prisioneira de um homem louco. Pensei que talvez estivesse sonhando com Lucius e isso me deixava com ciúmes, embora se não tivesse tanta coisa em jogo eu talvez pudesse não odiá-la tanto.

Estava emotiva e com a consciência pesada, mas se não fizesse algo, seria eu a vítima daquele destino cruel que facilmente culminaria em uma morte como a da minha mãe e a condessa Bowe sairia vitoriosa mais uma vez.

Pensei em Catherine d' Médici, a rainha da França, que parecia tão aquém de tudo, como se nada a atingisse. Será que um dia eu assumiria tamanha frieza?

Será que um dia olharia para trás com pesar?

Eu não sabia, mas sair daquela casa, a qual tinha sido minha por tanto tempo, estava sendo um pouco mais pesado do que imaginei que seria. Talvez os sentimentos que insistia em reprimir sobre a morte de me pai estivessem me deixando ainda mais emotiva.

Eu respirei fundo e proferi as últimas palavras da duquesa de Noronha:

“Que Deus nos perdoe”

Caminhei por toda aldeia e olhei o rosto de cada camponês, cada mulher, homem e criança. E tentei ver além do que sempre enxerguei durante todos aqueles anos. Foi silencioso, mas não menos doloroso do que pressupus. Eles pareciam felizes de certa forma, mas eu conseguiria ser feliz se abrisse mão de tudo?

Fui até a taberna que sempre ia às escondidas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

para me alimentar adequadamente e pedi vinho. Não queria ficar bêbada, mas também não queria passar por tudo aquilo tão sóbria.

Passei o restante do dia na clareira. Talvez na esperança de ver Lucius. De ter uma pequena alegria na véspera de algo tão importante. Queria poder convencê-lo a ir para a França comigo, queria poder ter alguém em quem confiar e sabia que nenhum francês caberia nesse papel.

Antes que escurecesse retirei o frasco que tinha recebido de Gildeon, o qual ainda repousava em meu decote e o olhei bem de perto. Era um líquido negro e levemente espesso.

Tentei recordar cada palavra da carta de Catherine d' Médici. Não haveria dor e nem sofrimento. Mas o que realmente aconteceria com eles? Aquilo era um segredo até mesmo para mim e não me sentia preparada para abrir o pergaminho. Não sabia se realmente queria as respostas. E como poderia? Sabendo que meu futuro seria assegurado pela perda do futuro deles?

Por outro lado, aquela era minha única chance de sobreviver.

PERIGOSAS ACHERON

E o que poderia ser mais humano do que tentar sobreviver?

Eu estava apenas me auto preservando e sabia que ao me tornar rainha eu poderia dar a Antéria tudo que todos mais desejavam: Paz e prosperidade. Sim! Eu seria a melhor rainha que o povo poderia desejar, a melhor.

Assim que a noite caiu, ouvi o mensageiro bater a nossa porta. Sarah o recebeu educadamente, mas não parecia empolgada com a chance de morar na côrte, as meninas, por outro lado, dançaram e cantaram em volta dele soltando gritinho de alegria a cada palavra. Meu tio bêbado ainda estava de cama e não apareceu.

Vi Beca e Nancy dançando pela casa com os vestidos que tinham ganhado de Sir Lingdon. Queriam usá-los e não paravam de falar sobre a tal celebração na casa dos Ambars, mas Sarah continuava desanimada com a ideia, se importando apenas em cuidar do pai ainda de cama e implorando por uma bebida.

Entrei em meu quarto e comecei a preparar minhas coisas para a viagem. Sabia que não poderia

PERIGOSAS ACHERON

levar meu baú, teria que pegar apenas as coisas mais importantes. Separei alguns vestidos e cartas antigas e as coloquei em minha pequena mala. A escondi em baixo da cama e me sentei no baú.

Teria que pensar em um lugar para me esconder e a caverna que Lucius havia me levado parecia boa o suficiente para mim. Não seria confortável, é claro, mas me manteria segura e em segredo durante o tempo que precisaria me esconder antes de pegar o navio rumo à França.

Esperaria que todos dormissem e entraria na floresta sem ser vista para esconder minha mala na caverna. Seria perigoso, porém necessário, pois não poderia me dar ao luxo de ter que me explicar para quem quer que fosse. Qualquer deslize ou incoerência poderiam colocar todo o plano em risco.

Assim que tive certeza que poderia sair sem ser vista eu fui rumo a clareira. Atravessei a floresta silenciosa e cuidadosa. Não me deixei ser vista nem mesmo quando me aproximei do rio Emor. A parte mais perigosa de meu caminho, já que não havia muitos lugares para me esconder em seu entorno.

O frio era cortante, mas eu resisti a isso também e

PERIGOSAS ACHERON

entrei na caverna. Caminhei com cuidado para ter certeza de que não havia mais ninguém além de mim. Escondi a mala atrás de uma das rochas no fundo da caverna, próximo ao lago termal.

Senti-me tentada a ficar próxima a água e assim aproveitar seu calor, mas tinha que voltar logo. Quanto mais demorasse mais perigoso tudo seria.

Ao voltar para casa fiquei em minha cama considerando todos os motivos que tinham me levado até ali.

Tentei dormir, mas os pesadelos se repetiam, sempre com as mesmas imagens e então decidi ficar acordada me concentrando em não falhar. E talvez aquela tenha sido a noite mais longa de minha vida.

Ao amanhecer saí do quarto e me deparei com as meninas correndo para cozinha, as segui e encontrei uma bela refeição matinal. Não sabia como tinham conseguido, mas não ter visto nem um pedaço de carne me fez excluir Lucius como provedor.

Saí antes que me convidassem para ficar. E voltei para a clareira. Caminhei lentamente. Não havia pressa para que o dia passasse e ao chegar de frente

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

para a floresta de Ulric, não resisti a tentação e fui pelo mesmo caminho que sabia que poderia encontrar Lucius.

A floresta estava silenciosa e isso me fez sentir ainda mais só. Fez-me sentir vazia e entre as árvores e o silêncio me permiti chorar. Estava angustiada e tensa com tudo que estava prestes a acontecer. Pensei em minha mãe, em como deveria ter sido para ela fracassar em todas as suas tentativas de sobreviver. No quanto ela deve ter se agarrado a esperança e como teria se sentido ao ver a morte se aproximar com a rapidez de um machado.

Eu não estava disposta a ter o mesmo destino, não iria deixar que tudo que minha mãe lutou para conseguir morresse.

Eu iria até o fim, eu seria uma sobrevivente e para isso não poderia ser fraca. Não poderia e não iria.

PERIGOSAS ACHERON

A noite em fim chegou e vesti-me com um dos vestidos preferidos de minha mãe. Lembrava-me de já ter ouvido a senhora Liandra dizer inúmeras vezes o quanto ela o amava. O quanto se sentia bonita e especial com ele. Prendi o pergaminho por dentro do meu espartilho e com o frasco em minhas mãos eu parti para a celebração. Saí antes que todo mundo e ao chegar avistei o grande caldeirão prata vindo do castelo, ser colocado no salão principal da casa dos Ambars. Eu me aproximei assim que vi os empregados saírem de vista. Derramei todo o líquido antes de colocarem os primeiros ingredientes na água. Sabia que ao ser aquecido o líquido aumentaria sua eficácia e ao se misturar com os ingredientes seu gosto se tornaria imperceptível.

Sentei-me para observar os convidados chegarem. No fundo sabia que não deveria ficar olhando aqueles rostos. Sabia que seria assombrada por eles em meus pesadelos. Mas não conseguia evitar. Talvez tivesse uma insana necessidade de me punir por minhas escolhas. Uma forma consciente de receber as consequências e de nunca me esquecer de tudo que tivera que fazer para chegar aos meus

PERIGOSAS ACHERON

sonhos e ao meu destino.

Minha pequena família, se é que poderia chamá-los assim passaram por mim e me ignoraram, mas não me resenti! Não dessa vez.

Sarah usava um de seus vestidos comuns, sem nada que a tornasse especial e ficou todo o tempo ao lado de seu pai como se pudesse impedi-lo de beber.

Beca e Nancy desfilavam com seus vestidos de festa e brincavam em volta do caldeirão como se estivessem em um baile, mas a presença da pequena irmã de Lucius me causou estranheza. Olhei para todos os lados para ter certeza de que ele também estava ali.

No fundo sabia que haveria danos colaterais se caso pessoas de aldeias vizinhas viessem a celebração, mas nunca imaginei que Lucius estaria entre eles.

Caminhei por todo casarão a procura dele. Não poderia deixá-lo morrer, precisava dele e o queria vivo.

Caminhei e em vão. Não conseguia encontrá-lo. Sua irmãzinha não teria vindo sem sua rígida inspeção. Sabia que ele estava lá, mas onde?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Os guardas já estavam a postos. A hora estava chegando.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 29

A Revelação

Antéria, 1546
Sarah Turner

A cordei ainda de madrugada
com a sensação estranha de

que alguém estivera lá me observando. Depois disso abri minha janela e não consegui mais dormir.

Levantei-me e fui para cozinha preparar a nossa refeição matinal, algo que minhas irmãs nunca tiveram. Fiz bolos e biscoitos e as esperei acordar. Estavam radiantes. Empolgadas com a celebração. Beca queria usar o vestido de Nancy. Queriam usar novamente os vestidos do meu fracassado noivado. Na verdade queriam que eu usasse o meu também, mas eu não conseguiria. Para elas eram apenas tecido, mas para mim eram como partes daquelas mulheres que passaram anos de sofrimento e angústia.

Meu pai acordou e veio juntar-se a nós, parecia envergonhado. E tentou esconder de todas as formas os machucados do dia anterior.

Fiz as meninas voltarem para seus quartos com a promessa de que as ajudaria a escolher os vestidos e assim que foram pude conversar abertamente com ele.

– Quer mesmo ir a essa celebração? – perguntei segurando sua mão.

– Claro querida! – respondeu com um sorriso dolorido.

– Haverá muita bebida, não acho que deveria ir.

– Você estará ao meu lado e não me deixará beber – e apertou minha mão de volta.

Suspirei fundo, cortei para ele uma fatia do bolo e fiquei o observando. Ele parecia uma criança e eu não poderia deixá-lo ir sozinho. Teria que cuidar dele.

O deixei na cozinha e fui ajudar as meninas, mas ao passar pelo quarto de Clarissa o encontrei vazio e com a porta entre aberta. A cama parecia arrumada demais. Pensei que talvez ela nem tivesse passado a noite em casa. E bastou apenas esse pensamento para que imagens dela e Lucius se beijando na caverna tomassem conta de minha mente. Foi o suficiente para destruir qualquer expectativa para aquele dia.

Ajudei as meninas a se decidirem e para mim peguei apenas um velho vestido de minha mãe. Ele estava velho e puído, mas me trazia boas recordações. Amava quando ela o usava e estar com ele me trazia um pouco dela e isso era bom em meio a tanta dor.

O dia estava avançando e não demoraria muito para a noite cair. O clima estava bem ameno. Não

PERIGOSAS ACHERON

havia neve caindo do céu e nem vento. Era bom poder sair sem sentir o corpo inteiro protestando quanto ao frio, mas antes que saíssemos de casa, uma visita fez tudo mudar.

– Sou eu Lisbeth, irmã de Lucius – disse antes de me abraçar. – Preciso falar com você. – suplicou.

– O que aconteceu Lis? – perguntei preocupada. – Lucius está bem?

– Minha mãe e Lola partiram para a Escócia esta noite e Lucius, embora diga estar bem, sei que ele precisa de você! – respondeu ainda me abraçando.

– Estamos indo a uma celebração na casa dos Ambars, e se quiser poderá vir conosco – a afastei para poder olhar em seus olhos.

– Obrigada Sarah, mas espero que pense no que eu disse, porque não posso demorar a voltar!

– Também não pretendo demorar nessa celebração! Fique tranquila! – respondi sorrindo para ela.

Pensei em questioná-la sobre o porquê de sua família está partindo para Escócia, mas ouvir que Lucius precisava de mim tornava tudo diferente. Insignificante.

Estranhei o fato dela não ter ido falar com

PERIGOSAS ACHERON

Clarissa. Teria nos confundido como todos faziam?

A maioria por não conviver muito conosco acabavam por nos confundir. Acho que o fato de ruivas serem tão raras em Antéria nos tornavam como uma única referência, porém a expectativa de vê-lo de novo deixou meu coração em chamas. E em momentos assim eu esquecia todo o resto e voltava a sorrir.

Não demoramos muito a chegar a casa dos Ambars, e para minha surpresa tudo estava realmente bonito, enfeites nas cores de Antéria enfeitavam tudo ao redor. Fitas vermelhas e amarelas eram distribuídas por oficiais e um grande caldeirão prata fumegava com algo parecido com uma sopa quentinha e deliciosa.

Queria muito comer algo, mas precisava ficar de olho em meu pai. Ele não poderia ficar sozinho ou beberia de novo.

As meninas pareciam felizes e meu pai ainda não havia reclamado da minha companhia, apesar de sempre lançar olhares suplicantes para as garrafas de vinho que sempre passavam por nós.

– O senhor vai conseguir papai – disse segurando seu braço com firmeza. – E no mais sempre terás a PERIGOSAS ACHERON

mim.

– Sou um homem de sorte, assim como o jovem Lucius – respondeu se virando de frente para mim.

– Sorte por ele ter Clarissa? – perguntei ao perceber que até mesmo meu pai já estava ciente da relação entre eles.

– Não diga tolices minha filha! O coração de Lucius pertence a você, tanto quanto o seu pertence a ele – disse com uma serenidade que me roubou as palavras.

– Ele não me ama – respondi sentindo meus olhos arderem. – Sei disso.

– Lucius ama você, e foi culpa minha ele ter se afastado – continuou ele abaixando a cabeça. – Eu o proibi de cortejá-la na noite em que foi curada com as rosas da montanha, eu queria que você tivesse mais da vida que apenas um mero caçador.

– Não poderia ter decidido isso por mim – e as lágrimas caíram sem que eu pudesse evitar. – Eu o amo papai, eu o amo.

– Eu sei querida, por isso peço lhe perdão – E se ajoelhou aos meus pés. – Perdoe-me filha.

Eu me ajoelhei no chão de frente para ele e o abracei. Eu já não ligava para o passado, ou para

PERIGOSAS ACHERON

tudo que havia acontecido desde então. Apenas a palavra amor ressoava por meus ouvidos, quase que formando uma canção.

“Ele me amava, sim! Ele me amava.”

Ergui meu pai do chão e pedi Nancy, Beca e Lis para cuidarem dele e corri para a floresta de Ulric ainda mais desesperada que da primeira vez. Corri como se pudesse voar e atravessar todo o caminho para chegar até ele em segundos.

Ao chegar a clareira, adentrei pela floresta sem me preocupar com nada. Tinha uma noção bem melhor do que deveria fazer, por onde passar e quando me esconder. Era quase como uma dança e eu estava leve, flutuante e apaixonada.

“Lucius me ama!” – repetia para mim mesma como se isso fosse tudo que eu precisava para prosseguir.

Antes de chegar à metade do caminho ouvi o som de cavalos se aproximando. Escondi-me para não ser vista.

Era o bando de Brown. Estavam todos reunidos para caçar uma mulher. Não reconheci o nome que eles repetiam uns para os outros. Escutei também que havia uma criança e fiquei assustada. Não conseguia imaginar o porquê de estarem tão desesperados. Temi pelas duas almas que seriam caçadas por aqueles monstros.

Continuei escondida até meus joelhos protestarem. Estava agachada atrás de um monte de neve que se erguia a frente de uma árvore.

Assim que ouvi o trotar dos cavalos rumo ao caminho que eu teria que seguir para chegar a casa de Lucius, eu me movi rapidamente e decidi ir em direção a caverna acima do rio Emor. A mesma que Lucius havia me levado e o fato dela ter sido testemunha do beijo que Clarissa dizia ter ganhado dele, não me atingia mais, pois agora eu nem mesmo acreditava que tivesse sido real.

Cheguei à caverna e me escondi em seu interior. Estava com medo de ser pega pelo bando de Brown antes de falar com Lucius, antes de dizer que o amava também.

Ao me aproximar da fonte termal uma rocha que se erguia ao lado da parede de pedra me pareceu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

um bom esconderijo caso fosse necessário, mas ao chegar próxima a rocha me deparei com algo conhecido. A mala de Clarissa estava escondida lá, mas eu não conseguia entender o motivo.

Estaria tramando fugir com Lucius? Mas se ele realmente me amava que sentido tudo aquilo teria?

Sentei-me sobre a mala e fiquei pensativa, queria saber o que Clarissa escondia, e desvendar seus segredos. Tentar entender porque ela estava tão misteriosa desde o anúncio da morte do rei.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 30

A Dor

Antéria, 1546
Lucius Ganner

manheceu e não estava tão

A frio como nos dias anteriores. Pensei que poderia ser um sinal dos céus de que estava tomando a decisão certa e elas pelo menos teriam uma viagem mais tranquila.

Entrei em casa e reuni todos na sala. Queria poder olhar para cada uma delas. Gravar cada expressão para me lembrar durante o tempo em que ficaríamos separados.

– O que está acontecendo Lucius? – perguntou Lis tentando me decifrar como sempre fazia.

– Você irá com Stell para a Escócia – disse tentando me manter firme. – Será melhor para que Lola tenha o bebê em paz e segurança sem que o nome de vocês seja manchado ou que fiquem faladas.

– Não irei! – gritou Lis agarrando-se a mim. – Não deixarei você!

– Não é negociável Lis! – disse me ajoelhando de frente para ela.

– Filho então venha conosco – suplicou minha mãe com a mão sobre o meu ombro.

– Eu não posso – respondi retribuindo o carinho.
– Eu ficarei e farei com que tudo esteja bem para
PERIGOSAS ACHERON

quando voltarem, o que não demorará mais que os meses necessários para que Lola tenha o bebê, e as trarei de volta.

– Obrigada Lucius – disse Lola se juntando a nós no chão. – Obrigada meu irmão.

Lis continuou presa a mim sem pronunciar mais nenhuma palavra, apenas podia sentir suas lágrimas molharem minha camisa.

Despedir-me delas mesmo sabendo que seria por pouco tempo estava sendo tão doloroso quanto enterrar meu pai, mas não podia pensar em mim. Elas eram minha prioridade, minha vida.

Stell trouxe Bree para se juntar a nós e começou os preparativos para a viagem. Eu fui incumbido de conseguir uma carruagem até Durham e de lá o tio de Stell as levaria em sua carruagem para Edimburgo.

Eu não tinha muitos amigos, mas sabia que o senhor Brandon poderia me ajudar a conseguir uma. Deixei minha mãe e minhas irmãs sob o cuidado de Stell e fui até ele pedir ajuda.

Ao chegar ele me recebeu com muita alegria. Achava-me um herói e quando lhe expliquei a situação ele mesmo se ofereceu para levá-las.

PERIGOSAS ACHERON

Fiquei tão agradecido que prometi lhe dar toda caça que conseguisse. Não era muito, mas era o melhor que tinha a lhe oferecer.

Voltei para casa animado com a notícia. Pelo menos ficaria menos preocupado sabendo que elas estariam com alguém de confiança.

Ao anoitecer encontrei Lis sentada na escada da casa da árvore chorando.

– Não me obrigue a ir, por favor – suplicou ela.

– Não tenho escolha Lis – disse sentando-me ao seu lado.

– Quero ficar com você! – E me abraçou tão apertado que quase desisti de deixá-la ir.

– Preciso que cuide delas por mim – disse limpando suas lágrimas. – Estariam perdidas sem você!

A levei para casa e contei a todas elas sobre a carruagem. Mamãe se sentiu bem mais tranquila ao saber que seriam levadas pelo senhor Brandon. Eles eram amigos de longa data e papai também o estimava muito.

Era um alívio ver tudo se encaminhando para um final feliz. Pelo menos por ora elas ficariam bem.

Passamos o restante daquele dia todos juntos,
PERIGOSAS ACHERON

aproveitando o tempo que nos restava para conversar e tentar escolher um nome para o bebê.

– Tenho certeza que é um menino! – disse colocando a mão direita sobre a barriga de Lola.

– Mais uma menina, eu espero! – disse mamãe. – Apesar que um menino também seria muito bem vindo a nossa casa.

– E que venha com saúde! – bradou Stell.

E estava sendo maravilhoso poder desfrutar da companhia delas. Não me lembrava de já ter feito isso antes e me arrependia por isso.

Enquanto falavam, eu ficava as observando. Era triste pensar que ficaria tanto tempo sem vê-las. Era triste imaginar que não as escutaria ou que não teria ninguém a me esperar.

Pensei em Sarah, em como gostaria de ter a chance de compartilhar com ela esses sentimentos. De uma maneira estranha eu sabia que ela me entenderia e que me ajudaria a sentir melhor.

Quando a noite chegou o senhor Brandon veio até nossa casa, sua carruagem estava preparada para longa viagem até Durham e mesmo achando que estava preparado, foi doloroso demais me despedir.

Abracei Lola e brinquei com meu sobrinho que

PERIGOSAS ACHERON

crescia em seu ventre e lhes desejei boa viagem. Mamãe veio em seguida e ainda ajeitando minha roupa me pediu para ter cuidado e para me alimentar e dormir já que não precisaria ficar a todo o momento em estado de alerta.

Stell e Bree me envolveram em um abraço apertado. Minha estranha amiga que tanto tinha feito por mim e que mesmo quando poderia estar livre continuava a me ajudar.

Quando poderia retribuir a altura? Talvez nunca fosse possível!

– Vá em busca da sua Sarah e não deixe nada atrapalhar o amor de vocês – disse e entrou na carruagem.

Deixei Lis por último. Acho que não imaginava que poderia ser tão difícil me despedir de alguém, principalmente da minha garotinha. Minha pequena amiga, minha pequena Lis.

– Me deixe ficar, por favor, ou eu fugirei – e balançou a cabeça negativamente. – Mas não irei para a Escócia! – gritou.

Minha mãe voltou para onde estávamos e

PERIGOSAS ACHERON

entregou a malinha de Lis para mim

– Cuidem um do outro – Lis a abraçou e olhou para mim como se não acreditasse no que estava acontecendo.

– Obrigada mamãe – disse Lis a abraçando. – Cuidarei bem dele.

Lola e Stell vieram também para se despedir de Lis. Bree caminhou ainda desajeitada e agarrou as pernas dela e quase não a libertou. Elas tinham se tornado parte da família e a pequena Bree gostava tanto de Lis que pareciam irmãs de verdade.

Mamãe beijou a nossa testa e voltou para a carruagem. Abracei Lis e ficamos lá ambos esperando que a carruagem sumisse de nossas vistas.

– Acho que nem mesmo mamãe aguentaria me ouvir chorar durante a longa viagem! – falou após uma gargalhada.

– Estaria melhor com elas, mas não posso dizer que não fiquei feliz por você ter ficado!

– O que seria de você sem mim? – e sorriu. – Agora temos que pensar em como você irá se declarar para Sarah!

– Deixaremos o tempo conduzir o melhor

PERIGOSAS ACHERON

momento!

– Hum... isso significa que haverá um momento!
– disse com os olhinhos semicerrados, provavelmente tramando algum plano.

Ela pegou sua mala e voltou para casa dizendo que ia ajeitar suas coisas de volta em seu quarto e eu fui para casa da árvore.

Deitei-me no chão pensando no que poderia fazer para conversar com Sarah e enfim dizer a verdade. Acabei adormecendo. Estava cansado. Não tinha conseguido dormir quase nada já havia dois dias. E talvez por isso tenha dormido bem mais do que deveria. Nem mesmo conseguia definir quanto tempo tinha ficado ali. Levantei-me preocupado e fui até a casa ver se Lis estava bem, mas não havia ninguém.

Não conseguia entender o que poderia ter acontecido. Dei pelo menos quatro voltas em torno da casa, mas não havia rastros dela.

Corri pela floresta para tentar encontrá-la, mas para minha surpresa Clarissa era a única em meu caminho.

– O que faz aqui? – perguntei ainda tentando ver se Lis estava por perto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Lucius? – disse ela já se jogando em meus braços. – Fiquei tão preocupada quando vi Lis com Sarah e as meninas na celebração.

– Lis? – perguntei a afastando de mim. – Onde você a viu?

– Estava com Beca e Nancy na celebração

Ao ouvir aquelas palavras disparei de volta pela floresta. Precisava chegar até a aldeia.

– Lucius espere! – gritou Clarissa me segurando pelo braço. – Não pode ir até lá agora!

– E por que não? – perguntei puxando meu braço de volta.

– O rei revogou o banimento deles e para celebrar fez um banquete na casa dos Ambars, mas alguém lá estava infectado com a peste e agora todos estão condenados. – As palavras dela caíram com uma rocha sobre mim. – Lis, Sarah e todos os presentes já devem estar mortos a essa hora.

– Não! Não! Por que elas estariam mortas? – Eu nunca poderia aceitar isso. – Irei até lá.

– Não vá! Eu vi boa parte deles e lhe asseguro que não há como alguém ter escapado, então não vá! – disse puxando-me novamente para junto dela.

– Está mentindo – gritei. – Elas não podem estar

PERIGOSAS ACHERON

mortas! Não! – Senti todo o meu corpo latejar em desespero. Aquilo não era real, não poderia ser real.

– Fuja comigo para a França e lhe ajudarei a se vingar de todos os responsáveis – disse tentando novamente se aproximar. – Há um cavalo próximo a caverna que você me levou, podemos fugir nele até o porto, pois amanhã assim que nascer o dia poderemos pegar um navio para a França!

– Como você escapou se acabou de dizer que ninguém conseguiria? – perguntei desconfiando de sua boa vontade para comigo, afinal aquela era Clarissa Walker.

– Eu fui avisada antes de tudo acontecer – disse cautelosamente. – Queriam me matar, mas eu não permiti que acontecesse.

Antes que ela conseguisse dizer mais alguma coisa, eu a segurei. Ela se debateu, tentando se libertar e gritando para que eu a soltasse. Ignorei seus protestos e a levei até a casa da árvore. Amarrei-a com as cordas que guardava para prender animais maiores. Não queria machucá-la, mas também não poderia deixá-la livre caso o que estivesse dizendo fosse verdade.

– Por que apenas você sobreviveu? Por que há

PERIGOSAS ACHERON

um navio a sua espera? – Não fazia nenhum sentido. – Você orquestrou tudo isso, não foi? – gritei sentindo o ódio pulsar em minhas veias.

Lembrei-me de todas as vezes que ela citou o quanto sua sobrevivência era importante. O quanto sua arrogância e ego estavam acima de qualquer um, mas como poderia deixá-la ir se tivesse causado a morte da minha irmãzinha e da mulher que eu amava?

Deixei-a presa e saí da casa da árvore rumo a aldeia de Sarah. Precisava atestar as palavras de Clarissa.

– Não pode me deixar aqui, não seja tolo! – gritou enquanto me via descer da casa da árvore.

Corri pela floresta com a urgência me impulsionando a ser ainda mais rápido. Estava completamente transtornado. E quando cheguei a clareira, vi a comoção de diversos soldados da corte, e das pessoas da aldeia assustadas.

– O que está acontecendo? – perguntei a uma senhora que tremia enquanto observava o casarão.

– O cobrador de impostos da aldeia fez uma celebração para os amaldiçoados dos Edgell e agora todos naquele casarão estão mortos. – disse com os

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

olhos arregalados como se realmente acreditasse no que estava dizendo. – Os soldados estão com medo de entrar, pois dizem que eles têm a marca da peste e por isso irão queimar tudo, para que a praga não se espalhe.

Guardas reais com tochas acesas tomavam posição ao redor do casarão. Tentei me aproximar mais, porém fui impedido.

– Não pode ficar aqui ou morrerá também – gritou um dos oficiais. – Foram todos tomados pela peste.

Eu o ignorei e continuei a avançar até que cheguei a uma das janelas e vi os corpos, todos tomados pelas manchas da peste, mas parei de olhar assim que vi Lisbeth, seu rostinho quase irreconhecível, e antes que pudesse pular a janela fui segurado por alguns soldados. Eles não me permitiram entrar e na tentativa de escapar deles acabei sendo jogado no chão. Bateram em mim até que eu perdesse os sentidos. Quando acordei ainda no chão e ferido vi o fogo consumir tudo o que era mais importante na minha vida.

– Tantas vidas perdidas para que apenas uma pudesse sobreviver – ouvi um dos oficiais dizer.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

– Você pegou a mecha ruiva para levar ao castelo? – perguntou ainda outro.

– O fogo e as cinzas são nossas maiores provas, então agora vamos! – respondeu o oficial a frente do grupo juntando todos eles e subindo em seu cavalo.

Com aquelas poucas palavras tudo fez sentido. Clarissa queria que Sarah morresse para que ela ficasse livre e fugisse para a França. Ela era um monstro. E eu tinha falhado mais uma vez e me odiava por isso.

Assim que ouvi o som deles se afastarem, eu reuni o pouco de forças que ainda tinha e me levantei.

– Maldita seja Clarissa! – gritei enquanto o fogo consumia tudo.

As pessoas apenas observavam o fogo e a fumaça como se aquilo fosse um espetáculo teatral. A maioria não parecia nem mesmo se importar com o que tinha acabado de acontecer. Caminhei até o mais próximo que o fogo permitia, mas dava apenas para ver as chamas dentro do casarão e a fumaça negra manchando o céu.

Caminhei de volta para a floresta me sentindo
PERIGOSAS ACHERON

tonto e tentando manter meus olhos fixos no caminho, porém nada fazia sentido. Caminhei até que cheguei à beira do rio Emor. Não havia mais nada para mim. Sabia que Stell cuidaria de minha mãe e de Lola, mas eu não conseguiria viver sabendo que tinha falhado com Lis e com Sarah. Entrei naquelas águas geladas, disposto a acabar com a dor que dominava meu coração. Mas antes que me deixasse ser levado pela correnteza, escutei uma voz. Uma voz que despertou o pouco que tinha restado de mim.

– Lucius? Você está bem? – perguntou Sarah me virando de frente para ela.

Não contive a emoção e ainda com o rosto tomado pelas lágrimas eu a beijei. Eu a apertei contra meu corpo como se a qualquer momento ela fosse se transformar em cinzas. Eu esqueci todo tipo de formalidade e a beijei novamente.

– Eu te amo Sarah, eu não posso viver sem você! – disse trêmulo revezando entre beijá-la e olhar em seu rosto.

Não parecia real, mas não me importava que estivesse louco, não importava porque se a loucura me fizesse vê-la de novo, eu então seria um louco

PERIGOSAS ACHERON

feliz.

Ela me abraçou em resposta e tocou meu rosto com tanta delicadeza que voltei a ter aquela sensação angustiante de que ela não era real.

– Meu pai me contou toda verdade, ele disse que você me amava e eu não pude esperar mais! – disse ela como se não soubesse o que estava acontecendo. Disse ignorando meus machucados.

– Seu pai? – respondi segurando seu rosto em minhas mãos.

– Sim, ele me contou tudo durante a celebração e eu vim às pressas contar a você que eu também o amo, amo, amo... – disse entre os beijos que me dava.

Eu a afastei e me virei de costas tentando pensar no que dizer.

Como poderia contar-lhe a verdade? Contar-lhe que estavam todos mortos?

– Lucius você estava caçando? – perguntou tentando me virar de volta para ela. – Lis apareceu em nossa casa, disse que você precisava de mim, mas não levei muito a sério já que imaginava que PERIGOSAS ACHERON

ela estava me confundindo com a Clarissa, mas quando meu pai contou a verdade eu deixei Lis com ele e com minhas irmãs, mas já devem estar preocupados por isso preciso voltar para lá.

Eu não conseguia olhar para ela. Não conseguia dizer nada.

– Não acho que é seguro ficarmos aqui. O bando de Brown estava a procura de uma mulher e de uma criança, e por isso me escondi na caverna, mas a qualquer momento eles podem voltar!

Quanto mais ela falava mais sem saber o que fazer eu ficava. Não sabia como contar. Não sabia.

Brown era o que menos me preocupava. Stell, Bree, Lola e mamãe estavam seguras, mas pensar que eu poderia ter feito com que Lis entrasse naquela carruagem. Que ela poderia estar viva se eu tivesse insistido um pouco mais estava me deixando sem ar. Caí de joelhos no chão, não conseguia mais conter o desespero. Sarah se ajoelhou de frente para mim ainda sem entender o que estava acontecendo.

E como eu poderia contar a ela?

– Lucius o que houve? – insistiu tentando me

PERIGOSAS ACHERON

fazer olhar para ela.

– Um incêndio! – respondi em fim.

– Incêndio? Onde? – perguntou olhando a sua volta.

– Na casa dos Ambars, durante a celebração – balancei a cabeça negativamente – Não há sobreviventes no casarão!

– Não... Estavam todos bem quando os deixei lá – respondeu se levantando.

– Eu vi os corpos – respondi tentando abraçá-la.

– Não... Não... Você está enganado – respondeu tentando se libertar, mas eu a apertei ainda mais firme contra meu peito.

Ela estava sofrendo e eu não podia fazer nada. E aquela sensação era agonizante.

– Eu preciso ter certeza – disse tentando olhar para mim ainda incrédula.

Caminhamos abraçados pela floresta, ambos consumidos pelo silêncio e pela dor. Não havia sons a nossa volta. Nem mesmo o vento ousou nos tocar. Era mórbido passar por aquela paisagem branca e inerte. Uma floresta antes tão assustadora para alguns, naquele momento ela não era nada além de uma barreira para chegarmos a aldeia.

PERIGOSAS NACIONAIS

Chegamos mais rápido do que deveríamos à aquela cena horrível. O fogo já havia consumido tudo e se espalhava rapidamente para os arredores.

– Nãaaaaao... – gritou Sarah indo em direção ao casarão.

Eu a segurei e a abracei. Deixei que ela chorasse em meus braços até que ambos perdemos as forças e nos ajoelhamos no chão.

– Não pode ser real – disse ela se prendendo a mim com seu corpo trêmulo e fraco. – Eles estavam bem, estavam felizes. Beca e Nancy estavam com seus vestidos de festa, eu as arrumei, eu as preparei para a morte – E voltou a chorar desesperadamente.

A carreguei em meu colo até a caverna e me deitei ao seu lado fazendo carinho em seu rosto. Tentando ser forte. Tentando dar a ela a força que eu não tinha nem mesmo para mim.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 31

Consequências

Antéria, 1546
Sarah Turner

A alegria de encontrar Lucius
tinha sido como imaginei

nos meus sonhos. Ele estava entrando no rio Emor e eu não resisti ao impulso de ir até ele e foi maravilhoso me sentir amada, era como um sonho, mas muito melhor. Era real.

Ele tomou a iniciativa dessa vez. E a cada beijo eu me sentia mais completa, feliz e eufórica. Era como uma festa em meu coração.

Tinha passado tanto tempo imaginando que o amava sozinha. Que teria um destino sem amor. Que Clarissa tinha seu coração e que ele sentia apenas pena ou compaixão por mim ou uma certa empatia por ambos termos perdido pessoas amadas.

Ele estava chorando e eu também, porém os motivos não eram os mesmos.

Como eu poderia ser tão tola?

É claro que nada de bom poderia vir sozinho para mim. A vida já devia ter me ensinado isso e ao ouvi-lo dizer que todos eles estavam mortos eu não acreditei.

E como poderia? Tinha os deixado na celebração e tudo estava bem. Estavam felizes. Eu ainda conseguia ver as meninas correndo e brincando

PERIGOSAS ACHERON

com seus vestidos bonitos. Conseguia sentir o abraço de meu pai e a expressão de alegria em seus olhos ao me contar a verdade sobre Lucius.

Conseguia ver as fitas vermelhas e amarelas balançando ao ritmo do vento e as risadas em volta do caldeirão.

Quando caminhamos de volta para a floresta eu estava me sentindo como um balão. Vazio e flutuante. Como se pensar ou lembrar fossem me fazer desabar em um infinito labirinto de dor. E chegar a aldeia e ver o fogo e as cinzas pairando sobre tudo que outrora era vida fizeram meu coração sangrar e a dor estava sendo insuportável. Eu tinha perdido tudo.

Agarrei-me a Lucius com todas as minhas forças. Ele era a única coisa que ainda me prendia a beira do abismo. Era como uma corda presa a minha cintura, algo firme o bastante para não me deixar cair. Não saberia o que teria feito caso não o tivesse ali.

Ele me carregou até a caverna e continuou com seus braços em volta de mim. Era como um casulo de borboleta e eu ainda não me sentia pronta para sair dele. Não queria ser tocada pela realidade de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

novo. Queria apenas dormir e acordar com as gargalhadas de minhas irmãs e com o abraço de meu pai.

Ainda deitada sobre aquele chão de pedras eu olhei a minha frente e a rocha que tinha servido como esconderijo me fez lembrar algo que quase passou despercebido por causa da dor.

Levantei-me ainda sentindo o ar entrar com dificuldade e peguei a mala de Clarissa.

– O que é isso? – perguntou Lucius olhando para ela.

– É a mala de Clarissa – respondi me ajoelhando no chão para abri-la.

– De Clarissa? – perguntou se ajoelhando ao meu lado.

– Ela também estava na celebração – disse imaginando que o fim dela tinha sido talvez mais doloroso do que o da própria mãe.

– Clarissa não está morta – disse tentando ler meu olhar. – Temo que ela seja a responsável por tudo.

Assim que eu ouvi suas palavras minha dor abriu caminho para o ódio. Como eu poderia não ter pensado nisso? Claro que Clarissa estaria envolvida.

PERIGOSAS ACHERON

Ao abrir a mala um envelope com o selo real chamou minha atenção. Era uma carta da rainha falando sobre a morte do rei e de uma conspiração feita pelo conde Hughes, mas a carta da rainha da França me deixou ainda mais espantada. Clarissa realmente havia tramado tudo. Ela faria qualquer coisa para sobreviver, mas nunca tinha imaginado que ela poderia ir tão longe.

– Nunca saberemos de tudo e ela sairá ilesa! – respondi jogando a carta no chão.

– Eu a encontrei na floresta e foi por meio dela que descobri o que aconteceu – disse Lucius segurando minhas mãos. – Ela revelou seus planos a mim.

– E por que ela faria isso? – perguntei tentando ver a lógica no que ele havia dito. – Por que contaria a você?

– Ela imaginou que poderia me comprar para ir com ela para a França.

– França?

– Sim, amanhã ao nascer do sol um navio estará no porto a espera dela, para que se esconda enquanto uma trama já feita pela rainha comece a ser colocada em prática.

– Não posso permitir que ela fuja, não depois dela ter matado todos que eu amava.

– Eu a prendi na casa da árvore e não a deixarei escapar – me abraçou forte. – Fique tranquila!

– Traga-a até aqui! Preciso confrontá-la sobre isso, não posso deixar que ela destrua minha vida e que nada aconteça.

– Eu a trarei – disse selando minha boca com um beijo e saindo de volta para a floresta.

Minha família tinha a acolhido. Cuidado dela. Não tínhamos muito, mas o pouco era igualmente compartilhado. Minhas irmãzinhas gostavam dela, a admiravam. Como ela podia ser tão cruel? Eram apenas crianças!

Tantas vidas perdidas para que ela pudesse escapar.

Lembrei-me dos últimos dias. Da ausência dela. Dos olhares frios e até mesmo do tapa não retribuído. Ela não estava sendo benevolente, estava apenas à espreita do momento certo para matar a todos nós.

Ela era realmente uma Walker. Suas ações não

PERIGOSAS ACHERON

negavam ao sangue que corria em suas veias. Tal como seu pai ela era uma assassina.

Eu nunca tinha sentido algo tão forte quanto o ódio que sentia agora por Clarissa.

Eu queria vingança, eu queria que ela pagasse por tudo que tinha feito. Que sofresse as consequências.

Isso não traria nenhum deles de volta, mas era melhor do que vê-la prosperar em cima das cinzas dos que eu amava.

Capítulo 32

A Vingança

Antéria, 1546
Lucius Ganner

Quando descobrimos as cartas na mala de Clarissa tive a certeza que faltava para levar as palavras dela a sério.

Ela não mentira quando falou sobre sua ida para a França, mas ainda não conseguia entender como ela

PERIGOSAS ACHERON

poderia ter a coragem de me procurar após tudo que tinha feito.

Sarah estava sofrendo e eu também. Sofria por ela e sofria por Lis, era difícil aceitar que a minha irmãzinha nunca mais voltaria para mim. Eu deveria tê-la protegido. Odiava-me por ter dormido, por tê-la deixado tão indefesa, mas não poderia fraquejar e quando contei a Sarah sobre o que tinha feito com Clarissa e ela me pediu para trazê-la a caverna, eu não me neguei a ir. Ela merecia isso, merecia se confrontar com a causadora de todo aquele sofrimento.

Saí da caverna rumo a minha casa da árvore. Minha cabeça estava confusa. Era como estar preso a um pesadelo e sem nada que pudesse me fazer acordar. Ficava revendo todos eles jogados no chão com a pele tomada pela peste. Imaginando o sofrimento de cada um deles e essas sensações se misturavam ao sorriso e ao olhar puro da minha irmãzinha. Ela tentou cuidar de mim até o fim, tentou encurtar o meu caminho para a felicidade e eu não tinha feito nada em troca.

Cheguei a casa da árvore e Clarissa estava exatamente como a tinha deixado.

PERIGOSAS NACIONAIS

– Sabia que não me deixaria aqui por muito tempo – exclamou com ar de deboche.

– Não tem a menor noção do que você fez, não é? – perguntei me aproximando dela.

– Não fiz nada que qualquer outro não faria para sobreviver! Tinha que preservar a minha vida e se não o fizesse quem o faria por mim? – gritou jogando as cordas sobre mim e pulando nas minhas costas.

– Clarissa você me tirou algo muito precioso hoje! – respondi girando para tirá-la de cima de mim.

Ela caiu no chão, mas não desistiu, tentou novamente me derrubar.

– Pare ou irá se machucar! – gritei a segurando pelos braços.

– Me deixe ir ou irá se arrepender – gritou com ainda mais força enquanto tentava se libertar.

– Sarah está viva e por nada nesse mundo eu a deixaria para fugir com uma assassina – cuspi em sua cara, enquanto a segurava com as mãos para trás.

Desci com ela da casa da árvore, mas fui surpreendido por Brown e seu bando antes que
PERIGOSAS ACHERON

meus pés tocassem o chão. Eles me cercaram por todos os lados tornando impossível minha passagem.

Puxei Clarissa para trás enquanto Brown se aproximava.

– Lucius Ganner que prazer o encontrar novamente – disse Brown tirando a espada da bainha. – E será um prazer ainda maior se me disser onde escondeu minha mulher e minha filha.

– Não sei do que está falando – respondi olhando em seus olhos.

– Tens a coragem de mentir para mim tão descaradamente – gargalhou incentivando o bando inteiro a fazer o mesmo. As gargalhadas ecoaram como o som de gralhas ao vento. – Vou lhe dar mais uma chance de dizer a verdade e se você se comportar bem, talvez eu o deixe vivo para realmente se casar se já não tiver o feito.

– Minha resposta é a mesma – respondi sem deixar de encará-lo. Não iria nunca entregar Stell ou Bree a ele.

– Peguem a garota e tragam a testemunha – disse sinalizando para um de seus homens.

Um deles puxou Clarissa para junto de si,
PERIGOSAS ACHERON

provavelmente achando que era Sarah e outro trouxe um homem com as mãos amarradas e o jogou de frente para mim.

– Diga o que viu – disse Brown para o homem erguendo seu rosto para mim.

– Eu vi uma mulher na floresta caçando e a vi entrando nesta casa – respondeu inclinando a cabeça para minha casa.

– Quer pensar um pouco mais na minha pergunta anterior Lucius? – perguntou Brown colocando a espada em meu pescoço.

– Ela não está mais aqui – respondi erguendo meu pescoço por causa da espada.

– Hum... Não foi tão difícil foi? – disse sorrindo e colocando o braço sobre os meus ombros como se fôssemos velhos amigos. – Onde ela está agora? – perguntou com a voz serena.

– Não direi nada e suas ameaças de nada valerão para me obrigar – rosnei para ele.

– Corajoso, tenho que admitir que você é.. talvez corajoso demais para um homem prestes a morrer.

– Nada que disser me fará muda de ideia – completei.

– Nem mesmo se a vida dela estiver em jogo? –
PERIGOSAS ACHERON

perguntou me mostrando Clarissa com uma espada apontada para seu pescoço.

– Se fizer algo com qualquer um de nós continuará sem saber nada – mal sabia ele o quanto me importava com a vida dela.

– Amarre os dois na casa da árvore – disse para dois de seus homens.

Amarraram-nos de costas um para o outro e nos colocaram na casa da árvore. Fecharam a porta com força e apenas os sons dos passos descendo pelas escadas eram possíveis de se escutar.

– Juntos novamente! – gargalhou Clarissa tentando tocar minhas mãos que estavam presas junto às dela.

– Não se iluda, logo me livrarei de você! – respondi bruscamente.

Minha única preocupação era que Sarah viesse a minha casa ao perceber minha demora em voltar para a caverna. Temia por sua vida. Não sabia se seria forte o suficiente para decidir entre elas. Não saberia o que fazer.

Inclinei-me para olhar sobre a janela e vi os homens conversarem dentro de minha casa, dois deles próximos as escadas da casa da árvore. Eu

PERIGOSAS ACHERON

sabia que tinha que pensar logo em um plano para fugir dali.

Observei os dois homens que nos vigiavam irem para minha casa se juntar aos outros.

– Como conseguiu se soltar? – perguntei para Clarissa.

– Hum... precisa de mim agora caçador? – e riu.

– A menos que queira morrer aqui é melhor que diga logo! – Esbravejei.

– Há uma faca presa a minha bota, mas para pegá-la preciso que se jogue no chão, deitada posso conseguir mais facilmente.

Eu me inclinei para o chão para que nos deitássemos sem fazer barulho. Queria os manter o mais longe possível.

Clarissa conseguiu pegar a faca e com muita destreza cortou as cordas. Enquanto movimentava meus pulsos espiei novamente pela janela e vi os homens de Brown distraídos por alguma conversa que eu não conseguia ouvir. Provavelmente estavam tranquilos. Certos de que não teria como fugirmos.

– O que está fazendo Lucius – perguntou Clarissa enquanto eu abria uma passagem pela parte lateral

PERIGOSAS ACHERON

da casa. Era uma pequena portinha, um pouco mais estreita que a janela, porém mais comprida. O vestido de Clarissa não a deixava passar, por isso tive que ajudá-la a tirá-lo deixando-a apenas com as anáguas. Ajudei-a passar pela portinha e em seguida eu fiz o mesmo levando comigo todas as cordas.

Estávamos no lado oposto da árvore. Escondidos pelos galhos robustos do velho carvalho e assim que chegamos ao chão nos arrastamos até termos a certeza que eles não nos veriam adentrar pela floresta.

A caminhada era curta e quando estava certo que tínhamos escapado, eu segurei Clarissa pelo braço para que ela não tentasse fugir de mim. Tinha prometido a Sarah que a levaria para ela e cumpriria pelo menos essa promessa.

Capítulo 33

A conspiração

Antéria, 1546
Sarah Turner

Lucius já tinha saído há muito tempo e ainda não havia voltado. Estava preocupada, mas por medo de nos desencontrarmos eu fiquei aguardando.

Pelo menos esperaria mais algumas horas e se ele não voltasse eu iria procurá-lo. Não poderia perder mais ninguém, eu não suportaria mais esse golpe.

Enquanto aguardava voltei minha atenção para a mala de Clarissa. Retirei os vestidos e no fundo encontrei um monte de cartas envolvidas há um tecido aveludado.

Abri uma a uma. Algumas eram de minha tia Charlotte e falavam sobre os cuidados que ela queria para com sua única filha. Havia até mesmo cartas dela direcionadas a própria Clarissa.

Conheci um pouco mais através delas como era vida que ela levava antes de ser trazida para morar conosco. Uma vida bem melhor do que qualquer um de nós em minha casa poderíamos sonhar em ter um dia.

Conseguia entender de onde vinha toda a altivez dela. Todo aquele ar superior, mas cartas vindas da rainha me deixavam ainda mais enojada. Tramas e

PERIGOSAS ACHERON

informações privilegiadas sobre a vida na côrte.

Clarissa não parecia tão louca quando terminei de ler a última carta. Ela realmente tinha chances ao trono. Algo que todos nós julgávamos ser impossível.

Compreendi naquele momento o quanto o poder significava para ela. A vida de minhas irmãs e de meu pai valiam menos que o tão sonhado trono de Antéria.

Aquele maldito trono de madeira estaria para sempre manchado pelo sangue de inocentes, pelo sangue dos que eu amava e Clarissa pagaria por isso, e ao reler pela segunda vez as duas últimas cartas que ela havia recebido, eu tomei minha decisão. Sabia o que teria que fazer para que ela sentisse a minha dor.

Lucius chegou trazendo-a e a jogou aos meus pés.

– Não está vestida adequadamente vossa majestade – falou ela em tom de deboche.

– Tentando imitar a mim, pobre órfã? – disse sorrindo enquanto seu corpo tremia de frio.

– Ainda não entendeu, não é? – indaguei erguendo seu rosto. – Você perdeu Clarissa.

– Olhe para você Sarah e veja quem realmente
PERIGOSAS ACHERON

perdeu alguma coisa. – retrucou com frieza.

Dei um tapa em seus rosto e engoli seco para conter minha raiva. Não poderia perder o controle frente a ela.

– Você terá o que merece e lhe garanto que não é um trono – falei olhando em seus olhos.

– Vai me matar? – perguntou sem demonstrar medo. – Se for o faça agora, porque se eu me levantar não sobrará nada de você Sarah! – exclamou ela, a voz entrecortada, os dentes rangendo.

– Não... Não se precipite – falei sentindo um sorriso crescer em meus lábios. – Matar você apenas nos tornaria iguais e não Clarissa, nós não somos iguais, pelo menos não nesse sentido. – continuei tentando acalmar minha voz, falar com a suavidade de um conselheiro.

Pedi para que Lucius a amarrasse na rocha que ela havia usado para esconder sua mala. Clarissa se debateu e gritou a plenos pulmões tentando nos convencer com mentiras.

– Eu quero que tenha uma longa e miserável vida – exclamei me ajoelhando para poder ficar de frente para ela. – Você me tirou o que eu tinha de
PERIGOSAS ACHERON

mais precioso na vida e eu farei o mesmo com você! – falei com firmeza.

Escolhi um de seus melhores vestidos e o vesti na sua frente, arranquei-lhe do pescoço o colar que fôra de sua mãe e o coloquei em meu pescoço. Arrumei meu cabelo da mesma forma que eu a via fazer todos os dias. E olhando para ela eu sorri da mesma forma altiva e arrogante que ela e naquele meu pequeno momento de vingança eu beijei seu rosto.

– Viva eternamente sabendo que se alguém acenderá ao trono e viverá em um castelo cercado por servos e luxo, saiba que essa serei eu! – falei bem devagar para me deleitar do seu desespero.

– Todos vão saber que não sou eu! Você não conseguirá! – gritou se contorcendo, gritos esses silenciados por uma mordada que eu mesma coloquei em sua boca.

A deixei para trás e abracei Lucius na entrada da caverna e ele me envolveu em resposta em seus braços e me alinhou em seu corpo.

– Tem certeza que quer fazer isso? – perguntou aproximando seu rosto do meu!

– É a única certeza que tenho agora! – respondi
PERIGOSAS ACHERON

prendendo a respiração enquanto ele se inclinava para me beijar. A ternura e a delicadeza de seus movimentos fizeram meu coração saltar apesar da dor e ao mesmo tempo se encolher de pavor.

Estava completamente tomada pelo ódio de Clarissa. Tomada pelo desejo de fazê-la sentir na pele a minha dor, mas algo no fundo da minha alma temia em que esse sentimento poderia me transformar.

– Que Deus nos mantenha em segurança e que consigamos fazer o que deseja antes que minha família volte – continuou Lucius fechando os olhos como se doesse dizer a palavra família agora que Lis estava morta.

– Farei o que for necessário para conseguir minha vingança! – falei na perspectiva da escuridão que me aguardava e com o coração partido pelas lembranças daqueles que eu não veria nunca mais.

– Há um navio a nossa espera – sussurrei erguendo meu rosto para olhar para ele.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Agradecimentos

Gostaria de começar agradecendo ao meu marido pelo apoio e por sempre acreditar em mim. Por não me achar louca por ter tantas histórias na cabeça e pelas várias frases soltas e sem sentido que eu falo no decorrer do dia quando surge uma ideia nova. Amo você!

Como poderia não citar o nome da minha filha? Gabriella é com certeza uma das minhas maiores fontes de inspiração. A garotinha mais criativa e cheia de vida que conheço. Que tem tantas histórias divertidas na cabeça que falar com ela é como ter um lembrete constante da minha infância. É ver como meu cérebro funciona fora de mim. Tem o rostinho do papai, mas a mente da mamãe! Obrigada por ser minha alegria constante!

E a minha mãe, meu padrasto e ao meu pai! Por
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

serem com toda certeza minha base e meu exemplo! Amo vocês! Tenho que agradecer também meus irmãos queridos Tchiarles e Carla e aos meus sobrinhos lindos Pedro e Débora por serem minha alegria! Amo vocês mais do que podem imaginar.

Aos meus sogros Celton e Maria Aparecida e ao meu cunhado Gustavo por sempre me apoiarem e por todo carinho! Vocês são muito especiais para mim! Isso sem falar em todos os tios, tias e primos do meu marido que estão sempre presentes nas nossas vidas! Amo vocês!

Ao tio Antônio e tia Cristina, por serem esses seres humanos incríveis que me acolheram com tanto carinho e que fizeram os anos que passamos distantes se transformarem em nada. Obrigada por acreditarem em mim e no meu trabalho! Amo vocês!

A Gleyce Kelly por me ajudar a não desistir, mesmo quando mudei todo o enredo do livro! (Coisa de gente maluca, eu sei). Obrigada pelo apoio e por todo carinho de sempre! Amo você!

A Flávia Monastirsky Ott por ser a melhor revisora de todos os tempos. Seu trabalho foi PERIGOSAS ACHERON

impecável e você foi essencial para que a história subisse de nível. Passamos momentos incríveis discutindo o destino dos personagens, momentos esses que vou me lembrar sempre com muito carinho, então fique *suspe* que ainda temos muitos livros para trabalharmos juntas.

Não poderia nunca deixar de falar das minhas betas queridas, que sofreram e vibraram com cada conquista e cena deste livro: Jusciana, Gleyce, Samantha, Roseane e Flávia! Obrigada por me ajudarem com tanto carinho, mesmo recebendo textos enormes de madrugada, porque a escritora aqui só tinha esse tempinho para enviar! Obrigada por cada dica e por toda dedicação! Espero que tenham gostado do resultado final!

Ao meu capista e amigo Aldo Costas por SEMPRE me salvar e por seu trabalho impecável. É uma honra e um privilégio ter um amigo tão talentoso e prestativo! Saiba que pode contar comigo SEMPRE e espero um dia poder retribuir a altura!

E aos meus leitores um agradecimento mais que especial por acompanharem meu trabalho e por me darem tanto carinho! Vocês são os melhores!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sintam-se abraçados por mim!

PERIGOSAS ACHERON

Outras obras da autora:

Série Sempre Vai Haver Uma Canção

Sempre Vai Haver Uma Canção

Livro 1

Daiane Duarte

Diana é uma garota que cresceu sem acreditar no amor. Filha de um renomado advogado e de uma mãe depressiva, ela passa boa parte da vida reclusa em seu próprio mundo, onde a música é sua melhor companhia.

Ao entrar para a faculdade, ela se vê ainda mais longe de sua zona de conforto, já que Jessica, sua única amiga vai estudar em outra cidade. E em meio a todos os seus próprios conflitos internos, a jovem e tímida guitarrista encontra novos amigos e acaba se tornando parte de uma banda só de garotas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Além de todas as mudanças que chegam sem a visar em sua vida, Diana acaba se apaixonando pelo único garoto que não deveria, o que a leva ainda mais fundo para um mundo completamente novo, cheio de descobertas e novas paixões!

Uma história envolvente que o levará para os transtornos de uma mente cercada por belas canções.

PERIGOSAS ACHERON

Quando Nada Mais Importa

Livro 2

Daiane Duarte

Após assumir seu namoro com Talis e descobrir todo seu talento para a música, Diana perde a mãe e agora tem que conviver com pai que sempre fôra ausente.

Mas na busca pelo sucesso e pela felicidade Diana e Talis descobrem caminhos completamente diferentes. E quando tudo parece que não pode piorar, Talis tem que decidir entre viver o grande amor da sua vida, ou ir atrás de seus sonhos, e é entre essas milhares de decisões que surge alguém capaz de virar o mundo da Diana de cabeça para baixo.

Grandes revelações e paixões arrebatadoras colocam em cheque o que Talis e Diana realmente sentem um pelo outro. Será que tudo vale a pena

PERIGOSAS NACIONAIS

por amor? Ou realizar um sonho é mais importante?

PERIGOSAS ACHERON

O Outro Lado

Livro 3

Daiane Duarte

Após se decidir entre os gêmeos, Diana acredita ter feito a escolha certa, mas as dúvidas alheias e um acordo de paz feito com Talis, fazem com que ela parta numa viagem incrível para a Chapada Diamantina.

Enquanto isso Jéssica se prepara para o seu casamento dos sonhos e Eliza tenta lidar com o fim de seu namoro com Igor.

Com uma perspectiva completamente diferente dos outros livros, em O Outro Lado podemos entrar na mente de todos os personagens e assim aprender junto com eles o verdadeiro sentido do amor e de

PERIGOSAS NACIONAIS

como a música é capaz de imortalizar os momentos
mais importantes da vida!

PERIGOSAS ACHERON

Depois de Tudo

Livro 4

Daiane Duarte

Após a lua de mel dos sonhos na Nova Zelândia, Diana e Thor voltam para o Brasil e já recebem um choque de realidade por descobertas de um passado não tão distante.

Ainda no aeroporto Diana é sequestrada, levando Thor ao desespero. E mesmo tentando de tudo para ter sua esposa de volta, ele tem que lidar com a polícia e com o fato de ter se tornado o principal suspeito.

Contando com a ajuda de seus amigos e da enigmática Amanda, ele tenta resolver o caso a tempo de salvar a mulher que ama antes de ser condenado por um crime que não cometeu!

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O segundo livro da série Herdeiras tem previsão de Lançamento para 2019!

Acompanhe a autora:

[instagram.com/livrosdaiduarte](https://www.instagram.com/livrosdaiduarte)

[Facebook.com/duartedai](https://www.facebook.com/duartedai)

PERIGOSAS ACHERON